

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM ESTUDOS
LINGÜÍSTICOS**

Enoch Tótola Vieira Rosa

**POSPOSIÇÃO DE SUJEITO EM MANCHETES JORNALÍSTICAS:
UMA ABORDAGEM FUNCIONAL**

Vitória

2008

ENoch TÓTOLA VIEIRA ROSA

**POSPOSIÇÃO DE SUJEITO EM MANCHETES JORNALÍSTICAS:
UMA ABORDAGEM FUNCIONAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Estudos Lingüísticos.

**Vitória
2008**

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

R788p Rosa, Enoch Tótola Vieira, 1966-
Posposição de sujeito em manchetes jornalísticas : uma abordagem funcional / Enoch Tótola Vieira Rosa. – 2008.
129 f. : il.

Orientadora: Lúcia Helena Peyroton da Rocha.
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Espírito Santo,
Centro de Ciências Humanas e Naturais.

1. Ordem (Filosofia). 2. Funcionalismo (Linguística). 3. Sujeito e predicado. 4. Comunicação escrita. I. Rocha, Lúcia Helena Peyroton da. II. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Ciências Humanas e Naturais. III. Título.

CDU: 80

ENOCH TÓTOLA VIEIRA ROSA

**POSPOSIÇÃO DE SUJEITO EM MANCHETES JORNALÍSTICAS: UMA
ABORDAGEM FUNCIONAL**

**Dissertação apresentada ao Curso de
Mestrado em Estudos Linguísticos da
Universidade Federal do Espírito Santo –
UFES – como requisito parcial para obtenção
do grau de mestre.**

Aprovada em 10/03/2008

COMISSÃO EXAMINADORA

**Professora Doutora Lúcia Helena Peyroton da Rocha – Presidenta
Universidade Federal do Espírito Santo - UFES**

**Professora Doutora Hilda de Oliveira Olímpio
Universidade Federal do Espírito Santo - UFES**

**Professora Doutora Jussara Abraçado
Universidade Federal Fluminense – UFF**

DEDICATÓRIA

À Mara, cuja vida me é fundamental.

A meus pais, Samuel Vieira Rosa e Zilda Victória Tóttola Vieira Rosa, que sempre acreditaram em mim.

À Maria Luíza Poletti Agostini, que não conhecia bem o saber acadêmico, mas que sabia quando a palavra não estava a serviço da libertação do Homem.

À Escola Pública Brasileira, de onde nunca me exilei, a despeito de todos os horrores, e pela qual venho lutando há mais de vinte anos.

AGRADECIMENTOS

À professora Dr^a Lúcia Helena Peyroton da Rocha, pela competência e pela forma humana e generosa com que orientou e valorizou meu trabalho.

À professora Dr^a Hilda de Oliveira Olímpio, pela disposição com que sempre me atendeu, desde os tempos de graduação, já lá se vão tantos anos.

À professora Dr^a Maria da Penha Pereira Lins, por ter se dedicado também à leitura de minha dissertação.

À professora Dr^a Jussara Abraçado, com cuja participação pude contar, neste momento tão importante em minha trajetória.

À professora Dr^a Marília Blundi, que também veio ampliar este grupo.

À professora Dr^a Maria Marta Pereira Scherre, pela generosidade com que me disponibilizou vários textos fundamentais à realização deste trabalho.

À Rosângela Guimarães Seba, amiga e profissional competente com quem pude contar durante o contato com a língua inglesa.

À Celi Maria de Souza, Ilioni Augusta da Costa, Marcela Langa Lacerda e Ruth Lea Santos, pelo apoio.

Finalmente, à esposa que tanto amo, Lucimara Poletti Agostini (Mara), sem a qual eu não conseguiria lidar com o universo da informática.

RESUMO

Tomando como *corpus* manchetes jornalísticas extraídas *diariamente* dos jornais *A Tribuna* e *A Gazeta*, de Vitória – ES, no período de março a julho de 2007, este estudo tem como objetivo investigar, na língua portuguesa atual, o comportamento discursivo da ordem VS (verbo + sujeito), em confronto com a ordem SV (sujeito + verbo). Inicialmente, observa-se o tratamento dado ao fenômeno da *ordem* em obras de gramáticos e levantam-se estudos lingüísticos que se preocuparam especificamente com a posição do sujeito. Em seguida, são apresentadas reflexões sobre o Funcionalismo em linguagem, uma vez que aqui a língua é pressuposta como um fenômeno resultante da interação entre seus usuários, e não como uma organização asséptica, na qual as categorias lingüísticas se instalam discretamente. Nesse sentido, a ordem VS é estudada sob as esferas sintática, semântica e pragmática. Estabelece-se também uma releitura da perspectiva funcional da sentença, que prevê que os enunciados da língua são normalmente articulados sob *tópico/comentário*, *tema/rema*, para os quais costuma ser atribuído aos primeiros (tópico/tema) caráter [+dado], enquanto aos segundos (comentário/rema), caráter [+novo]. Conclui-se que essa dicotomia parece não se sustentar numa análise que leva em conta a língua como atividade discursiva, pois informações conhecidas podem ser encontradas tanto no *tópico sentencial* quanto no *comentário*. Também se constata que, nas manchetes jornalísticas, a ordem VS nem sempre está a serviço de uma estratégia *apresentativa*, uma das principais características do “sujeito posposto”. Por outro lado, é comum que o *sujeito posposto*, na manchete publicitária, seja (re)introduzido no discurso como *objeto*, função sintática responsável por veicular informações novas. Por fim, utilizam-se manchetes em que aparece o verbo *sair*. Verifica-se que tal verbo, quando seleciona SN-sujeito [+animado], costuma ocorrer em sentenças de ordem SV, ao passo que, quando seleciona SN-sujeito [-animado], costuma instalar-se na ordem VS, na qual esse verbo também apresenta caráter [+abstrato] e ocupa posição [+fixa] na sentença.

Palavras-chave: Ordem. Funcionalismo. Sujeito posposto. Discurso.

ABSTRACT

The present research aims to investigate the discursive behavior of the reversal of word order VS (verb+subject) and SV (subject+verb) in modern Portuguese. The data for this study were taken from headlines collected daily from “A TRIBUNA” and “A GAZETA” newspapers over a period of four months (from March to July, 2007). First, it is observed how the word order phenomenon is treated in the literature by grammarians, and linguistic studies which specifically focus on post-verbal subject position is then considered. In addition, because the current study supports the view that language is a phenomenon resulting from the interaction between its users, rather than an aseptic organization in which linguistic categories are discreetly installed, considerations about Functionalism in language are made. In this sense, the VS word order is investigated under the syntactic, semantic and pragmatic perspectives. Thus, the functional sentence perspective is also mentioned. According to this theory, utterances are usually articulated under *topic/comment*, *theme/rheme*. These have been rendered as a distinction between old/given information (*topic/theme*) and new information (*comment/rheme*) respectively. The *theme/rheme* dichotomy seems not to apply to an analysis which considers language as a discursive activity since old/given information may be found either in the sentential topic or in the comment. It is also evidenced that in newspaper headlines the VS word order not always functions as a *presentation* strategy, one of the main characteristics of the “post-verbal subject”. On the other hand, it is common that in newspaper headlines the “post-verbal subject” be (re)introduced in discourse as an *object* – a syntactic function which presents new information. Finally, the verb “to leave” (“sair”) is analyzed. Results indicate that when this verb requires a NP as subject (person) it usually occurs in sentences in which the word order is SV, whereas when a NP as subject (thing) is required, the VS word order occurs. In this situation, this verb presents an abstract trait thus having a fixed position in the sentence.

Keywords: Word order. Functionalism. Post-verbal subject. Discourse.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Hoje tem sorteio do Celta.....	48
Figura 2 – Tem japonês no samba.....	49
Figura 3 – Todos têm direito à gratuidade.....	50
Figura 4 – Lucro do BB.....	50
Figura 5 – Ainda dá tempo.....	52
Figura 6 – Homem-Aranha.....	56
Figura 7 – Álbum já chegou.....	57
Figura 8 – Nair Bello.....	58
Figura 9 – Falta de remédio.....	64
Figura 10 – Intoxicação.....	74
Figura 11 – Edital do centro I.....	75
Figura 12 – Saem os vencedores.....	77
Figura 13 – Incêndios.....	78
Figura 14 – Aumento de salário.....	79
Figura 15 – Sai aumento para servidor.....	80
Figura 16 – Servidores de Vila Velha.....	80
Figura 17 – Lula.....	81
Figura 18 – Gêmeas.....	82
Figura 19 – Só dá ela.....	83
Figura 20 – Evangélicos.....	85
Figura 21 – Morre operário.....	87
Figura 22 – Empresária morre.....	88
Figura 23 – Indústria no Estado.....	90
Figura 24 – Ator.....	91

Figura 25 – Enéas.....	91
Figura 26 – Casais.....	93
Figura 27 – Mercado de trabalho.....	94
Figura 28 – O bombeiro.....	96
Figura 29 – Um gol e o milagre.....	96
Figura 30 – Médicos.....	97
Figura 31 – Eddie Murphy.....	99
Figura 32 – Bebê.....	100
Figura 33 – Malhação.....	102
Figura 34 – Calote.....	102
Figura 35 – Preso saiu da cadeia.....	108
Figura 36 – Preso assalta estudante I.....	108
Figura 37 – Edital do centro II.....	112
Figura 38 – Lote do IR.....	112
Figura 39 – Cefet.....	113
Figura 40 – Cesan.....	113
Figura 41 – Calendário do PIS I.....	114
Figura 42 – Calendário do PIS II.....	114
Figura 43 – Preso assalta estudante II.....	116
Figura 44 – TRF.....	116

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 A ORDEM E A POSPOSIÇÃO DO SUJEITO: UMA REVISÃO	
BIBLIOGRÁFICA	14
1.1.O FENÔMENO DA ORDEM NA LÍNGUA PORTUGUESA: GRAMÁTICA OU DISCURSO?.....	14
1.2.ORDEM VOCABULAR (POSPOSIÇÃO DE SUJEITO) – A VOZ DOS GRAMÁTICOS.....	17
1.3.ORDEM E POSPOSIÇÃO DE SUJEITO EM OBRAS PRODUZIDAS POR LINGÜISTAS.....	22
1.4.POSPOSIÇÃO DE SUJEITO EM DISSERTAÇÕES, ARTIGOS E TESES.....	25
2 A LINGUAGEM E O FUNCIONALISMO	39
3 METODOLOGIA	68
4 ANÁLISE DO <i>CORPUS</i> COLHIDO NOS JORNAIS	
<i>A TRIBUNA E A GAZETA</i>	71
4.1.ORDEM VS <i>VERSUS</i> SV (O VERBO <i>SAIR</i>).....	104
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	122
6 REFERÊNCIAS	124

INTRODUÇÃO

Este trabalho pretende analisar a ocorrência da ordem Verbo + Sujeito (doravante VS) em manchetes dos jornais *A Tribuna* e *A Gazeta*, de Vitória-ES, colhidas entre março e julho de 2007. Em alguns momentos, estabelecer-se-á uma comparação entre essa ordem e a construção canônica Sujeito + Verbo (doravante SV), a fim de verificarmos se as duas estão em *distribuição complementar* ou se estão em *variação livre* na língua portuguesa.

Este último questionamento parece contraditório, já que numa perspectiva funcionalista, que é aquela pela qual optamos, duas formas diferentes significam dois *conteúdos* (duas finalidades) diferentes. Ou seja, dizer ***Morre aos 75 anos a atriz Nair Bello*** pode não ser possível num mesmo contexto em que se escolha a ordem ***A atriz Nair Bello morre aos 75 anos***.

Paralelamente a este objetivo, temos o propósito de investigar se em VS os SNs presentes constituem informações [-previsíveis], que introduzem novos referentes no discurso, como propõem Givón (1979, p. 52), Lira (1982, p. 182) e Pontes (1986, p. 211). Isso costuma ser apregoado no Funcionalismo, sobretudo quando se aborda a sentença numa perspectiva que articula ***tema versus rema***, desde o Círculo Lingüístico de Praga, ainda na primeira metade do século XX.

Ao emprendermos nossa análise sob princípios de base funcionalista, pressupomos que a língua *não* é uma organização imanente. Ou seja, a língua não é um sistema asséptico, no qual as categorias lingüísticas constituem unidades discretas. Ela também pode sujeitar-se às pressões do uso, de tal forma que uma análise funcional subentende, por si, um interdependência entre *sintaxe*, *semântica* e *pragmática*.

Em vista disso, as manchetes analisadas estão, em sua maioria, acompanhadas de seus respectivos textos. Dessa forma, julgamos mais apropriado verificar, por exemplo, como a natureza argumental do verbo e as próprias categorias discursivas ***tópico versus comentário*** (em alguns momentos ***tema versus rema, dado versus novo***) são *fenômenos* que devem ser observados na interação lingüística, no próprio ambiente discursivo em que ocorrem.

Num movimento inverso, queremos também testar até que ponto, nas manchetes jornalísticas, o ***tópico*** é de fato uma informação dada, partilhada pelos interlocutores. Por último, embora não seja um objetivo central deste estudo, questionamos se em sentenças VS há ou não estrutura *tópico-comentário*.

Aventamos a possibilidade de o *tópico* carregar também informações novas, da mesma forma que se costuma encontrá-las no *comentário*, onde normalmente elas residem, de acordo com Vilela e Koch (2001, p. 509), por exemplo.

As manchetes SV, quando utilizadas em confronto com VS, apresentam *tópicos não-marcados*, diferentemente daquelas sentenças que, mais freqüentemente encontradas na linguagem oral, se organizam a partir de *tópicos marcados*, como por exemplo *O livro, eu coloquei ele aqui agorinha*, em que se costuma avaliar o termo *o livro* (tópico) como um elemento “externo” à sentença, caracterizando o que nos estudos lingüísticos se denomina *deslocamento à esquerda*, conforme Givón (1979), citado por Pontes (1987, p. 41).

Os conceitos de *tópico/tema/dado/sujeito* não serão tomados dicotomicamente em relação a *comentário/rema/novo/predicado*, pois entendemos que uma análise funcionalista se deve empreender dentro de um *continuum*. Verificamos, por exemplo, que o *tópico/tema* às vezes é de fato uma categoria [+conhecida], mas às vezes não, sobretudo no discurso jornalístico. Muitas vezes, a previsibilidade contida no *tópico* depende da memória discursiva do leitor/interlocutor.

Para realizar nosso estudo, principiamos por discutir, no capítulo 1, o aspecto *ordem* na língua portuguesa, já que pretendíamos verificar os efeitos discursivos decorrentes desse fenômeno nas sentenças VS nas manchetes jornalísticas. Para tal, efetuamos uma revisão bibliográfica desse ponto e verificamos como esse fenômeno é abordado tanto por gramáticos quanto por lingüistas.

No capítulo 2, expusemos a base teórica em que se assenta nosso trabalho e estabelecemos uma análise dos princípios fundamentais sob os quais se abriga o Funcionalismo. Nesse momento, paralelamente aos conceitos característicos dessa vertente lingüística, efetuamos o estudo de algumas manchetes jornalísticas, pois julgamos que a exemplificação sustenta melhor qualquer teoria.

No capítulo 3, embora breve em relação aos demais, apresentamos nossa metodologia. Nesse momento, ao explicarmos como levantamos o *corpus* de nosso trabalho, também justificamos a opção pelo discurso publicitário, que abriga “não só variedade de autores, mas principalmente grande variedade de assuntos e enfoques”, de acordo com Borba (2003, p. 17).

No capítulo 4, principiamos a análise do *corpus*, de fato, quando pudemos constatar que a ordem VS parece nem sempre estar a serviço de uma estratégia apresentativa, no texto jornalístico, o que nos impede de afirmar que, nessa configuração, um SN pós-verbal caracterize informação nova, incondicionalmente.

Nossas análises se apóiam, basicamente, em estudos de Pontes (1986, 1987) e Ilari (1992), entre outros, a partir dos quais se efetuam comparações entre a ordem VS e a ordem SV: na perspectiva funcional por que optamos não é possível falar na ordem VS sem que se observem os traços que favorecem e determinam a ordem SV. Ou seja, muitas vezes, um aspecto que caracteriza a posposição do sujeito também é encontrado no sujeito anteposto.

No capítulo 4, ainda, preocupamo-nos em verificar a finalidade com que a ordem VS é utilizada no discurso jornalístico, propriamente. Dentro do mesmo capítulo, numa seção à parte, nós nos detivemos em sentenças-manchetes que apresentam exclusivamente o verbo *sair*, dada a frequência com que este ocorre no tipo de discurso analisado.

Para examinar as sentenças VS – muitas das quais, readvertimos, em comparação com SV –, estabelecemos critérios, tais como:

- (1) Estrutura argumental do verbo;
- (2) Grau de previsibilidade (dadidade) do SN;
- (3) Densidade do SN = [+pesado] *versus* [-pesado];
- (4) Animacidade/Volição do SN.

Nos estudos relacionados à revisão bibliográfica, efetuados no capítulo 1, foi constatado que o fator monoargumentalidade aparecia como predominante dentro do fenômeno da posposição do sujeito. É importante reiterar, inclusive, que esse aspecto ficou consagrado em linhas teóricas diversas.

Julgamos necessário adicionar outros fatores a esse, já que a perspectiva funcional que adotamos trabalha com a tríade *sintaxe*, *semântica* e *pragmática*, esferas em torno das quais residirá toda a nossa investigação acerca da ordem VS nas manchetes jornalísticas. Até porque, assinala Pezatti (2005, p. 214), para qualquer abordagem funcional a sintaxe não é autônoma.

1. A ORDEM E A POSPOSIÇÃO DO SUJEITO: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Como este trabalho pretende discutir, especificamente, o fenômeno da posposição do sujeito na língua portuguesa, julgamos pertinente estabelecer algumas considerações sobre o tratamento dado à *ordem* e ao *sujeito posposto*.

Primeiro, fizemos uma exposição discutindo o *status* (gramatical ou discursivo?) do fenômeno em pauta; em seguida, observamos o tratamento que lhe é dado pelos gramáticos, em obras de cunho descritivo-normativo; depois, mostramos esse ponto em obras publicadas por autores que também são lingüistas.

1.1. O FENÔMENO DA ORDEM NA LÍNGUA PORTUGUESA: GRAMÁTICA OU DISCURSO?

Na tradição dos estudos gramaticais, tanto no que concerne à prescrição quanto à descrição, os capítulos mais diretamente ligados à sintaxe do português dispensam pouca relevância à *ordem* das palavras. Aliás, há obras que nem mencionam este tema como ponto de análise.

Ao ser mencionado o aspecto *ordem vocabular*, normalmente se privilegia a colocação dos pronomes oblíquos átonos. Um ou outro autor faz breves considerações sobre a colocação dos adjuntos em relação a sua base nominal; do objeto em relação ao verbo; da oração subordinada em relação à principal; da posição do sujeito na frase, etc.

Julgamos importante uma maior atenção ao fenômeno da ordem por vários motivos, entre os quais o fato de o português apresentar a particularidade do morfema de posição, o que significa dizer que o modo como o usuário dispõe os instrumentos lingüísticos favorece que estes veiculem conteúdos distintos. Entendemos que a posição de um termo em início ou final de sentença pode implicar intenções discursivas diferentes.

Se o deslocamento de um sintagma pode alterar sua função (e aqui usamos *função* tanto para o aspecto *gramatical* quanto para o *discursivo*), esse fato por si só já é suficiente para justificar uma maior atenção ao seu arranjo nas sentenças. Se um falante produz, por exemplo, algo como “*Essa cerveja eu não quero*”, só em topicalizar o *objeto* deixa implícito que o centro da discussão está nesse elemento topicalizado.

Investigar os efeitos semântico-discursivos decorrentes da ordenação dos constituintes nas sentenças significa considerar que os termos que as encabeçam podem ser informações

privilegiadas no contexto pragmático. Significa, ainda, propor que para cada forma de dizer pode haver uma intenção de dizer. Ou seja, a ordem pode ser determinada pelo discurso.

Por exemplo, na sentença proposta anteriormente – *Essa cerveja eu não quero* – acreditamos que só é possível avaliar a topicalização do objeto levando-se em conta que o referente *cerveja* é uma informação privilegiada, e é ali que reside o tema do que se diz.

Logo, para nós não é possível admitir que as escolhas *Eu não quero essa cerveja* versus *Essa cerveja eu não quero* sejam aleatórias no processo de comunicação. Pensamos, portanto, que essas sentenças se encontram em *distribuição complementar* na língua.

Dessa perspectiva, derivam alguns questionamentos nossos para o estudo funcional do *sujeito posposto*, tais como:

1. Até que ponto, na ordem SV (sujeito + verbo), o SN anteposto carrega informações partilhadas pelos interlocutores no processo de comunicação?

2. O sujeito posposto se restringe à natureza sintático-semântica dos sintagmas verbais?

3. Em que situações o *sujeito gramatical* também expressa o *tópico discursivo*, conforme apregoam Lyons (1977), Givón (1979 e 1981) e Perini (1981), por exemplo?

4. O sujeito só é tópico de sentença em situações *prototípicas*, ou seja, quando aparece [+*pré-verbal*], [+*agente*], [+*animado*], [+*controlador da concordância*]?

5. É predominantemente à função sintática de sujeito que cabe a responsabilidade de dar continuidade ao *tópico do discurso*?

6. Se, normalmente, “a posição de acusativo ou objeto direto é a maneira principal de introduzir novos argumentos diferenciais no discurso, pelo menos em inglês”, conforme afirma Givón (1979, p. 52), então o SN-sujeito posposto tem, funcionalmente, papel de *argumento interno* do verbo?

7. Nas manchetes jornalísticas, os SNs pré-verbais são sempre informações *dadas* e os SNs pós-verbais, informações *novas*?

8. A memória discursiva do usuário/leitor também atua para identificar uma informação *partilhada* mesmo no “sujeito” pós-verbal?

É perpassando essas indagações (e outras) que nos orientaremos para observar como o sujeito posposto, na manchete jornalística, tem o papel de conduzir o leitor, preparando-o para o tema a ser discutido no corpo do texto subsequente a essa manchete. Ou seja, o SN posposto

costuma ser uma informação nova, que poderá desdobrar-se como *tópico frasal*, na maior parte das sentenças subseqüentes no texto, a fim de manter, desse modo, o *tópico discursivo*.

Reiteramos, então, que a ordem, assim como pode ser responsável pelo comportamento gramatical dos sintagmas, também é fundamental para estabelecer, no discurso, a relevância do que se diz no processo de interação lingüística.

Para nós, importam os efeitos semânticos decorrentes do deslocamento dos sintagmas. Entretanto, consideramos que a ordem não diz respeito apenas à estilística (Melo, 1968, p. 363), como defendem alguns gramáticos, mas pode funcionar como recurso argumentativo, como estratégia que instaura a própria coerência textual.

Embora nosso ponto de discussão seja o sujeito posposto, estenderemos, por enquanto, nossa reflexão a outros contextos: no momento, interessa-nos levantar a importância do fenômeno. Logo, em alguns casos, nós a utilizaremos em contextos de sujeito anteposto, no sentido de contrapor SNs pré-verbais a SNs pós-verbais, aferindo inclusive a posição do sujeito com o mesmo verbo, como, por exemplo, “***Morre cantor de clássicos italianos***” (A *Gazeta*, 28/03/2007) e “***Vinicius Bittencourt morre aos 85 anos***” (A *Tribuna*, 29/03/2007).

Mais adiante, apresentaremos diversas manchetes jornalísticas acompanhadas de seus respectivos textos. Em alguns momentos, lançaremos mão até de sentenças orais, no sentido de avaliar sujeitos que, mesmo constituindo *informações dadas* ou *previsíveis*, apareceram pospostos, conforme exemplo abaixo, colhido em uma situação interativa da qual fizemos parte:

“Começam a espoucar fogos de artifício. Uma cachorra procura esconderijo. Alguém se pronuncia:

‘Não liga não. Faz de conta que nem tá estourando **fogos.**’”

O referente *fogos* foi mencionado na primeira sentença do texto. Porém, continuou ocorrendo na ordem VS, ao final. Este exemplo parece corroborar, em parte, o que afirmam Naro e Votre (1999, p. 10), para os quais “a ordem VS pode ocasionalmente ser encontrada com os referentes previamente mencionados, desde que eles não sejam centrais” (tradução nossa), e, em parte, parece contrariar, pois percebemos que o referente *fogos* é, no contexto acima, o foco do que se discute.

Não vemos problema em propor algumas sentenças para elucidar nossos argumentos, pois “qualquer proposta funcionalista pode ser invocada para verificar o tratamento da frase enquanto ato de interação, enquanto peça de comunicação real” (Neves, 1997, p. 17).

Considerem-se, portanto, os exemplos abaixo:

Indivíduo A: João é trabalhador, mas é mentiroso.

Indivíduo B: João é mentiroso, mas é trabalhador.

Não é necessário muito esforço para se notar que o indivíduo A é menos condescendente com João, ao passo que o indivíduo B enfatiza o atributo mais positivo a respeito dele. Provavelmente, a relação do indivíduo A com João se dê de forma diferente da relação estabelecida com João pelo indivíduo B.

Um outro exemplo se manifesta nos contextos abaixo, nos quais a ordem não nos parece fortuita, mas nos permite inferências distintas:

Indivíduo C: Entreguei à mamãe as flores.

Indivíduo D: Entreguei as flores à mamãe.

É comum encontrar-se que a “ordem natural”, quando se trata dos complementos verbais, por exemplo, é que o objeto direto preceda o indireto. Isso não significa, porém, que posicionar esses complementos seja um procedimento aleatório, pois aqui já se ressaltou que as escolhas feitas pelo usuário estão subjacentes às intenções discursivas: o indivíduo C privilegia o beneficiário *mamãe*; D pode priorizar as *flores*, mas não quem as receberá.

Não é nosso objetivo investigar o tema da ordem do ponto de vista diacrônico, embora os princípios funcionalistas não agasalhem uma polarização rígida diacronia *versus* sincronia. Nossa intenção reside na incidência de sujeito posposto, especificamente, em manchetes de dois jornais de Vitória/ES: *A Tribuna* e *A Gazeta*. Essas considerações preliminares pretendem apenas apresentar a ordem como fenômeno que também está circunscrito ao discurso e que, portanto, não deve ser examinado somente à luz da sintaxe, mas aliado à semântica e à pragmática.

1.2. ORDEM VOCABULAR (POSPOSIÇÃO DE SUJEITO) – A VOZ DOS GRAMÁTICOS

Said Ali (1966), num capítulo intitulado *Colocação dos Termos na Oração*, inserido em sua *Gramática secundária da língua portuguesa*, faz algumas considerações sobre a colocação do sujeito; em seguida, tece breves comentários sobre a posição de certos verbos impessoais e típicos de contextos com sujeito indeterminado; cita tipos de frases que

favorecem a posição inicial do verbo, ressaltando-se a organização de sentenças interrogativas e exclamativas; por fim, fala sobre a posição das orações subordinadas em relação à principal.

Para isso, o autor lança mão de aproximadamente três páginas, enquanto no que concerne à colocação dos pronomes oblíquos átonos dispensa cerca de treze páginas.

Sousa da Silveira (1960) – cuja obra *Lições de Português* é posterior à de Said Ali, embora as datas aqui apresentadas não revelem isso –, encabeça o estudo da ordem enfatizando que, por serem transformações do latim popular, não é de se estranhar que as línguas românicas optem por uma ordem mais direta na construção de suas frases.

Fica evidente que o latim popular era propenso a uma ordenação direta de seus termos, ao passo que o latim clássico não, ainda diz o autor (cf. p. 248). Ressalta-se que, dos idiomas neolatinos, é o português aquele em que a ordem inversa pode ser aplicada com mais liberdade, sobretudo no verso, fato que se nota tanto nos poetas antigos quanto nos modernos.

Para o capítulo que segue os comentários acima, Sousa da Silveira utiliza o título *Construção da Frase: Colocação dos Pronomes Pessoais*. Todavia, antes de abordar a colocação pronominal, especificamente, são feitas menções aos seguintes aspectos: anteposição e/ou posposição de adjuntos a suas bases; posposição do sujeito ao verbo em orações intercaladas; antecedência do predicativo em relação ao verbo de ligação; posposição de termos nas frases interrogativas; posição do particípio (absoluto) em orações reduzidas, etc.

Todos esses pontos acima tomam mais ou menos quatro páginas; em seguida, são utilizadas aproximadamente nove para a colocação do pronome oblíquo átono.

Na *Gramática fundamental da língua portuguesa*, Melo (1968) inicia o capítulo *Sintaxe de Colocação* atentando para duas possibilidades de ordenação dos termos nas frases portuguesas: a ordem *habitual*, que o autor também denomina *direta*, *lógica*, *descendente* ou *analítica*; a ordem *ocasional*, aquela que foge ao esquema SVC (sujeito + verbo + complemento), por exemplo.

Sem entrar em detalhes, este autor ressalta que “a ordem é muito mais assunto de Estilística do que de Gramática” (1968, p. 363). E ainda afirma que “o português é uma língua de ordem vária e livre, onde não tem tradição (e, portanto, não é vernáculo) o uso sistemático da seqüência lógica ou analítica” (1968, p. 363).

Em seguida, o autor tece considerações sobre os principais contextos em que fica favorecida a posposição do sujeito, não sem antes discorrer sobre quando é “correta” ou não a preferência pela ordem *inversa*.

Além de apresentar os principais casos de posposição do sujeito, o autor fala rapidamente a respeito da antecipação do objeto (direto ou indireto), da colocação do adjetivo, acrescentando por fim o que ele chama de *deslocação na linguagem poética*. Aliás, ao focar a ordem, este autor se detém em textos eminentemente literários.

Tudo o mais que se fala a respeito de ordem nesta obra reside na colocação dos pronomes pessoais oblíquos átonos, para cujo emprego são enumeradas diversas regras, conforme fazem todos os outros autores.

Cunha e Cintra (1985, p.157), em *Nova gramática do português contemporâneo*, também principiam dizendo que, assim como em outras línguas neolatinas, no português há preferência pela ordem direta – SVC. Chamam atenção para a disposição dos termos em sentenças declarativas (afirmativas e negativas), evidenciando o que costuma ocorrer em obras dessa natureza: a língua analisada sob uma perspectiva ideal, com frases normalmente tomadas como modelos de uma língua asséptica e discreta.

Esses autores ainda falam da ordem inversa como um fenômeno de caráter ora estilístico, ora gramatical. Salientam que, nesta mesma obra, em capítulos anteriores, foi discutida a colocação do adjetivo, do advérbio e de outras categorias lingüísticas, passando-se pela colocação dos pronomes oblíquos átonos, assunto para o qual se reservam aproximadamente nove páginas, numa abordagem que confronta a colocação brasileira com a lusitana.

Após essas explanações, Cunha e Cintra comentam a inversão do verbo relativamente ao sujeito e ao predicativo, termos cuja ocorrência é examinada tanto no período simples quanto no composto.

Cegalla (1995), em *Novíssima gramática da língua portuguesa*, também intitula um capítulo *Sintaxe de Colocação*, enumerando contextos em que se manifesta a ordem direta ou a inversa. Esta o autor caracteriza como “alteração da seqüência normal dos termos” (1995, p. 460).

Em observação de rodapé, nesta mesma página comenta que “a ordem inversa é mais freqüente na poesia e na linguagem afetiva”. Cegalla mostra ainda as possibilidades várias de se organizar um mesmo período, mas afirma que a disposição diferente dos termos *não* acarreta alteração de sentido.

Esse autor destaca as principais motivações que governam a colocação das palavras em português, como *ênfase, afetividade, clareza, eufonia e equilíbrio* da frase. Mostra, nessa parte, a rigidez de colocação de certos adjetivos e a localização de determinadas conjunções; abre uma série de contextos de posposição do sujeito, de anteposição de complementos e

adjuntos e disposição das orações subordinadas. O que resta sobre ordem é encaminhado, prioritariamente, para a posição dos pronomes oblíquos átonos.

Em *Moderna Gramática Portuguesa*, Bechara (2000), no capítulo que ele chama de *Sintaxe de Colocação ou de Ordem*, afirma que “a colocação, dentro do idioma, obedece a tendências variadas, quer de ordem gramatical, quer de ordem rítmica, psicológica e estilística, que se coordenam e completam” (p. 581)

Logo em seguida, chama atenção para os casos de colocação usual ou normal dos termos nas sentenças do português, nas quais examina casos de colocação de adjuntos *versus* sua base; sujeito *versus* verbo; complemento direto *versus* indireto, etc. Preconiza que em português há uma ordem *direta, habitual* ou *usual*, que se manifesta numa seqüência sujeito + verbo + complemento. Qualquer corrupção a esse arranjo – considera o autor – é de caráter estilístico.

Nesse ponto, ainda, são feitas algumas observações a respeito da posição de certos advérbios, como *não*, por exemplo, alguns casos de colocação do verbo auxiliar, de adjetivos e de pronomes. Por fim, antes de explicitar as regras de colocação dos pronomes oblíquos átonos, o autor faz considerações sobre a ordem das orações nos períodos compostos.

Rocha Lima (2005), assim como a maioria dos gramáticos apontados, reserva maior espaço para a colocação dos pronomes oblíquos átonos, não sem deixar de mencionar, contudo, num capítulo destinado à *definição* de sujeito, considerações sobre a ordem direta, em que “o sujeito vem no rosto da oração” (p. 236). Admite, ainda, que há “grande liberdade de movimentos” de ordenação dos termos frasais em português, uma língua que permite *com freqüência* a ordem inversa.

Esse autor ressalta que há casos de “inversão normal do sujeito” (p. 237) em contextos de orações interrogativas, imperativas, intercaladas, em construções com voz passiva e em orações que ele caracteriza como “iniciadas por advérbio fortemente enfático” (p.237), apresentando exemplos para ilustrar tal situação, dentre os quais o seguinte: **“AQUI está o dinheiro!”**

Na verdade, no exemplo acima, o que parece ocorrer é a *topicalização* do adjunto adverbial *aqui*, fato que também pode ser responsável por motivar o deslocamento do SN para o final da sentença. Tal fenômeno já foi estudado por Bresnam (1994) e Pinto (1997), na língua italiana, por exemplo, e adaptado por Pilati (2006) para as sentenças da língua portuguesa.

Bresnam propõe que as orações que se caracterizam por *inversão locativa* precisam de contextos mais específicos para ocorrer, conforme exemplos abaixo, colhidos em Pilati

(2006), e que oportunamente utilizamos para contrapor ao exemplo proposto por Rocha Lima (2005), embora o objetivo dos autores não seja o mesmo:

Entre os convidados de honra estava sentada Rose

Rose estava sentada entre os convidados de honra.

Segundo Pilati, a primeira oração do par acima parece vincular-se a um ambiente discursivo em que se pressupõe referência prévia aos “convidados”. Pilati advoga que, em português (como no italiano), a ordem VS pressupõe uma interpretação dêitica ligada ao que é comentado no predicado. Há uma função discursiva que se instala em orações cujo arranjo seja **X(adj. adv.)VS** – essas sentenças costumam ser introduzidas por um elemento locativo, um referente novo ou menos familiar no discurso.

A natureza do verbo *estar*, no *ambiente* proposto por Rocha Lima, seleciona um elemento locativo (*aqui*). Esse aspecto, então, pode ser um condutor da ordem VS. Pilati (2006) defende que a ordem VS em português deve ser interpretada também como uma *inversão locativa*. Por outro lado, verbos que não selecionam adjuntos adverbiais de *lugar* e *tempo* limitam a ordem VS, de acordo com a autora.

Para ilustrar tais considerações, são apresentados abaixo dois exemplos, por meio dos quais a autora argumenta contra a *gramaticalidade* da segunda sentença, já que a natureza do verbo *avermelhar* não permite a posposição do sujeito com a mesma naturalidade com que ocorre o fenômeno na primeira sentença do par:

Aqui chegaram as cartas.

****Aqui avermelhou o urubu.***

Na última seção deste capítulo, efetuiremos mais comentários sobre a tese de Pilati (2006). Por enquanto, utilizamos seus exemplos apenas porque julgamos bastante oportuno, já que aludimos a uma sentença proposta por Rocha Lima (2005) – *Aqui está o dinheiro* – que vem introduzida por um *elemento locativo*: *aqui*.

A respeito da proposta de Rocha Lima (2005), vale comentar que ele recomenda, diferentemente dos demais autores, cuidado quanto à colocação inversa do sujeito em orações cujo verbo é intransitivo, como por exemplo “*Restam, ainda, algumas esperanças*” (ex. do autor), pois alega o gramático que isso “pode levar o *leitor* a interpretar como objeto direto o sujeito posposto” (p. 237).

A não ser a colocação do adjetivo em grupos nominais e a posição dos possessivos, nada mais é levantado por esse autor a respeito da ordem no português. Os demais comentários se encaminham para avaliações de teor estilístico e gramatical.

1.3. ORDEM E POSPOSIÇÃO DE SUJEITO EM OBRAS PRODUZIDAS POR LINGÜISTAS

Optamos por abrir outra seção para elencar autores e obras que discutem a ordem e a posposição do sujeito no português. Anteriormente trabalhamos com autores cujas obras têm uma natureza diferente das que vamos apresentar adiante: são estudos de caráter descritivo-normativo, cujos objetivos se distanciam dos de outras fontes que não têm a índole normativista das anteriores, pois são elaboradas dentro da perspectiva da lingüística.

Mira Mateus *et al.* (1983), em *Gramática da Língua Portuguesa*, reservam um capítulo – *Ordem de palavras no português* – para discorrer sobre o fenômeno. Afirmam que a ordem de palavras é, em português, “determinada pela função sintática, em interação com fatores de natureza sintático-semântica e pragmática” (p. 497).

Esse comentário indicia que a observação do arranjo das sentenças da língua portuguesa não deve circunscrever-se apenas à sintaxe; esta não pode prescindir de aspectos de natureza semântica e de fatores pragmáticos associados às condições de interação em que um enunciado é produzido.

Destaca-se nesta obra que o português é, preferencialmente, uma língua SVO. Nas frases não marcadas, ou seja, aquelas que normalmente são geradas sob a distribuição canônica **sujeito+verbo+complemento (objeto)**, ao sujeito se atribui o papel pragmático de *tópico*. Ou seja, numa sentença como “**Os trabalhadores daquela empresa organizaram uma greve**” (exemplo nosso), o termo “os trabalhadores daquela empresa” é o *tema (tópico)* a respeito do qual se comenta algo.

Como é freqüente nos estudos voltados à posposição do sujeito em português, as autoras também comentam que a subversão ao esquema básico de ordem das palavras em português – SVO – notadamente nas sentenças chamadas *declarativas* – costuma limitar-se a frases com verbos *intransitivos* (p. 500).

Este capítulo finaliza com uma observação a respeito da colocação do *objeto direto complexo* na língua portuguesa. Sobre esse termo, comenta-se que *geralmente* é colocado no final da frase, segundo exemplos abaixo, colhidos na própria obra:

O jornalista contou aos amigos (que lhe tinham censurado uma reportagem.)

Emprestei ao meu pai ontem (o livro que tu me ofereceste.)

Além dos comentários a respeito da colocação do sujeito e do objeto direto, as autoras também apresentam casos de sentenças com *tópicos marcados*, ou seja, aquelas em que o primeiro constituinte não costuma ser normalmente o sujeito, mas qualquer outro termo, conforme se verifica em exemplo nosso, já exposto anteriormente:

Essa cerveja eu não quero.

ou outros como (também exemplos nossos):

O livro de auto-ajuda ele já sumiu.

Essa minha bolsa de couro ela já tá muito velha.

Esses dois últimos exemplos são situações também caracterizadas como *deslocamento à esquerda*, conforme Pontes (1987, p. 65). Os termos grifados exerceriam dupla função: discursivamente, *tópicos marcados*; sintaticamente, *sujeitos*, recuperados *pleonasticamente* pelos pronomes **ele** e **ela**. No caso anterior aos dois últimos, ter-se-ia a topicalização do objeto direto **essa cerveja**.

Perini (1996) abre o capítulo 8 da *Gramática descritiva do português* apresentando a ordem como fenômeno implícito nas próprias definições das funções sintáticas. O autor tece considerações sobre termos que “aceitam ser colocados no início da frase” (p. 223) e outros que têm grande poder de mobilidade nas sentenças.

Também são apresentadas “ocorrências” agramaticais /inaceitáveis na língua, no sentido de enfatizar até que ponto um sintagma pode submeter-se a deslocamento. O autor segue constatando que a sintaxe determina e restringe a ordem dos termos nas orações (p. 225). Ainda neste capítulo é apresentada em especial a colocação dos clíticos (neste caso, os pronomes oblíquos átonos).

Embora de modo breve, esta obra tece considerações sobre a posposição do sujeito, ressaltando o aspecto de esse fato ocorrer sobretudo sob a seguinte condição: “...não se pode pospor o sujeito se houver objeto direto na oração” (p. 233).

Carone (1999), na obra *Morfossintaxe*, coloca que o aspecto da *ordem* mais comumente abordado pelas gramáticas é sintaticamente irrelevante: a posição dos pronomes oblíquos átonos (p. 58).

Ao utilizar o atributo *normal* para caracterizar a ordem dos vocábulos na frase portuguesa, a autora esclarece que esse critério se refere à *freqüência* com que um determinado tipo de sentença ocorre, o que parece não acontecer nas definições da maioria dos gramáticos, que chamam a ordem direta SVC de ordem *normal* e *lógica*, sem nenhum esclarecimento para o uso desses adjetivos, o que pode sugerir que as sentenças que fogem a esse esquema não são “normais” nem “lógicas”.

Em *Fundamentos de gramática do português*, Azeredo (2000) aborda o tema da ordem quando fala exatamente das condições oferecidas pela língua para a identificação dos sintagmas oracionais, ressaltando que o poder de mobilidade de um termo favorece e confirma a identificação de unidades sintagmáticas.

Logo adiante, apresenta o fenômeno da mobilidade no interior da oração ou do período como uma característica de certos sintagmas (p. 154). Oportunamente, menciona o que já se convencionou chamar ordem *direta* e *inversa*.

Em seguida, embora não investigue os fatores que governam a ordem na língua portuguesa, fala de aspectos que indiretamente sinalizam uma abordagem de caráter mais discursivo, sobretudo quando o autor informa que qualquer sintagma pode figurar como tópico num enunciado. É de se notar que, ao utilizar termos como topicalização e enunciação, o encaminhamento descritivo aproxima-se do discurso.

Koch e Vilela (2001), em *Gramática da língua portuguesa – gramática da palavra, gramática da frase, gramática do texto/discurso*, reservam para a ordem um capítulo que intitulam *Colocação das palavras e colocação dos elementos frásicos*.

Os autores destacam que “a colocação e ordenação dos elementos frásicos (...) têm uma importância capital para o efeito comunicativo” (p. 400). Em seguida, tecem várias considerações no sentido de apresentar a ordem como um fenômeno também vinculado a fatores extralingüísticos, salientando-se que na organização tema-remática o valor comunicativo é determinado pelo falante (p. 401).

Nota-se que, ao descreverem a língua, os autores não perdem de vista princípios que a regulam sob condições discursivas, pois levam em conta as categorias tema-remática, o que é parte conhecida ou nova no momento de interação. Implicitamente, eles registram a importância de elementos fundamentais nos estudos funcionalistas: quem diz, o que se diz, como se diz, os efeitos decorrentes da topicalização de um termo, etc.

Abreu (2003), em *Gramática mínima – para o domínio da língua padrão*, no que se refere à ordem, dispõe um subtítulo para comentar a posposição do sujeito, e aí afirma que, “normalmente, o sujeito aparece em português antes do verbo. Isso acontece principalmente com os sujeitos prototípicos, isto é, sujeitos agentes, humanos e definidos...” (p. 86).

1.4. POSPOSIÇÃO DE SUJEITO EM DISSERTAÇÕES, ARTIGOS E TESES

Embora Perini (1996) afirme que “os fatores que controlam a possibilidade de pospor o sujeito *sejam* mal conhecidos” (p. 191), a nosso ver não faltaram estudiosos que se debruçassem sobre este fenômeno.

Parece consenso entre nossos lingüistas que a ordem VS, no português brasileiro (doravante PB), fica mais circunscrita em sentenças cujo verbo seja de natureza monoargumental.

Perlmutter (1976), no texto *Evidence for subject downgrading in Portuguese*, estudou a posposição do sujeito a partir da observação de falantes do português europeu. E aí mostra, com base em estudos de teor gerativista, que o SN posposto ao verbo deixa de ser sujeito na estrutura superficial da sentença, mas o é na estrutura profunda, argumento criticado por Pontes (1986), para quem:

...o que caracteriza uma língua específica é sua estrutura superficial. Ela é a organização particular que o povo faz da experiência. É a maneira peculiar que o povo que fala aquela língua encontrou de ‘recortar’ ou organizar a realidade. (p. 95)

Bittencourt (1979), a partir da análise do sujeito posposto tanto num *corpus* oral quanto escrito, assenta sua análise na Gramática Gerativa, e propõe que o SN pré-verbal movimenta-se de antes do verbo para depois. Desse modo, conclui que esse movimento que acarreta o deslocamento do SN faz que este perca o *status* de sujeito, quando posposto ao verbo, e por isso esse SN posposto deixa de “representar” tal função sintática.

Lira (1982) observa a posposição do sujeito num *corpus* de língua oral, sob uma ótica sociovaracionista. Estatisticamente, demonstra que na fala a posposição do sujeito é irrelevante com verbo *transitivo* (menos de 1%). Ainda, o sujeito posposto tende a ser [+inanimado] e apresenta caráter [+indefinido].

Lira também observa que o sujeito tem sido associado com *informação conhecida* na interação lingüística. Afirma, inclusive, que a posposição do sujeito é uma estratégia que o

falante tem para introduzir novos referentes no discurso, o que, segundo já comentamos anteriormente, nem sempre parece cumprir-se.

Embora o sujeito posposto não manifeste características próprias dessa função sintática - se se considerar que a posição pós-verbal é largamente ocupada por SNs objetos, em português - Lira (1982) continua a admiti-lo como sujeito, crítica efetuada por Pontes (1986), cujos primeiros questionamentos indicam que esse sintagma nominal posposto é um complemento, o que faz que, tanto em dialetos de prestígio quanto em dialetos estigmatizados, a concordância verbal praticamente não se efetue, no ambiente VS.

Todavia, Kato (1981), segundo Pontes (1986), defende que os SNs pospostos a verbos intransitivos *não* são objetos. A favor dessa argumentação, a autora utiliza o princípio da *cliticização*. Ou seja, é comum que os complementos verbais na função de objetos diretos possam ser pronominalizados por meio de um *clítico*. Kato (1981), entretanto, verifica que tal procedimento não é sempre viável em casos de posposição de SNs, conforme se verifica em exemplos colhidos em obra de Pontes (1986):

Falta aquele homem no escritório. / *Falta-o no escritório.

Existe aquele vestido... / *Existe-o.

Pontes (1986) parte da observação da língua portuguesa cotidiana, em torno da qual analisa certas construções normalmente condenadas pelos gramáticos, aquelas em que determinados termos são topicalizados, gerando-se sentenças caracterizadas pelos estudos canônicos como *anacolutos*, como por exemplo “*Aquela casa, ela não tava em boas condições não.*”

Dada a importância desse estudo de Pontes (1986), e pela afinidade que julgamos ter com algumas propostas de análise da posposição do sujeito contidas nele - pois julgamos que o SN pós verbal parece ter mais *status* de objeto do que de sujeito - vamos nos deter, por ora, em comentar o capítulo *O conceito de sujeito entre os falantes*, extraído da obra *Sujeito: da sintaxe ao discurso*, título que por si já indicia que a preocupação da autora está em analisar a língua em uso.

Entendemos, portanto, que esse procedimento se afina com propostas funcionalistas por que optaremos em nossas discussões.

Nesse capítulo, a autora apresenta algumas conclusões a respeito do que o usuário pensa sobre sujeito, ou melhor, qual o conceito que ele tem acerca dessa categoria lingüística.

O estudo foi efetuado tomando-se por base tanto profissionais da linguagem quanto falantes que até então não tinham, necessariamente, preocupação com investigações lingüísticas, já que eram alunos ingressantes no curso de Letras. O objetivo da autora foi testar se os traços associados à categoria sujeito eram comuns aos informantes.

De imediato, constatou-se que o traço *semântico* – *agente* foi predominante. Para todos os indivíduos envolvidos na pesquisa, o “elemento que pratica a ação” se impôs. Logo, a caracterização dessa categoria lingüística parece manifestar-se nos falantes a partir de um universo *cognitivo*: se há um elemento responsável pela ação expressa pelo verbo, esse elemento é largamente identificado como sujeito.

O traço semântico *agente* – segundo a autora, lembrado por 90% dos informantes - também se manifesta em sentenças cujo sujeito oracional não está, necessariamente, praticando ação, e esta é desencadeada pelo *agente da passiva*. Por isso, em casos como *A casa foi invadida pelos bandidos*, **bandidos** costuma ser identificado por muitos usuários como sujeito, embora **a casa** controle a morfossintaxe da locução verbal **foi invadida**.

Também houve falantes, de acordo com Pontes, que mencionaram o fato de alguns sujeitos serem pacientes. Porém, isso foi lembrado somente por professores, o que parece atestar não ser tão relevante esse traço, pois o falante-professor apresenta, previamente, condições que levam em conta aspectos lingüísticos controlados pela formação acadêmica, o que torna esse usuário menos “natural” em relação aos outros.

Embora se tenha constatado o traço *agente* como relevante na identificação do sujeito, também foram depreendidos outros, como o controle da concordância e o tópico, além do traço *paciente* levantado por professores. O que importa, todavia, é destacar que o traço *agente* apareceu em todas as definições dadas.

É necessário, antes de seguirmos, esclarecer os três aspectos básicos sob os quais é analisado o sujeito, de acordo com a autora em seu estudo:

- 1º) Aspecto **sintático**: relacionado ao fenômeno da *concordância verbal*;
- 2º) Aspecto **semântico**: relacionado ao fato de o sujeito ser *agente*;
- 3º) Aspecto **pragmático**: relacionado ao fato de o sujeito figurar como *tópico*.

Contudo, é importante lembrar que nem sempre o sujeito controla a concordância; nem sempre é agente; nem sempre, inclusive, aparece como tópico. Normalmente, quando esses três aspectos não se manifestam de modo positivo, encontram-se sentenças cuja organização apresenta o sujeito gramatical de forma mais opaca.

Antes de seguirmos, vale a pena abrir um espaço para comentar observações pertinentes de Perini (2006), que também dialogam com as de Pontes (1986), e para quem qualquer termo pode figurar como tópico, o que se constata através do seu exemplo abaixo:

O Danilo, os próprios irmãos não agüentam.

Esta sentença, bem característica de linguagem oral, apresenta *Danilo* como *tópico*, ou seja, é a respeito dele que se está falando. E *Danilo* não é sujeito, nesse caso. Ainda, ressalta Perini (2006), se se considerar sujeito “o termo que pratica a ação”, será necessário admitir que nessa sentença tal função não ocorre, pois aí “ninguém” pratica ação. O único aspecto que contribuiria para identificar *irmãos* como sujeito seria a concordância, o traço menos mencionado pelos falantes, segundo Pontes.

Desse modo, o usuário identificará com mais facilidade o sujeito quando os traços *sintático*, *semântico* e *pragmático* exibirem marcas *prototípicas* de sujeito, ou seja, aquelas em que todos esses traços forem positivos. Assim:

As filhas da vizinha pularam o muro da escola.

O menino rasgou o livro.

Na primeira sentença do par acima, o termo **as filhas da vizinha** controla a concordância (*pularam* e não *pulou*); é agente (pratica a ação de pular); é tópico frasal, pois encabeça a sentença, sendo o termo sobre o qual se diz algo: “pularam o muro da escola”. E com “O menino rasgou o livro”, os mesmos fenômenos ocorrem. Logo, seriam esses dois exemplos casos *prototípicos* de sujeito. E ainda são dois casos em que o SN sujeito é *pré-verbal*.

De acordo com Pontes, é bem pequeno o número de informantes que reconhece um sujeito posposto. Há também uma forte tendência de se tomar como sujeitos elementos que costumam encabeçar as sentenças. Por isso, em casos como “*Em fila de banco se diz muita bobagem*” (exemplo nosso), é possível que muitos usuários identifiquem como sujeito o sintagma “Em fila de banco”.

Pontes (1986) encaminha sua análise mostrando que, de dez pessoas que apresentaram exemplos de orações com sujeito, quando solicitadas, nove propuseram contextos em que os verbos selecionavam elementos [+animados], [+humanos], [+agentes] para ocuparem

paradigmáticamente essa função, além do fato de todos os dez terem apresentado o sujeito em posição pré-verbal.

Esses resultados parecem contribuir para o seguinte princípio: a gramática da língua é também motivada por fatores que não se circunscrevem apenas no âmbito da estrutura “interna”, pois aspectos de ordem cognitivo-pragmática são também colaboradores na organização do sistema lingüístico, posição defendida por Neves (2006, p. 19), na linha de Givón (1995):

Talmy Givón fixa-se particularmente no postulado da não-autonomia do sistema lingüístico, na concepção da estruturação interna da gramática como um organismo que unifica sintaxe, semântica e pragmática (sendo a sintaxe a codificação dos domínios funcionais que são: a semântica, proposicional; a pragmática, discursiva) e no exame dos aspectos icônicos da gramática. Para Givón (1995) a língua não pode ser descrita como um sistema autônomo porque a gramática só pode ser entendida por referência a parâmetros como cognição e comunicação, processamento mental, interação social e cultura, mudança e variação, aquisição e evolução.

Aliás, Pontes (1986) já estabelece diálogo com Givón (1979), para quem o SN posposto também não figura como tópico e, portanto, perde o *status* de sujeito. Inclusive, isso conduz a autora a reiterar que as características de sujeito posposto coincidem com as de objeto direto.

Givón (1979) propõe que a posição de acusativo (ou objeto direto) é a principal forma de introduzir novos argumentos no discurso, pelo menos em inglês, por exemplo. Acreditamos, portanto, que isso abre espaço para se entender que o *sujeito posposto*, pelo menos em boa parte de sua ocorrência, em português, acaba se comportando como um termo que não carrega a função topicalizadora.

Pontes encaminha a posposição do sujeito para uma perspectiva discursiva. Sobretudo quando argumenta que o falante, ao escolher uma forma e não outra – SV *versus* VS - indicia que é porque elas são diferentes, corroborando Martinet (1964), que já preconizava que a toda escolha corresponde um significado.

Berlinck (1986; 1989) efetuou um estudo da posposição do sujeito sob a perspectiva diacrônica. Concluiu que a *ordem* tem apresentado mudanças significativas no PB: (1) as ordens VSO e VOS eram mais comuns no português nos séculos XVIII e XIX; (2) tem ocorrido um decréscimo de frequência VSO e um enrijecimento da ordem SVO, o que corrobora o argumento de que a organização sujeito + verbo + complemento (objeto) tem sido, por excelência, a que predomina no PB contemporâneo.

Berlinck apresenta estatísticas para configurar o seguinte: a) 42% de VSO no século XVIII; 31% de VSO no século XIX; 21% de VSO no século XX, índices que revelam um desaparecimento da ordem VSO, comum ainda no português europeu, segundo a autora, mas muito menos freqüente no PB. Sentenças como “*Trouxe você o livro?*”, no PB atual, ou raramente ocorrem, ou no mínimo se limitam a contextos discursivos que não caracterizam a língua portuguesa cotidiana espontânea.

Mais adiante, Berlinck (1997) retoma a discussão sobre a posposição do sujeito enfocando-a sob o seguinte aspecto: o *SN pré-verbal* costuma ser uma informação dada no discurso; o *SN pós-verbal*, uma informação nova. A autora propõe que sujeitos informacionalmente conhecidos na interação lingüística podem ser tanto antepostos quanto pospostos. Esse fato foi verificado num *corpus* de língua escrita, no qual se efetuou uma comparação entre o PB e o português europeu.

Berlinck (1997) afirma que a ordenação dos SNs que figuram como sujeitos está vinculada a um “princípio de equilíbrio da informação, segundo o qual o último elemento da frase é o mais ‘pesado’ do ponto de vista da informação, quer ele seja sujeito ou um complemento” (p. 57). Este estudo de Berlinck se efetiva a partir do questionamento pré-verbal – dado/ pós-verbal-novo, baseado em estudos dessa natureza, já empreendidos por Votre e Naro (1986), dos quais falaremos a seguir.

Naro e Votre (1991; 1999), com um estudo de caráter funcionalista, propõem que há um alicerce discursivo que gerencia a ordem VS em português. Esses autores trabalham com a língua portuguesa falada do Rio de Janeiro e examinam a relação entre o *status* informacional dos constituintes das sentenças e a ordem que estes ocupam na estrutura da frase portuguesa.

De acordo com esse estudo, orações com ordem VS incidem em ambientes em que o sujeito não configura informação relacionada ao tópico do discurso. Ainda, para os autores, na posposição do sujeito é pertinente verificar o que é informação nova *versus* informação velha.

Ou seja, antepor ou pospor um SN sujeito é um procedimento motivado pelo discurso, pelo *status* informacional que o sintagma nominal anteposto ou posposto carrega. Os autores concluem, portanto, que SV e VS estão em *distribuição complementar*.

Pezzatti e Camacho (1997), adotando uma perspectiva de caráter funcionalista, examinam os aspectos tipológicos que caracterizam as línguas e também demonstram que o português vem se transformando de uma língua VSO para outra predominantemente SVO, conforme já ressaltou Berlinck (1986).

Coelho (2000), ao analisar a posposição do sujeito, opta por uma linha sociovariacionista, aliada aos Princípios e Parâmetros da Gramática Gerativa. Coelho também

estuda Kayne (1994), para quem a ordem linear é axiomática; as ordens OVS, OSV, VOS são raras nas línguas, de tal forma que a ordem SVO se impõe sobre as outras estruturas.

Kayne (1994) afirma, informa a autora, que podem ser encontradas línguas com concordância entre SV e sem concordância entre VS, mas o contrário não se efetiva. Existe nas línguas naturais uma ordem SVO universal; as demais – OVS, OSV, VOS – são derivações de movimentos à esquerda e, por isso, menos freqüentes.

O estudo de Coelho também envereda pela diacronia, já que foi analisada a ordem VSC (e sua possível variação), a partir de peças de teatro de autores catarinenses dos séculos XIX e XX, nas quais se verificou o fenômeno em sentenças declarativas. Coelho corroborou o citado trabalho de Berlinck (1986; 1989), cujos resultados, conforme já dissemos, apontam que tem ocorrido um decréscimo gradual de freqüência de VSO e consagração da ordem SVO.

Coelho reitera algumas conclusões a que também chegaram outros estudiosos, dentre as quais:

(1) os verbos transitivos apresentam SVO mais fixa, corroborando-se assim o axioma de Kayne (1994) – a *ordem linear* é, por excelência, a mais freqüente nas línguas naturais;

(2) a ordem do sujeito no século XIX é variável, enquanto no século XX há uma restrição lexical que impede maior variação;

(3) no século XIX a concordância SVO ou VSO era obrigatória, enquanto no português atual há obrigatoriedade de concordância com SVO, mas não com VS;

(4) no português do século XX, quando o foco recai no sujeito, prefere-se a ordem SVO.

Coelho (2000) se preocupa em analisar a variação da ordem SV/VS especificamente em construções monoargumentais da língua portuguesa. Uma observação importante está em que o efeito semântico dos verbos das sentenças vincula-se à relação que estes estabelecem com seus argumentos, tanto o *externo* quanto o *interno*.

Logo, a proposta aponta para que se avaliem o sujeito e o objeto selecionados pelo verbo, e o tipo de relação temática que se processa entre eles. Desse modo, Coelho constata que há também restrições sintático-semânticas responsáveis pela ocorrência ou de SV ou de VS em português.

Por exemplo, considerando-se as sentenças seguintes, pode-se confirmar o que diz a autora:

Sai lista do Universidade para Todos. (*A Gazeta* – 27/03/2007)

Sai resultado da prova de Guarapari. (*A Tribuna* – 27/03/2007)

A composição semântica do verbo sair, nos contextos acima, pode ser um indício motivador da ordem VS, pois em ambas as situações o SN posposto é [-agente]; há nos dois casos, também, eventos *processuais*, e não eventos de *ação*, diferentemente de sair, por exemplo, em:

Saiu Pedro para a escola.

Saiu João ao pai.

Pedro saiu para a escola.

Pedro saiu ao pai.

No grupo acima, é inegável que as duas primeiras sentenças, até certo ponto, são “agramaticais” no português; a não ser que se considere o caráter *contrastivo* de Pedro (Saiu Pedro e não João...) – nestes casos, a posposição é justificada por *contraste*; por outro lado, é plausível a naturalidade com que se “percebem” as duas últimas sentenças: tem-se na terceira o verbo sair indicando *evento de ação*; ao passo que, na última, encontra-se sair com caráter *copulativo*, o que não se manifesta nas sentenças de *A Gazeta* e *A Tribuna*, expostas anteriormente.

Logo, cumpre-se a argumentação de Coelho (2000), para quem, reitera-se, a natureza semântica do verbo é um aspecto imprescindível na observação do sujeito posposto, já que preferencialmente a ordem VS se manifesta com verbos que podem selecionar como sujeito tanto SNs [-animados] quanto [+animados], como:

Faltou três alunos na sala.

Faltaram três livros no pacote.

Além das considerações anteriores, um aspecto importante que a autora levanta em seu trabalho diz respeito ao caráter [+específico/-específico] e [+genérico/-genérico] dos SNs pós-verbais. Propõe a autora que sintagmas nominais [+específicos] favorecem a ordem VS, conforme se verifica em exemplos seus abaixo:

Deu abelha no jardim.

***Deu uma das abelhas no jardim.**

Na segunda sentença do par acima, a *agramaticalidade* se justifica, conforme a autora, porque *abelha* é um elemento que envolve mais pressuposição; é preciso, previamente, ter-se falado desse referente para que a sentença se realize sem causar “estranheza”; no primeiro caso, por exemplo, verifica-se que o caráter mais genérico e menos específico de *abelha* favorece a ordem VS sem restrições.

Para Coelho (2000), no estudo do sujeito sempre é relevante a discussão sobre os verbos monoargumentais. A autora reitera a tese de que os verbos inacusativos, já apresentados em exemplos anteriores, são condicionadores da ordem VS, que não se dá de forma homogênea em português. E o comportamento sintático-semântico dos verbos cogerencia a linearidade dos sintagmas.

Logo, a autora também afirma que as ordens SV/VS não são, propriamente, casos de variação, em português: onde uma está, nem sempre poderá instalar-se a outra. Acreditamos que essa afirmação afina-se com pressupostos funcionalistas, pois, para estes, “dizer diferente” significa “significar diferente”. Bailard (*apud* Pontes, 1986), já assinalou, num estudo de caráter discursivo, que “onde uma VS é aceitável, SV também é, mas o contrário não é verdadeiro” (p. 69).

Embora não tenha sido pioneiro o trabalho de Ciríaco e Cançado (2004), no sentido de investigar o fenômeno da inacusatividade, fundamental para a compreensão da ordem VS em português, é necessário registrar aqui que o estudo dessas autoras contribui para elucidar o comportamento dos verbos mono-argumentais em português.

Segundo Ciríaco e Cançado (2004), há aspectos, tanto sintáticos quanto semânticos, que determinam uma divisão dos verbos mono-argumentais: os tipicamente intransitivos, denominados *inergativos*, que apresentam um único argumento na posição de sujeito; os *inacusativos*, cujo sujeito é um objeto em sua origem.

Este estudo também reitera a inconsistência de afirmar-se que a posposição do sujeito – ordem VS – é simplesmente favorecida com verbos intransitivos, já que estes não apresentam comportamento homogêneo, em português, conforme pode ser constatado nos exemplos abaixo:

1. O João cantou *versus* *Cantou o João.

2. O João morreu *versus* Morreu o João.

Verifica-se que em (1) a posposição do sujeito parece “menos natural” do que em (2), embora em ambos os casos o verbo seja *intransitivo*.

Esse aspecto, o de que os verbos intransitivos não têm comportamento homogêneo, também já foi levantado por Pezatti (1993, p. 176), para quem o fenômeno da ordem VS não deve ser abordado sem que seja efetuada uma distinção relevante entre os verbos de um único argumento.

Voltando a Ciríaco e Cançado (2004), verificamos a insuficiência da sintaxe para explicar o fenômeno da posposição do sujeito em português, já que há fatores de ordem semântica que podem também motivar esse fenômeno. Aliás, de acordo com as autoras, a distinção entre *inacusatividade* e *inergatividade* é semanticamente determinada (p. 208).

Em seguida, a partir de uma adaptação nossa, apresentaremos uma série de propriedades – tanto sintáticas quanto semânticas – que contribuem para uma melhor distinção entre verbos *inergativos* e *inacusativos*, a partir de estudo de Ciríaco e Cançado (2004):

Traços que sinalizam

INERGATIVIDADE

1. SN-sujeito de verbo *inergativo* costuma ser *desencadeador* de um processo e ter controle sobre ele;
2. Verbo *inergativo* aceita mais facilmente *expressão durativa*;
3. Verbo *inergativo* não favorece posposição do SN-sujeito;
4. Verbo *inergativo* aceita *indeterminação do sujeito*;
5. Verbo *inergativo* não aceita *particípio absoluto*.

Traços que sinalizam

INACUSATIVIDADE

1. SN-sujeito de verbo *inacusativo* costuma ser *afetado* pelo processo verbal e não ter controle sobre ele;
2. Verbo *inacusativo* não aceita *expressão durativa*;
3. Verbo *inacusativo* favorece a posposição do SN-sujeito;
4. Verbo *inacusativo* não aceita *indeterminação do sujeito*;
5. Verbo *inacusativo* aceita *particípio absoluto*.

É necessário, neste momento, apresentarmos alguns exemplos, no sentido de ilustrar as propriedades acima expostas, a fim de que se evidenciem os traços que distinguem uma e outra classes de verbos mono-argumentais.

Todavia, convém advertirmos que esses parâmetros não devem ser tomados de modo categórico, pois isso seria contraditório em relação à nossa perspectiva de análise, que é o funcionalismo, pois entendemos que os instrumentos léxico-gramaticais se instalam no sistema lingüístico dentro de um *continuum*, aspecto a respeito do qual falaremos melhor no capítulo seguinte, quando serão efetuados estudos sobre a linguagem e o funcionalismo.

Analisar o comportamento funcional dos SNs que ora se antepõem ora se pospõem aos SVs significa considerar que, assim como há verbos com traços prototípicos de inergatividade e inacusatividade, também há aqueles que, por apresentarem comportamento misto, exibem tanto traços que os caracterizam como inergativos quanto traços que os caracterizam como inacusativos.

Retomando-se os parâmetros estudados por Ciríaco e Cançado (2004), cumpre-nos apresentar os seguintes exemplos:

1. O menino *correu* pelo parque.

2. *Morre* operário ferido com a queda de laje (A Tribuna – 14/06/2007)

Embora o ambiente discursivo das sentenças seja restrito, os exemplos valem para reforçar os argumentos apresentados por Ciríaco e Cançado (2004).

Em defesa do caráter [+inergativo] do verbo *correr*, no exemplo (1), pode-se levantar o seguinte:

- a) o SN [o menino] é [+desencadeador] do processo verbal e parece ter controle sobre ele;
- b) o verbo *correr* está numa sentença em que é possível subordinar-se a ele uma *expressão durativa* – (O menino correu pelo parque *durante 10 minutos*);
- c) a posposição do sujeito, embora possível, não parece tão “natural” quanto em 2 – [Correu o menino...], a não ser que se subordine ao item lexical *menino* uma *oração atributiva* – [Correu pelo parque o menino *que tinha roubado o livro*], aspecto do qual falaremos daqui a pouco, quando focalizarmos o estudo de Pilati (2006);
- d) nesta sentença, é possível *indeterminar-se* o sujeito – [*Correram pelo parque...*];

- e) o verbo **correr**, neste contexto, não aceita *particípio absoluto* – [**Corrido** o menino...].

Em contrapartida, um verbo de caráter [+inacusativo], como o caso de **morrer**, em 2, configura o seguinte:

- a) o SN [(operário) ferido com a queda de laje] não desencadeia o processo verbal e não tem controle sobre ele; pelo contrário, o SN-sujeito aqui é *afetado* pelo processo verbal;
- b) o verbo **morrer** parece rechaçar *expressão durativa* – [**Morre durante 10 minutos** operário ferido com a queda de laje];
- c) a *posposição do sujeito*, nesta situação, parece perfeitamente natural, até mesmo se se considerar o caráter [+pesado] do SN – há mais de três palavras que preenchem a posição paradigmática do item que funciona como sujeito;
- d) a *indeterminação* do sujeito, embora possível, parece aplicar-se com mais propriedade a verbos de caráter [+agentivo], como **correr**, do caso anterior.
- e) O verbo **morrer** parece aceitar mais propriamente *particípio absoluto* – [**Morto** o operário...].

Reiteramos que tais traços podem não garantir (sempre) a identificação de verbos inergativos e inacusativos, mas não duvidamos de que todos esses aspectos apontados sejam esclarecedores dessas categorias; essas considerações são importantes para mostrar que a ordem VS é mais licenciada (veja-se, *mais* e não *totalmente*) com verbos [+inacusativos], ao passo que com verbos [+inergativos] tal fenômeno parece cumprir-se com bem menos frequência.

Pilati (2006) talvez seja uma das fontes mais recentes que se preocuparam com o estudo da posposição do sujeito. Apoiando-se em pressupostos de caráter gerativista, a autora revisita outros estudos já empreendidos sobre o tema, notadamente os de linha variacionista e gerativista.

A partir das conclusões da maioria dos estudiosos que se dedicaram à causa que ora se apresenta – a de que a ordem VS se manifesta com mais frequência em contextos de verbos monoargumentais (intransitivos) e com mais restrição com verbos inergativos e transitivos – Pilati avança para propor que os *transitivos* podem também favorecer a ordem VS, o que não era muito considerado até então.

Os estudos de linha variacionista normalmente preconizam que a ordem VS com verbos transitivos é rara; os gerativistas, por sua vez, avaliam até mesmo como agramaticais sentenças cuja organização VS se dê com verbo transitivo.

Pilati apresenta exemplos de ordem VOS, chamando a atenção para o fato de que são construções que ocorrem em contextos muito específicos, que ela chama de “narração concomitante”, ou seja, que normalmente se efetiva (1) em jornais que informam exaustivamente os fatos, (2) em narração de partidas esportivas, cujas orações apresentam *predicados previsíveis*, e (3) em textos que veiculam instrução, de acordo com exemplos colhidos da própria autora:

1. **Tomou posse o ministro da Educação.**
2. **Ergue o braço o juiz.**
3. **Ganha o jogo a equipe que fizer cinco pontos.**

No terceiro caso do grupo acima, Pilati assinala a importância da oração adjetiva para a própria gramaticalidade da frase, pois a oração atributiva funciona, na verdade, como *foco identificacional*, o que torna a presença dela fundamental à estrutura da sentença.

O segundo exemplo, por outro lado, apresenta uma oração cujo predicado se dá por meio de um *comentário previsível*, assim como teríamos o mesmo fato em *Pega a bola o goleiro*, exemplo também citado pela autora na tese.

Pilati apresenta uma série de contextos em que a posposição do sujeito é motivada pela presença do que ela chama de *verbos leves* nas sentenças, como ela mesma afirma, por meio dos seguintes exemplos:

- Merece destaque o item c.**
Tomou posse o ministro da Educação.

Verifique-se o caráter [–agentivo] dos SNs pospostos aos verbos nas sentenças acima. Esse aspecto é utilizado pela autora como um fator favorável à ocorrência de VOS em português.

Em contrapartida, Pilati oferece exemplos de sentença VOS agramatical, no sentido de assinalar que a presença de *verbos leves*, cujos sujeitos têm o traço [–agente], é de fato um aspecto a que também se deve dar importância para se analisar o sujeito posposto em português.

Observem-se os exemplos abaixo, colhidos também da própria autora:

*** Comeu o bolo o João. (agramatical)**

Provocou surpresa a manutenção da taxa de juros em 16%. (gramatical)

A partir desse levantamento de estudos já empreendidos, acreditamos poder apoiar com mais propriedade nossas discussões a respeito da *posposição de sujeito* num *corpus* de língua escrita colhido nos jornais *A Tribuna* e *A Gazeta*, de Vitória – ES.

Pretendemos verificar se de fato a ordem VS tem um caráter *apresentativo* nos textos jornalísticos. Que importância há na posposição do sujeito nesse tipo de discurso? Em que circunstâncias SV e VS, com o mesmo verbo, são possíveis? Em que circunstâncias uma ordem impede a ocorrência da outra? Ou seja, nas manchetes jornalísticas, a ordem VS é uma derivação (variação) de SV ou é um fenômeno que caracteriza distribuição complementar na língua portuguesa?

2. A LINGUAGEM E O FUNCIONALISMO

Neste capítulo, julgamos pertinente empreender uma discussão a respeito do Funcionalismo em Lingüística para estudar o fenômeno da linguagem sob princípios dessa corrente, já que nossa proposta se encaminha para aferir a finalidade comunicativa com que a ordem VS ocorre nos textos jornalísticos, ou seja, qual a função discursiva que um sujeito posposto, por exemplo, exerce num contexto pragmático específico.

Para isso, também, acreditamos fundamental estabelecer comparações entre essa ordem e a ordem SV, considerada, conforme nossa exposição no capítulo 1, a mais freqüente, o que na verdade se constatou e reiterou em nossas pesquisas, pois houve dias em que os jornais não exibiram sentenças VS, ao passo que a ordem SV manifestou-se larga e ininterruptamente.

Estabelecer a época em que uma corrente teórica surge nem sempre é tarefa fácil. Embora os pressupostos funcionalistas estejam vinculados à Escola Lingüística de Praga, no final dos anos 20 do século passado, conforme divulgam trabalhos que se preocupam com a história do Funcionalismo, Pezatti (2005, p. 177) defende que os estudos pioneiros no campo da Perspectiva Funcional da Sentença (PFS) remontam a Weil, em 1844:

Weil distingue entre movimento de idéias expresso pela ordem de palavras e movimento sintático expresso pela desinência. A sentença contém o ponto de partida (a noção inicial) e o objetivo do discurso, sendo o primeiro o ponto de encontro entre falante e ouvinte, e o segundo a informação que deve ser partilhada com o ouvinte: o movimento da noção inicial em direção ao objetivo do discurso revela o movimento da mente.

Se em Weil (1844) já se levavam em conta as relações estabelecidas entre falante e interlocutor, entre informação dada e informação a ser partilhada no momento de interação lingüística, não há como desconsiderar que aí já residia o alicerce dos estudos funcionalistas, que assumem maiores proporções com as pesquisas efetuadas pelo Círculo Lingüístico de Praga, a partir do qual começou-se a dar relevo a qualquer abordagem submetida aos *fins* (grifo nosso) a que servem os instrumentos lingüísticos (Neves, 2004, p. 17).

A perspectiva funcional da linguagem já está subentendida na própria concepção de língua empreendida por estudiosos da Escola Lingüística de Praga, formada por um grupo de autores que atuaram antes de 1940 no Círculo: a língua deve ser analisada como um “*sistema de sistemas*” (Ilari, 1992, p. 23-24).

Esse postulado é um dos principais fatores que caracterizam uma abordagem funcional: *a priori*, no Funcionalismo não há espaço para uma língua *abstrata*, pois esta se concretiza como acontecimento. Por essa razão, entendemos que a língua é sistema, é estrutura, mas não um sistema e uma estrutura acabados. É espaço onde convivem vários *subsistemas* lingüísticos e, portanto, é universo onde ocorrem, constantemente, fenômenos de variação.

Enquanto na perspectiva formalista a língua é analisada como um fenômeno asséptico, no qual as categorias lingüísticas co-habitam discretamente o universo sistêmico da linguagem, na perspectiva funcionalista os instrumentos lingüísticos convivem subjugados pela interação entre os usuários, fato que por si rechaça uma perspectiva de língua abstrata, que divorcia o sistema do uso, conforme pretendiam os estudos saussurianos.

No Funcionalismo, a estrutura da linguagem se inscreve numa estrutura discursiva, e os elementos léxico-gramaticais constitutivos da língua só valem pelo que são no uso que se faz do sistema. Ou seja, a língua existe na medida em que a utilizamos e com ela interagimos, nas diversas situações sociais em que nos encontramos imersos.

A favor dessa perspectiva, desfaz-se a rigidez que se estabelece, nos estudos formalistas, entre língua e fala, por exemplo, pois ao Funcionalismo, segundo Pezatti (2005, p. 168), é caro o seguinte:

...em primeiro lugar a concepção de linguagem como um instrumento de comunicação e de interação social e, em segundo lugar, o estabelecimento de um objeto de estudos baseado no uso real, o que significa não admitir separações entre sistema e uso...

Esse postulado nos conduz a reiterar que, num estudo funcionalista, anulam-se quaisquer concepções rígidas sobre as categorias lingüísticas. Nessa perspectiva, trabalha-se com a noção de *prototipicidade*, segundo a qual se admite a existência de vaguidade nos limites entre categorias (Neves, 2006, p. 22). Nesse sentido, portanto, a explicação dos fatos lingüísticos não deve submeter-se ao sistema em si; é necessário considerar, por exemplo, que aspectos “externos” ao sistema são co-responsáveis pela relação entre *formas e funções*.

Julgamos que essa vaguidade entre categorias, proposta por Neves (2006, p. 22), pode ser explicada assim: há contextos em que um SN é [+sujeito]; há outros em que esse SN é [-sujeito]. Então, considere-se o exemplo seguinte, que será utilizado provisoriamente, já que nosso *corpus* compreende uma abrangência maior de contexto – as manchetes serão observadas em relação com o texto que as seguirá, pois a descrição da gramática de uma

língua, na perspectiva que adotamos, só se faz coerente na medida em que a efetivamos no discurso. E, aqui, o discurso também contribui para *moldar* essa gramática.

João xinga o pai.

João ouve o pai.

Considerando-se, por exemplo, o traço semântico [agente] na descrição do sujeito, verificar-se-á que *João* é [+sujeito] na primeira sentença do grupo acima, ao passo que é sujeito [-prototípico] na segunda. Ou seja, um SN [+pré-verbal], [+agente], [+tópico de sentença], que incorpora *positivamente* os traços típicos que o caracterizam como sujeito, exerce essa função de forma modelar, por isso, é um sujeito *prototípico*; e qualquer SN que venha, em princípio, a não exibir pelo menos um dos traços arrolados acima foge à categoria prototípica de sujeito. Aliás, quanto mais traços negativos um SN apresentar, em relação aos aspectos que o caracterizam quanto a essa função sintática em pauta, menos sujeito (gramatical) ele será.

Os aspectos “externos” de que falamos anteriormente dizem respeito, por exemplo, às finalidades pretendidas pelo usuário em determinadas situações reais de interação, quando normalmente um termo encabeça uma sentença justamente por ser o centro do que se discute, por ser o elemento que concentra uma informação que vem sendo (ou que vai ser) veiculada. Dessa forma, a língua passa a não ser autônoma, e essa maleabilidade da *forma* em relação à *função* (tanto sintática quanto discursiva) estabelece que, numa perspectiva funcional, a *forma* é secundária, enquanto a *função* tem papel relevante (Martelotta *et al.* 2003, p. 19).

É comum, por exemplo, no discurso jornalístico, que muitas informações (manchetes), quando aparecem em primeira página, apresentem uma estrutura VS e, em seguida, no interior do jornal, essas mesmas informações sejam veiculadas por meio de uma sentença SV, conforme exemplo abaixo, colhido em *A Gazeta*, em 06/05/2007:

Quênia

Cai avião com 115 pessoas (primeira página)

Avião do Quênia cai com 115 pessoas a bordo

NAIRÓBI. Um Boeing 737-800 da companhia aérea Kenya Airways que transportava 115 pessoas caiu ontem no sul de Camarões. O avião perdeu contato com a torre de controle pouco após decolar de Douala (Camarões) às 23h05 (21h05 de Brasília) com destino a Nairóbi (Quênia), onde devia chegar às 6h15.

Não vamos apresentar o texto na íntegra, por enquanto, pois isso será feito em outro capítulo deste trabalho, já que aqui nosso interesse reside em estabelecer os princípios básicos que norteiam uma análise lingüística de caráter funcionalista. Utilizamos o fragmento acima para observar que as ordens VS e SV, no discurso jornalístico, podem ser uma estratégia discursiva: quando a notícia é apresentada, e esta ilustra um fato cuja natureza seja mais surpreendente, a ordem VS normalmente se cumpre.

Na primeira sentença acima, “*Cai avião com 115 pessoas*” – que aparece na primeira página do jornal, sem nenhum outro comentário referente ao mesmo fato nessa mesma página - o SN *avião* vem posposto ao verbo *cair*; porém, na página 34 desse jornal, outra estrutura organiza a informação - *avião* precede o verbo da sentença: “*Avião do Quênia cai com 115 pessoas a bordo*”. Na primeira sentença, há um SPrep – “*com 115 pessoas*” – que se adjunge ao substantivo-núcleo do sujeito *avião*; já na sentença da página 34, esse mesmo sintagma se acopla ao verbo.

Embora tenha sido apresentado apenas o primeiro parágrafo do texto acima, já se pode observar como uma informação pós-verbal pode passar a pré-verbal e se manter tanto como tópico sentencial quanto como tópico discursivo. Ou seja, na manchete encontrada na página 34, *avião* figura como tópico da sentença e também é tema/tópico do discurso. E nas orações que organizam esse primeiro parágrafo apresentado, todas as formas verbais existentes já têm como sujeito, direta ou indiretamente, o item lexical *avião*:

- a) *transportava* – o relativo *que* recupera o sujeito *Um Boeing 737-800 da companhia aérea Kenya Airways*
- b) *caiu* – *Um Boeing 737-800 da companhia aérea Kenya Airways*
- c) *perdeu* – *avião*
- d) *decolar* – elíptico (*avião*)
- e) *devia chegar* – elíptico (*avião*)

Mais adiante, ainda neste capítulo, ao falarmos mais detidamente sobre os conceitos de *tema/rema* e *tópico/comentário*, nós nos referiremos também ao fato de o sujeito, categoria sintática, ser muitas vezes confundido como tópico de sentença, conquanto seja de largo conhecimento, nos estudos lingüísticos, que essas duas categorias não têm que, necessariamente, coincidir na estrutura da oração.

Entendemos que essa escolha de VS na primeira página e SV na página interna do jornal pode estar vinculada à natureza mais “nova” da informação. Inclusive, *avião* parece

apresentar caráter mais *indefinido* na primeira sentença, enquanto na segunda – “*avião do Quênia...*”, percebe-se que o *especificador* “*do Quênia*” identifica esse *avião* (*avião que é do Quênia e não de outro lugar*), provocando, provavelmente, o deslocamento do SPrep “*com 115 pessoas...*”, de modo que este passe a figurar como parte do *comentário* que se faz a respeito desse *avião*.

Procedimento semelhante foi adotado quanto ao falecimento do ator Serafim Gonzalez e do diretor de novelas Herval Rossano. Por ocasião da morte do primeiro, no *Caderno AT2* de *A Tribuna*, em 01/05/07, foi exibida a seguinte manchete, sem acompanhamento de nenhum outro comentário a respeito do fato: “***Morre Serafim Gonzalez***”. Na página seguinte, a sentença-manchete vinha desta forma: “***Serafim Gonzalez morre aos 72 anos***”.

Estratégia idêntica foi utilizada para veicular a morte de Herval Rossano: na primeira página do *Caderno AT2* de *A Tribuna*, em 10/05/07, exibiu-se o seguinte: “***Morre Herval Rossano***”, sem que também nenhum comentário seguisse a manchete nesta mesma página. No interior do *Caderno*, estampava-se: “***Herval Rossano morre aos 72 anos***”.

Em alguns casos, portanto, a ordem VS parece constituir um esquema em que o SN posposto (ou a sentença propriamente) reveste-se de um valor apresentativo, para em seguida, por meio de SV, apresentar-se a notícia na íntegra. Pelo menos, é possível considerar esse aspecto quanto aos procedimentos lingüísticos utilizados para noticiar a morte de Gonzalez e Rossano, conforme apresentação anterior.

Todavia, com respeito à morte de Nair Bello, o mesmo jornal utilizou estratégia diferente: tanto na primeira página do *Caderno AT2*, de *A Tribuna*, em 18/04/07, quanto na terceira página, empregou-se a ordem SV para noticiar o falecimento da atriz: “***Nair Bello morre aos 75 anos***”.

Nair Bello já estava acamada há cinco meses. Havia, portanto, na memória do leitor, a expectativa de possibilidade de morte da atriz. É provável que esse fato justifique a utilização da ordem SV. Quanto a S. Gonzalez e H. Rossano, ambos morreram subitamente. Logo, parece então mais justificável que o jornal preferisse a ordem VS à ordem SV, antes que a notícia fosse veiculada na íntegra. Além disso, a atriz parecia ter uma popularidade relativamente maior que a dos outros dois colegas de profissão.

É indiscutível que, numa análise funcionalista, não é coerente efetuar considerações sobre a língua apenas observando-se o sistema em si. Para reiterar isso, embora nosso objeto de estudo *stricto sensu* seja o sujeito posposto, observe-se, no fragmento abaixo, em mais um exemplo extraído do suplemento *Leve a Vida*, de *A Gazeta*, em 14/01/2007, como a relação entre o sujeito (mesmo anteposto) e o verbo parece efetivar-se não pelo vínculo entre forma e

função (sintática), mas entre forma e universo cognitivo, pois nessa situação apresentada a seguir deve ter entrado em realce na mente do usuário o “grupo de mulheres” e não “uma” entre elas:

Segundo estimativas, uma em cada cinco mulheres grávidas britânicas vão sofrer um aborto.

De acordo com Cunha *et al.* (2003, p. 32), o *subprincípio da integração*, proposto por Givón (1995), pode justificar que o que está cognitivamente mais próximo, mais integrado vai estar no âmbito da codificação. Logo, a organização sintática pode ser também desencadeada por fatores de caráter cognitivo.

Esse aspecto está intimamente ligado à ordem dos constituintes. Os sintagmas, por exemplo, não se instauram apenas por meio de uma gramática formal, mas por intermédio de um universo gramatical cognitivo. Um fundamento do Funcionalismo, inclusive, é propor que a gramática pode instaurar-se a partir da construção do conhecimento pelo indivíduo.

Se, na perspectiva funcionalista, lida-se com um arcabouço lingüístico *absolutamente relativo*, é necessário entender que os instrumentos léxico-gramaticais são também manipulados pelo usuário criativamente, de modo que não se pode avaliar a linguagem como estrutura sem levar-se em conta que essa estrutura se efetiva também por meio de fatores pragmáticos.

Essa observação é importante na distinção entre análise formalista (estruturalista) e análise funcionalista: enquanto nesta última a linguagem não se basta como um “objeto autônomo”, na primeira exclui-se qualquer fenômeno que não esteja no âmbito “interno” do sistema.

Voltando ao excerto de *A Gazeta*, constata-se que a relação entre sujeito e verbo obedece muitas vezes a uma gramática da cognição e não a uma gramática da forma (Marcuschi, 2005, p. 76). Ainda, a incongruência entre “**uma...**” e “**vão** (vai) sofrer...” assinala que os elementos mais próximos do verbo governaram a morfossintaxe deste, embora a concordância efetuada tenha comprometido a coerência do discurso, pois não se pretendeu dizer que “as cinco mulheres” envolvidas no fato sofrerão aborto.

Julgamos pertinente propor, quando convier, exemplos que procurem elucidar princípios funcionalistas porque entendemos que não é suficiente, para nós, comentar sobre essa vertente apenas elencando autores que são apresentados sob o rótulo *funcionalista*. Até mesmo porque dentro do Funcionalismo - e já é *lugar-comum* afirmar isso - existem “tantas

versões (...) quanto lingüistas que se chamam *funcionalistas*, denominação que abrange desde os que simplesmente rejeitam o formalismo até os que criam uma teoria” (Neves, 2004, p. 01).

Vimos, no início deste capítulo, que a gênese dos estudos funcionalistas remonta a Weil, em 1844, (Pezatti, 2005, p. 177), e que estes estudos trilham novos caminhos com o Círculo Lingüístico de Praga, em meados da primeira metade do século XX. Tradicionalmente, a vertente funcionalista dos estudos lingüísticos tem sido tomada como originária desse contexto histórico, notadamente com a influente teoria acerca das funções da linguagem proposta por Jakobson (Marcuschi, 2005, p. 13).

Todavia, não se pode afirmar que já nessa época o funcionalismo propusesse um estudo do fenômeno lingüístico com base na língua em uso, ou seja, no próprio discurso. Os primeiros estudiosos mantinham-se ainda muito vinculados ao estruturalismo saussuriano, de modo que concepções de abstração e homogeneidade lingüística não abandonaram de todo os encaminhamentos dados às funções da linguagem, conforme pondera Lucchesi (2004, p. 91):

O esquema das funções da língua, pelo qual se pretende dar conta dos indivíduos e das situações de fala, mantém-se no plano formal abstrato. Nele, mais uma vez encontramos um emissor impessoal que fala a um receptor também impessoal, numa situação indeterminada do ponto de vista do contexto sociocultural. Escapa-lhe, portanto, o conjunto de condicionamentos, que se atualiza tanto na condição do indivíduo falante quanto na situação em que o ato de fala acontece.

Portanto, na opinião de Lucchesi (2004, p. 91), para os primeiros funcionalistas a língua ainda se mantém “exterior” aos indivíduos. Nesse período, as funções da linguagem jakobsonianas não conseguem ainda conferir à língua uma dimensão sócio-cultural que a conceba, integralmente, sob a tutela da sintaxe, da semântica e, fundamentalmente, da pragmática.

Lucchesi (2004, p. 91) argumenta, por exemplo, que a função emotiva, assim como as demais, é estudada de modo asséptico, “constituindo uma modalidade una”. “Quando um falante narra um acontecimento aos seus companheiros”, assinala Lucchesi (2004, p. 91) não o faz da mesma forma que quando o narra a indivíduos de outra classe social. Ou seja, as formas lingüísticas utilizadas, a própria ordenação sintagmática, que aqui é nosso tema, por exemplo, tudo isso pode ocorrer conforme o contexto interacional em que estiver inscrito o usuário. E isso ainda não é previsto na Escola de Praga.

Não se considerando, portanto, essa conjuntura, o sistema lingüístico permanece homogêneo e unitário, embora a Escola Lingüística de Praga tenha lhe conferido novo caráter. Não obstante tenham se proporcionado novas dimensões às sentenças da língua, com as questões concernentes às funções da linguagem e à perspectiva funcional *tema versus rema*, ainda não foi possível “incorporar o jogo dialético entre a estrutura da língua e a estrutura social” (Lucchesi, 2004, p. 92).

Optamos por inserir nosso objeto de estudo na perspectiva funcional por entendermos que avaliar os efeitos semântico-discursivos decorrentes da posposição (e em alguns momentos também da anteposição) do sujeito na língua, para nós, faz sentido dentro de uma abordagem que não prescindia do contexto pragmático como uma instância da linguagem, já que aqui se pretende a língua em uso, ou seja, o discurso.

E estudos funcionais canônicos como os de Halliday (1967, 1976), Givón (1979, 1995...), Dik (1978), Hopper e Thompson (1980), por exemplo, embora apresentem perspectivas funcionalistas diferentes de análise, entendem a língua como fenômeno inaugurado pelo discurso, e por isso concretizado na interação entre os usuários.

Aventamos que antepor ou pospor um SN a um verbo pode ser um reflexo de fatores que não se circunscrevem somente no escopo “interno” da língua. Já se afirmou que não só aspectos fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos são responsáveis pela constituição da gramática. Essa constituição, que não se dá de forma categórica, mas que se permite estar em constante mudança, indicia que uma análise funcionalista não pode prescindir da pragmática, conforme Neves (2004, p. 21), acompanhando a linha teórico-analítica de DiK:

(...) nas palavras de Dik, a lingüística tem de ocupar-se de dois tipos de sistemas de regras, as regras semânticas, sintáticas, morfológicas e fonológicas (que governam a constituição das expressões lingüísticas) e as regras pragmáticas (que governam os padrões de interação verbal em que essas expressões lingüísticas são usadas).

Não prescindir da pragmática é também considerar que uma SV pode não se aplicar em determinadas situações em que só caberia, por exemplo, uma VS, já que a natureza semântica do verbo pode ser um obstáculo a que o sujeito preceda o verbo, conforme manchetes abaixo, também colhidas por nós. Vamos apresentar, também, além das manchetes, uma parte dos textos, que serão exibidos na íntegra em outro capítulo, conforme já advertimos anteriormente:

Serra: *faltam* [escolas de ensino médio] (A Gazeta – 25/03/2007)

Mesmo que existam escolas de ensino médio com vagas suficientes para atender à demanda, ainda há reclamações quanto à existência de escolas próximas às casas dos estudantes, como é o caso do município da Serra...

***Falta* [iluminação] em Praia das Gaivotas (A Tribuna – 27/04/2007)**

Os moradores de Praia das Gaivotas, em Vila Velha, reclamam da precariedade da iluminação pública. Segundo eles, as ruas sem saída para veículos são escuras e perigosas...

Para efeito de argumentação, comparem-se as manchetes acima com as reescrituras abaixo:

***Serra: escolas de ensino médio faltam.**

***Iluminação em Praia das Gaivotas falta.**

Para nós é flagrante a *agramaticalidade* das sentenças reescritas acima. Ou, pelo menos, julgamos muito pouco provável que os jornais utilizem o verbo *faltar*, no final das sentenças, conforme reescrituras acima, favorecendo assim a ordem SV. Aqui, os SNs que se ligam aos verbos podem ser sujeitos gramaticais, mas não parecem exercer essa função pragmaticamente. Ou seja, o sujeito é uma categoria sintática que, nem sempre, coincide com as categorias semântica e pragmática, conforme já comentamos anteriormente.

Além disso, há no verbo *faltar*, nos ambientes apresentados, uma natureza *existencial/impessoal*. Para nós, nesses ambientes, parece não ocorrer sujeito nem sintaticamente. Entendemos que sentenças como “***Falta iluminação em Praia das Gaivotas***”, por exemplo, apresentam identidade metafrásica com “*Não há iluminação em Praia das Gaivotas*”; e também com casos clássicos de indeterminação do sujeito, como “*Precisa-se de iluminação em Praia das Gaivotas*”.

Portanto, o verbo *faltar*, neste contexto, na verdade, não está “predicando”, conforme considera Givón (1988): sentenças que emergem a partir de verbos existenciais não favorecem, necessariamente, uma organização VS, pois não há nelas propriamente um verbo; este perde seu conteúdo lexical. Assim como acontece, por exemplo, com o verbo *ter* em situações como a seguinte:

Hoje tem sorteio do Celta

Chegue a hora de cruzar os dedos para ver se o sorteio bate à porta na linha do sorteio da promoção A Tribuna Da de 16, que será realizado hoje às 15 horas, no estúdio da TV Tribuna.

O leitor que tiver o cupom sorteado vai ganhar um Celta zero quilômetro, com duas portas, na cor branca, com o tanque cheio e as despesas referentes ao emplacamento pagas.

Ainda dá tempo de participar. Os cupons poderão ser depositados até o meio-dia, na urna que fica na portaria da Rede Tribuna, na linha de Santa Maria, em Vitória.

Para participar, basta recortar o cupom, no Classificad de A Tribuna, e responder a pergunta: "Qual é o jornal que dá de 19?". O auditor independente Márcio Braga acompanhará o sorteio.

Quem está na expectativa é o aposentado Francisco Santana, 81. "Participo desde o início e acredito que vou ganhar. Se não capixaba

ganhava sozinho o prêmio da Mega-Sena, eu também posso ganhar o Celta", disse, enquanto depositava o cupom, na urna da portaria da Rede Tribuna.

A caixa de loja Ana Elisa Rocha, 19, cantor que faz aniversário amanhã e quer o Celta de presente. "Se isso acontecer, vai ser o melhor aniversário da minha vida. Nossa, não quero pensar", comentou.

Se for a leitora contemplada, Ana afirmou que vai ficar com o carro. "Ficaria, pois tenho que pegar ônibus para trabalhar e não é nada bom", contou.

O operador de máquina Claiton

Alexandre Xavier Silva, 26, também ficaria com o Celta, mas venderia o seu carro para, no futuro, tentar comprar um carro mais novo. De

pois, ele estuda de folga no trabalho e aproveita para depositar cupons em várias urnas espalhadas por Vitória.

"Assim, tenho mais chances de ganhar, já que deposito em vários locais", apostou.



Ana Elisa depositou o cupom

Figura 1. Hoje tem sorteio do Celta - A Tribuna – Vitória-ES – 03/05/2007

Observe a impropriedade e até mesmo a impossibilidade de deslocamento do SN “sorteio do Celta” no título da matéria acima:

*Sorteio do Celta tem hoje.

Outro exemplo, extraído da página 07 do *Caderno Dois* de *A Gazeta*, em 13/05/2007, pode ser verificado a seguir, em que a sentença-manchete é introduzida pelo verbo *ter*, cujas finalidades discursivas parecem ser as mesmas que a desse mesmo verbo na matéria anterior de *A Tribuna*:

Tem japonês no samba

Discos de samba produzidos por Katsunori Tanaka chegam ao Brasil depois de mais de uma década

JOSE ROBERTO SANTOS NEVES
 rneves@idegazeta.com.br

No final dos anos 80, durante a primeira das duas viagens que o compositor Guilherme de Brito (1932-2006) fez ao Japão, o célebre parceiro de Nelson Cavalcante foi surpreendido pela reação do público no final de seu show. Apesar de não saber falar português, a platéia começou a cantar "Folhas Secas", uma de suas várias criações em parceria com Nelson Cavalcante, para homenagear o letrista. O mestre ficou tão emocionado que saiu aos prantos do teatro, ouvindo os japoneses entoando os versos "Em Manicadas, quando morro/ um aceta/ todas chovendo/ mas o tanto em Manicadas é tão herento/ é um pranto sem noço/ que alega a gente". Essa é uma das histórias sazonais contadas pelo produtor japonês Katsunori Tanaka, 7 Apuicinado por samba, ele conviveu com grandes nomes do gênero musical no Brasil entre 1986 e 1991, período no qual produziu uma série de CDs que só agora chegam integralmente ao país por iniciativa da Arcação Fonográfica.

Os três primeiros álbuns da série são "Folhas Secas", de Guilherme de Brito; "Pesa na Balança", de Wilson Moreira; "Homenagem a Paulo da Portela", da Velha Guarda da Portela. Ao longo do ano serão lançados os CDs da Velha Guarda da Mangueira, Cristiano Barque e Monarco, completam a coleção os títulos "Eucante da Paisagem", de Nelson Sargento, e "Kaiôô", de Wilson Moreira, que haviam sido lançados anteriormente para o Brasil pela Rob Digital.



PARÁO. Apuicinado por samba, Katsunori Tanaka produziu nove discos de sambistas brasileiros para o mercado japonês entre 1986 e 1991. O CD de Guilherme de Brito (abaixo), célebre parceiro de Nelson Cavalcante, é um dos destaques da coleção.

CARTOLA. Nasceu em beryo suburbano, o ex-cozinheiro Katsunori Tanaka conheceu a música popular brasileira em 1976, quando adquiriu um disco de Cartola em uma importadora de Tóquio. A partir daí, virou fã do samba. Sua primeira vinda ao Brasil aconteceu em 1981, para assistir a uma série de shows, sendo um delego de Miharçopol Rio de Janeiro, onde teve a oportunidade de conseguir um autógrafo do tambor de camarim.

Até então, ele se resumia a um admirador do samba. Porém, com a explosão do rock nacional na década de 80 e o consequente ostracismo a que foram relegados os sambistas, Tanaka começou a produzir discos para suprir essa lacuna de mercado.

Passou a frequentar os ensaios das escolas de samba, conheceu mestres como Carlos Cachua e tomou umas e outras com o pessoal da velha guarda nas esquinas de Oswaldo Cruz. E, assim, foi conhecendo músicos larimba-



"O Guilherme de Brito era o artista mais puro que vi na minha vida. Ele nunca faz música pra fazer um sucesso. Acho que nunca sonhava em ganhar dinheiro compondo sambas. Até no último disco, seu samba foi 100% arte".

Katsunori Tanaka, produtor de discos

dos que abraçaram sua iniciativa", entre eles Henrique Cazes, Neto Cruz, Milton Dias, Paulo, Maurício Carrilho e Paulo Sérgio Santos, fora os falecidos, como Raphael Rabello, Mestre Marçal, Luma e Chiquinho do Asa-de-borboleta.

Em 1985 não se encontravam no Brasil os discos de samba que ele queria ouvir. Acho que nunca tinha ouvido a mesma coisa e até ouvi esse gênero reclamar. Mas, em vez de reclamar, comecei a fazer os discos", comenta Tanaka, por e-mail, do Japão, onde administra o selo Samba Office, que distribui títulos de música brasileira em território nipônico.

MISTURA FINA. Mas o que teria levado um japonês a se apaixonar pelo samba?

"O samba é uma mistura fina. Tem as influências de muitas culturas. Pelo que conheço, só o samba e o son-

cisco. Além disso, é um canto acompanhado, que no Japão é muito comum. Se gravamos os sambas de Manoel Silva, o Mário Reis, que sabia o ritmo de Mangueira para grimpar o parterre novo com Cartola.

Tanaka atribui a dificuldade de aceitação do gênero musical brasileiro nos Estados Unidos ao protecionismo do mercado norte-americano. Tanto que para obter projeção nesse país o samba teve que incorporar as harmonias do jazz, gerando a bossa nova, que, por sua vez, anda sendo misturada a outros gêneros, como o hip-hop, vide o disco "Timeless", assinado em parceria pelo pianista Sérgio Mendes e o rapper Will.i.am (Black Eyed Peas).

"Nos Estados Unidos não é tão simples que tem dificuldade para fazer um sucesso. Eles não aceitam as músicas de fora desde os tempos em que tinham que os Estados Unidos eram top of the world. Mas fora dos Estados Unidos, estão sempre abrindo novos mercados para a música brasileira", pontua.

SAMBURRIA. Além de escrever sobre música para jornais e revistas japonesas, Tanaka tem novos projetos em andamento para sua Samba Office.

O primeiro é o CD "Choro 1909", com obras dos pioneiros Joaquim Callado, Anacleto de Medeiros, Carranona, Irineu de Almeida e Pedro Galvão tocadas por músicos das novas gerações. E o segundo pretende misturar sambas da Mangueira e da Portela nas vozes de Nelson Sargento, Monarco, Wilson Moreira, Cristiano Barque, Guilherme de Brito e a Velha Guarda da Portela. "Pretendo lançar esses discos no Japão e no Brasil ao mesmo tempo. Vocês não precisam esperar mais 30 anos", garante.

Confira

• CDs "Folhas Secas", de Guilherme de Brito, "Pesa na Balança", de Wilson Moreira, e "Homenagem a Paulo da Portela", da Velha Guarda da Portela. Gravadora: Arcação Fonográfica. R\$ 27, em média, cada um.

Figura 2. Tem japonês no samba - A Gazeta – Vitória (ES) - 13/05/2007

A mesma impossibilidade de deslocamento do SN japonês para antes do verbo - *Japonês tem no samba/*No samba japonês tem - parece indicar que *faltar* e *ter*, nos contextos apresentados, adquirem identidade funcional semelhante, uma vez que, nos ambientes anteriormente mostrados, ambos os verbos não licenciam a possibilidade de serem precedidos pelos SNs que os seguem. Ou seja, nesses casos de verbos com matiz semântico de *existência/ocorrência*, não parece ocorrer ordem VS.

Para efeito de contraste, verifique-se como, nos ambientes seguintes, o verbo *ter* apresenta SN pré-verbal em decorrência da própria estrutura argumental em que se inscreve, e por isso favorece a ordem SV. Entendemos que fatores de caráter *semântico* e *pragmático*

podem licenciar uma outra organização sintagmática. *Ter* é polissêmico: na primeira sentença-manchete a seguir há neste item lexical um conteúdo abstrato de *possuir*; já na segunda, há valor semântico que parece equivaler a *apresentar*:

Todos têm direito à gratuidade

Todas as classes sociais têm direito a remédios distribuídos gratuitamente pelo Estado. Mas, para isso, é preciso comprovar a necessidade do medicamento, apresentando laudos com pericia médica.

É o que garantem o gerente de Assistência Farmacêutica da Secretaria de Estado da Saúde (Sesa), Silvío Machado, o o defensor público estadual, Jaime Gomes, acrescentando que há casos de pessoas da classe média que entram na Justiça e obtêm decisão favorável.

Mas Silvío destacou que nem sempre as pessoas precisam recorrer à Justiça para conseguir o medicamento. "Muitas vezes, por falta de informação, elas buscam as vias judiciais, sendo que o remédio já é disponibilizado pelo Estado", comentou.

Para o gerente, há necessidade de maior aproximação com o Judiciário, a fim de não prejudicar a eficiência do sistema de distribuição gratuita de medicamentos.

Isso porque, segundo Silvío, determinações judiciais obrigam o governo a gastar muito com a compra de remédios fora da lista padronizada e, em alguns ca-

sos, o Estado dispõe de produtos equivalentes.

"Em 2005, foram gastos R\$ 2,5 milhões por demanda judicial. Em 2006, R\$ 6 milhões", revelou.

Com a intenção de minimizar estas despesas e direcionar os recursos para melhor o atual sistema, em fevereiro foi criado um setor de "judicialização", no qual uma equipe presta esclarecimentos para juízes sobre a assistência farmacêutica do Estado.

Por meio de duas linhas telefônicas – 3324-1336 e 3324-1379 – uma médica e três farmacêuticos atendem as demandas sobre a existência de determinado medicamento na lista do Estado, orientam sobre a possibilidade de substituição, entre outras questões.

Silvío disse que, pela seção, também busca-se agilizar o cumprimento de decisões judiciais.

O procedimento para aquisição, entretanto, nem sempre é rápido. No caso do Avastin – que não estava disponível no mercado e motivou a prisão do secretário Anselmo Tose – o prazo estabelecido pelo laboratório Roche foi de 15 dias corridos, a partir da solicitação, feita no dia 10.

Lucro do BB tem queda no trimestre

BRASÍLIA – O Banco do Brasil (BB), maior instituição financeira do País, inverteu a posição com os concorrentes privados (Itaú e Bradesco) no ranking dos bancos que mais lucraram no início deste ano.

No primeiro trimestre de 2007, o BB registrou lucro de R\$ 1,4 bilhão, uma queda de 40% na comparação com o mesmo período do ano passado.

Porém, se for descontado o crédito tributário excepcional registrado em março de 2006, houve um aumento no resultado de 59%.

Os ganhos com empréstimos e tarifas, além do maior controle das despesas de forma geral, foram os fatores que mais contribuíram para o desempenho do BB.

Resultado do trimestre apresentou um retorno sobre o patrimônio líquido de 29,4% e lucro por ação de R\$ 1,71. O Tesouro Nacional, como acionista majoritário, recebeu R\$ 387,1 milhões do lucro obtido.

Para proteger a rentabilidade da instituição, num cenário de queda na taxa de juros, o BB, a exemplo dos concorrentes que estão comprando outros bancos, está negociando a compra do BEC (Banco do Estado de Santa Catarina).

A estratégia, segundo o vice-presidente de Finanças do BB, Aldo Luiz Mendes, é ampliar ainda mais as operações de crédito e entrar no mercado imobiliário.

Para isso, o BB aguarda apenas autorização do Banco Central para começar a oferecer empréstimos habitacionais para famílias de classe média via Sistema Financeiro Habitacional (SFH) – que utiliza recursos captados pela Caderneta de Poupança.

A ideia é aproveitar a financeira do Besc, que já atua no setor imobiliário.

Outra aposta do BB é a ampliação dos financiamentos de veículos fora das agências, ou seja, para quem não é cliente, por intermédio de convênios com concessionárias. Em 12 meses, essa modalidade de crédito cresceu 387,5%, de R\$ 200 milhões para R\$ 1,2 bilhão.

Também houve elevação de quase 100% nos empréstimos com desconto em folha, sobretudo para funcionários públicos.

Figura 3. Todos têm direito à gratuidade – A Tribuna – Vitória (ES), 16/05/2007

Figura 4. Lucro do BB – A Tribuna – Vitória (ES), 16/05/2007

Em ambos os contextos, extraídos de *A Tribuna* de 16/05/07, o verbo *ter* organiza-se em torno de vários elementos: na primeira sentença, selecionam-se *sujeito + objeto direto (+ complemento nominal)* - (**Todos têm direito à gratuidade**); na segunda, selecionam-se *sujeito + objeto direto + (adjunto)* (**Lucro do BB tem queda no trimestre**).

Não queremos dizer, por exemplo, que nestas últimas sentenças, não seria possível a ordem VS. É interessante notar que, se o SN *todos* acima fosse modificado por uma *oração atributiva*, como por exemplo, “*todos que recebem salário mínimo*”, a possibilidade de posposição em relação ao verbo seria natural: “*Têm direito à gratuidade todos que recebem salário mínimo*”, conforme adverte Pilatti (2006), quando fala da importância da oração adjetiva para a *gramaticalidade* de algumas sentenças, no português:

Todos têm direito à gratuidade.

*** Têm direito a gratuidade todos.**

Têm direito à gratuidade todos que recebem salário mínimo.

Destacamos a segunda sentença acima porque a julgamos agramatical, ou pelo menos insólita quanto à índole da língua portuguesa, que não licencia com facilidade a ordem VS em orações com verbos transitivos, conforme já foi exposto anteriormente neste trabalho, a partir da tese de Pilatti (2006). Convém reobservar a *naturalidade* da terceira sentença, quando o SN *todos* recebe a *oração atributiva*, conforme se pode constatar.

Em “*Todos têm direito à gratuidade*” e “*Lucro do BB tem queda no trimestre*”, não nos parece que ambos os SNs pré-verbais carreguem informações partilhadas da mesma forma. Pelo contrário, na primeira, tanto o tema “*todos*” quanto o rema “*têm direito à gratuidade*”, por constituírem título de uma matéria em que se fazia alusão à prisão do Secretário de Saúde do Estado do Espírito Santo, ocorrida dias antes, apresentam informações disseminadas recentemente na memória discursiva dos leitores capixabas.

Já no texto referente ao “*lucro obtido pelo Banco do Brasil*”, acreditamos que não se pode dizer que o tema “*lucro do BB*” apresenta, discursivamente, caráter “*familiar*”, pelo menos para a maioria dos leitores, o que nos leva a admitir que nem sempre um SN pré-verbal, por estar nessa posição, apresenta conteúdo *dado*. A natureza dessa notícia parece-nos mais surpreendente que a da notícia anterior, a respeito do “*direito à gratuidade no acesso a medicamentos*”.

Consideramos que as observações pertinentes à ocorrência desse item lexical estão subordinadas à natureza semântico-discursiva das matérias jornalísticas. Não fosse o conteúdo veiculado pelos textos no jornal, provavelmente a estrutura das manchetes seria outra. Logo, entendemos que a ocorrência de *ter* em estruturas argumentais distintas é uma consequência discursiva. Ou seja, é o assunto em discussão que motiva a organização sintagmática, e não as sentenças em si.

Julgamos que o verbo *ter*, nos últimos contextos apresentados, favorece SV por vários motivos, dentre os quais os seguintes:

- a) não perde seu conteúdo lexical, embora não seja “verbo de ação” em nenhuma das ocorrências;
- b) não apresenta valor existencial;
- c) apresenta estrutura argumental com sujeitos e complementos;
- d) ocorre em sentenças com *tópico* e *comentário*, diferentemente de *ter existencial* em “*Hoje tem sorteio do Celta*” e “*Tem japonês no samba*”.

Nestas duas últimas sentenças, nas quais *ter* caracteriza-se como existencial, ocorre apenas *tópico* (Elichirigoity, 1997, p. 77), pois as construções existenciais constituem elas mesmas um *tópico*; já nos dois outros ambientes em que *ter* seleciona argumentos que favorecem o aparecimento de sentenças mais frequentes na língua – SV(C) – encontram-se tanto os termos que funcionam como *tópico* quanto os que funcionam como *comentário*.

Além dos exemplos em que consideramos o caráter existencial dos verbos *faltar* e *ter*, vale a pena observar o comportamento funcional do verbo *dar* no ambiente abaixo, em que admitimos ocorrer o mesmo fato que anteriormente analisamos, pois na sentença-manchete seguinte, *dar* tem valor existencial, permitindo-se, no eixo paradigmático, a possibilidade de ser comutado por *existir/haver*: “*Ainda dá tempo para flores e cestas*”; “*Ainda existe tempo para flores e cestas*”; “*Ainda há tempo para flores e cestas*”.

Ainda dá tempo para flores e cestas

Empresas abrem hoje em horário especial para quem deseja encomendar arranjos de flores e cestas

Ainda dá tempo de se preparar para o Dia das Mães, as lojas de flores e cestas já estão abertas em horário especial...

Floral: (51) 322-1111
Flor: (51) 322-1111

Figura 5. Ainda dá tempo – A Tribuna – Vitória (ES), 13/05/2007

A título de comparação, pode-se reler o texto “*Hoje tem sorteio do Celta*”, apresentado há algumas páginas, a fim de se analisar o comportamento sintático do verbo *dar*, logo no início do terceiro parágrafo: “*Ainda dá tempo de participar*”. Não é necessário muito esforço para constatar-se que este caso é idêntico ao apresentado acima, na manchete alusiva ao “dia das mães”.

Em vista disso, pode-se reiterar que verbos que se comportam como *faltar*, *ter* e *dar*, nos contextos apresentados anteriormente, por perderem seu conteúdo lexical, assumem posições mais fixas nas sentenças e, por isso, têm caracterizado um fenômeno que, dentro do funcionalismo, existe como um princípio: a *gramaticalização*. Ou seja, *faltar/ter/dar* existem como partículas que precedem um SN indefinido referencial (Givón, 1988). Portanto, o que “era” um item *lexical*, passa a comportar-se mais como um item *gramatical*.

No fenômeno da gramaticalização, também se justifica a inexistência de uma gramática estabelecida; há na verdade um sistema que permanentemente se restaura e se reatualiza, de tal forma que os itens léxico-gramaticais não podem ser compreendidos de modo categórico, pois se instauram a partir da interação entre os usuários, que mobilizam as estruturas e constantemente as renovam, conferindo-lhes novos comportamentos.

Esse aspecto é fundamental para determinar que numa perspectiva funcionalista a língua, embora concebida como sistema, constantemente se refaz. Logo, deve-se reiterar que uma análise de cunho funcional caracteriza-se, sobretudo, por valorizar os propósitos comunicativos do usuário, de tal forma que as sentenças passam também a se organizar em função dos efeitos discursivos pretendidos pelo falante. Aliás, sob essa vertente, o usuário é o foco.

Não são apenas observados e valorizados os aspectos sistêmicos da língua, mas, sobretudo, a finalidade do usuário quando a atualiza. É assim que Dik (1989), citado por Pezatti (2005, p. 168), entende a linguagem não como um fim em si mesmo, mas como um requisito pragmático de interação verbal. Aliás, é por esse caminho que Dik “trabalha com uma concepção de um caráter *teleológico* (grifo nosso) da linguagem” (Neves, 2004, p. 76).

Dentro do Funcionalismo, há uma multiplicidade de perspectivas pelas quais é submetido o estudo da língua, conforme já foi sinalizado anteriormente. Desse modo, há os que propõem, como Nichols (1984, *apud* Neves, 2004, p. 55), um funcionalismo *conservador*, um funcionalismo *extremado* e um funcionalismo *moderado* (grifos nossos).

O primeiro grupo indica apenas as inadequações das correntes lingüísticas; o segundo grupo rechaça a realidade da estrutura em função dela mesma; o grupo moderado, além de

verificar as possíveis inadequações do estruturalismo e do formalismo, por exemplo, sugere que a estrutura lingüística deve submeter-se a uma análise funcional.

Conforme Neves (2004, p. 56), a proposta funcionalista de Hopper e Thompson (1987) e os primeiros estudos de Givón (1979), por exemplo, representam o funcionalismo extremo, e por isso acabam defendendo que a gramática de uma língua deriva simplesmente do discurso. Fica patente, desse modo, que essa proposta contraria frontalmente a concepção estruturalista saussuriana, que isola o sistema do uso.

Givón (1984; 1990; 1993) apresenta uma visão funcionalista mais moderada em obras mais recentes. Martelotta e Areas (2003, p. 28), realçando “as forças cognitivas e comunicativas que atuam no indivíduo no momento concreto da comunicação”, sintetizam algumas conclusões a que chegou Givón (1995), para justificar a visão funcionalista da linguagem proposta por esse teórico norte-americano.

Uma delas, que talvez seja responsável por uma teoria mais cognitiva da linguagem, está no fato de que a estrutura da língua “serve a funções cognitivas e comunicativas”; outras como a *indiscrição* das categorias lingüísticas, a *não-arbitrariedade* da estrutura, a *dependência contextual* do sentido e, portanto, a *não-atomicidade* do signo lingüístico vêm consolidar o funcionalismo como uma perspectiva teórica que contraria as clássicas dicotomias saussurianas.

Também são considerados funcionalistas moderados Dik (1978; 1989) e Halliday (1985), cujos estudos evidenciam a importância da semântica e da pragmática. Por considerarem que a linguagem não existe como um fim em si mesmo, levam em conta as finalidades pretendidas pelos usuários na interação lingüística, de tal forma que a língua passa a ser encarada como um sistema adaptável às situações comunicativas.

Para Neves (2004, p. 59), o funcionalismo de Halliday (1967; 1968; 1973; 1985) vem sendo construído há mais de trinta anos. Inicialmente, os estudos deste autor apontam para uma perspectiva paradigmática, ou seja, a língua é na verdade um sistema de escolhas, embora não necessariamente de escolhas conscientes.

Uma de suas contribuições também está na seguinte concepção: o fenômeno lingüístico se organiza a partir de três funções básicas: a *ideacional*, a *interpessoal*, a *textual*. A *ideacional*, de caráter mais *reflexivo*, propõe que a língua representa a realidade a partir de aspectos de natureza cultural; a *interpessoal*, também denominada *interacional*, de caráter mais *ativo*, portanto, sinaliza que a língua existe como um mecanismo de troca entre usuários; a *textual* especifica as relações que se processam no interior dos enunciados e entre estes e o contexto sociocomunicativo.

Neves (2004, p. 62), ao referir-se à obra *An Introduction to Functional Grammar*, de Halliday (1985), sintetiza o que este efetua sobre as bases funcionalistas que ele adota em seu próprio trabalho:

...uma gramática funcional é essencialmente uma gramática 'natural', no sentido de que tudo nela pode ser explicado, em última instância, com referência a como a língua é usada. Seus objetivos são, realmente, os usos da língua, já que são estes que, através das gerações, têm dado forma ao sistema.

De acordo com Neves (2004, p. 63), Halliday (1985) considera que a unidade que deve constituir objeto de análise é o texto, a partir do qual a língua se instaura numa produção permanente de sentido, o que reitera a proposta desse autor: os sentidos se dão por meio dos enunciados, portanto, a língua também é um sistema semântico. Ainda, reitera-se, é na função eminentemente textual que se encontra a própria instauração do discurso.

Na organização do texto, é insuficiente a análise das frases isoladas; para a compreensão do discurso, não bastam as sentenças em si: o significado não está vinculado às unidades sintáticas restritas ao nível da cláusula. Assim, para a investigação do sujeito, seja ele posposto ou anteposto, é contraproducente o ambiente sentencial em si mesmo, que é normalmente onde pára a gramática prescritiva. Nesse sentido, observa Neves (2004, p. 68):

Na verdade, embora o sujeito seja uma entidade com estatuto gramatical, sintático, ele é determinado pela função interacional da linguagem, já que escolher o sujeito implica determinar se ele será o falante, o ouvinte, ou nenhum dos dois...

Embora as palavras de Neves (2004) apontem para um funcionalismo que privilegia o texto como unidade de análise, é essa mesma autora que, anteriormente, ao referir-se à visão funcional da Escola de Praga, observa que foi nessa época que se reconheceu a *frase* como uma instância “susceptível de análise não apenas nos níveis fonológico, morfológico e sintático, mas também no nível comunicativo” (Neves, 2004, p.18).

Nota-se, portanto, que o estudo funcional da linguagem já se assentou tanto na sentença como unidade de análise quanto no texto propriamente. O ato discursivo como unidade de análise tem tomado grandes proporções nos trabalhos atuais do funcionalismo holandês, que caminham para um modelo denominado *Discourse Functional Grammar*. Nessa perspectiva, Bakker (1999; 2001, *apud* Neves, 2006, p. 32) propõe como unidade de

análise o próprio ato discursivo, fato que por si já caracteriza uma visão lingüística vinculada a um dinamismo comunicativo.

Inicialmente, na Escola de Praga, a sentença foi analisada como um material lingüístico resultante de duas partes fundamentais no estabelecimento da comunicação – o *tema* e o *rema*. O *tema* é normalmente visto como a parte *estática*, do ponto de vista comunicativo; o *rema*, como a parte *dinâmica* (grifos nossos) (Neves, 2004, p. 18).

A distribuição dos termos em *tema-rema* não ocorre à revelia, sobretudo se se considerar que numa proposta funcionalista, conforme observações já efetuadas, as escolhas lingüísticas estão vinculadas a um contexto discursivo específico. Em vista disso, observem-se os textos abaixo, em cujas manchetes se percebe a relevância dada ora a um aspecto da informação, ora a outro.

No primeiro texto, extraído de *A Gazeta* do dia 09/05/07, o *Homem-Aranha* figura como tema da sentença; já no segundo, extraído do mesmo jornal no dia seguinte, 10/05/07, o item lexical que fazia parte do rema encontra-se no tema da sentença:

Homem-Aranha chega em álbum

O livro ilustrado do personagem do momento virá de graça com A GAZETA do próximo domingo. Nos três dias seguintes, o jornal presenteia seus leitores com 12 figurinhas

Antes mesmo de o filme “Homem-Aranha 3” estrear, a expectativa em relação ao filme era grande. Agora que o filme está nas principais salas de cinema de todo o País, não há dúvidas: o herói que escala prédios é a sensação do momento.

Para deixar os leitores ainda mais antenados, A GAZETA, junto com a Editora Panini, vai presentear àqueles que adquirirem o jornal de domingo, com um álbum de figurinhas do filme “Homem-Aranha 3”. Ainda há mais novidades: o jornal vai dar 12 cromos para o início da coleção, sendo quatro na segunda-feira, quatro na terça e os

outros na quarta. É preciso, apenas, solicitar ao jornaleiro, na hora que for adquirir o jornal.

EFEITOS ESPECIAIS. Quem já assistiu ao super-herói nas telonas, e gostou, garante que vai colecionar as figurinhas. A estudante Luenne Lorenzetti, 16 anos, adorou o filme. “Ele passou uma ótima mensagem no final. Quanto aos efeitos, estão perfeitos”.

Outro que achou a trama muito boa foi Jimmy Cavalcanti, 19. “As cenas de ação estão brilhantes. Fiquei impressionado como o personagem Homem-Areia, ficou perfeito nesse filme”.

Paulo Walker, 24 anos, foi à pré-estréia e também achou muito bom. “Os efeitos estão ótimos e a luta no final do filme foi de arrepiar. Gostei do vilão Venom, apesar de ele ter aparecido apenas na parte final do filme. Deveria ter um filme só com ele”, opina. O DJ Duarley, 31 anos, achou um espetáculo. “Esse é, com certeza, o melhor dos três. Adorei o filme, principalmente o Venom”.

Quem assistiu ao filme, adorou a promoção do jornal, com a idéia do álbum de figurinhas, e já disse que vai participar. Garanta, também, o seu álbum de figurinhas. Ele vem totalmente grátis, no jornal deste domingo.

PROMOÇÃO. O álbum do Homem-Aranha tem cromos autocolantes coloridos

Figura 6. Homem-Aranha – A Gazeta – Vitória (ES), 09/05/2007



Figura 7. Álbum já chegou – A Gazeta – Vitória (ES), 10/05/2007

Como o item lexical *álbum* parece constituir informação mais surpreendente no dia 09/05/07, provavelmente ocorreu no rema, que tradicionalmente é tomado como a parte da sentença em que se veiculam informações menos previsíveis. No dia seguinte, *álbum* figura como *sujeito* sentencial, e coincidentemente como *tópico*, justamente por carregar informações previamente já veiculadas, ou pelo menos, mais previsíveis.

Entendemos que a organização sintagmática das sentenças, por não poder justificar-se por si mesma, tem ligação com o discurso na medida em que o sujeito discursivo deve preocupar-se em lidar simultaneamente com informações previstas ou não no contexto enunciativo, embora na interação espere-se que o interlocutor trabalhe com inferências e fatos pressupostos. Quanto a esse “contraste” *tema versus rema*, assim se manifesta Ilari (1992, p. 135):

...a oposição Tema-Rema exprime uma avaliação do locutor quanto à mensagem – uma avaliação que resulta na distinção entre informações supostamente presentes na atenção do ouvinte antes e independentemente da emissão da frase pelo falante, e informações que passam a figurar na atenção do ouvinte por efeito de e em seguida à emissão da frase.

Costuma-se atribuir ao tema baixa carga informativa, pois se considera que ele é partilhado tanto pelo falante quanto pelo ouvinte. Ou seja, o tema costuma ser o elemento sentencial já codificado no cotexto lingüístico, ou até mesmo facilmente recuperável no contexto.

Todavia, admitir ser o tema/tópico uma informação dada e o rema/comentário uma informação nova é um posicionamento axiomático, o que viria contrariar o fato de ser a organização dos sintagmas uma conseqüência da interação lingüística, ocasião em que potencialmente se eleva a pragmática.

De qualquer modo, a controvérsia existente entre os estudos lingüísticos no que se refere à relativa sinonímia com que são tratados o *tópico* e o *sujeito*, independentemente de essas categorias coincidirem ou não, reside na responsabilidade que tem a categoria sintática de sujeito de dar suporte à categoria discursiva tópico na construção do discurso. Para efeito de comprovação do que estamos dizendo, observe-se o texto seguinte, extraído de *A Tribuna* de 18/04/2007:

Nair Bello morre aos 75 anos

A atriz, que estava internada há cinco meses após sofrer três paradas cardíacas, não resistiu e morreu ontem

Atriz Nair Bello, 75 anos, morreu ontem, no hospital Sírio-Libanês, em São Paulo, após cinco meses internada. Ela sofreu três paradas cardíacas no dia 11 de novembro do ano passado. Nair fazia 76 anos no próximo dia 28.

A atriz chegou a sair da UTI, entrando em processo de reabilitação na Unidade de Cuidados Semi-Intensivos. O quadro chegou a evoluir a ponto de a atriz pronunciar algumas palavras, folhear revistas e assistir à televisão.

Mas, no fim de março, ela apresentou quadro de arritmia cardíaca (irregularidade do ritmo cardíaco) e teve de voltar à UTI.

No dia 11 de novembro, Nair estava em um salão de beleza, na rua Itambé, perto de sua casa, quan-

do passou mal e desmaiou. Uma ambulância foi chamada.

A equipe de resgate realizou massagem cardíaca para reanimá-la e a levou para a Santa Casa de São Paulo. De lá, foi para o Sírio-Libanês.

Um mês antes de sofrer a parada cardíaca, Nair havia retirado um tumor maligno de um dos seios. Em 2002, a atriz, fumante por mais de 60 anos, se viu com um edema pulmonar agudo e teve de passar por uma cirurgia. Depois do susto, deixou de fumar. A atriz deixa três filhos e quatro netos.

Nascida na capital paulista em 28 de abril de 1931, Nair Bello Souza Francisco começou sua vida profissional na extinta rádio Excelsior em 1949. Tinha então 18 anos. Trabalhou também na rádio Record,

mas sua carreira não se limitaria ao trabalho de locutora e atriz comediante de rádio.

Dois anos depois de seu início, estreou no cinema em "Liana, a Pecadora" (1951), filme em que contracenou com a grande amiga Hebe Camargo. O teatro conheceria Nair anos mais tarde, em 1976, em "Alô Deebum".

Mas o sucesso veio mesmo com a TV. Nair começou como garota-propaganda e participou de diversas novelas e minisséries. Um de seus personagens de destaque foi o de Dona Santa, na minissérie homônima exibida pela Band em 1982.

Na Globo, sempre interpretou personagens de humor, como Dona Gema ("Perigosas Peruas"), Carlotinha ("Torre de Babel"), Pierina ("Uga Uga"), Dolores ("Kubanacan") e a viúva Lake ("Bang Bang").

Antes de ser internada, Nair interpretava Dona Santinha no humorístico "Zorra Total", da Globo. A atriz estava escalada para a novela das sete da Globo, "Pé na Jaca". Devido a seu estado de saúde, foi substituída por Arlete Salles.



Nair fazia parte do elenco do programa "Zorra Total"

Figura 8. Nair Bello – A Tribuna – Vitória (ES), 18/04/2007

Verifique-se que *Nair Bello* é tema tanto na sentença/manchete que dá título à matéria quanto na maior parte das cláusulas que constituem o texto em que se fala sobre sua morte. Aliás, o termo *Nair Bello* figura como tópico na maioria das frases deste noticiário. Entendemos que é informação conhecida no cotexto lingüístico, da mesma forma que o é na memória discursiva do usuário, pois a maior parte dos leitores já haviam tomado conhecimento da doença da atriz.

Fazendo-se um levantamento das formas verbais em torno das quais se organizam as sentenças deste texto, chegaremos ao seguinte: de 47 formas verbais (orações), incluindo-se o verbo *haver impessoal*, no início da matéria, encontram-se 36 que apresentam *Nair Bello* como *sujeito*, que aparece por meio de *antropônimo*, de itens *anafóricos gramaticais*, itens *anafóricos lexicais*, de *elipses* em que se percebem nitidamente estratégias coesivas por meio das quais se ancora o termo *Nair Bello*, cuja presença colabora para a construção do texto.

Ainda, há cinco formas verbais que, de acordo com nossa análise, retomam indiretamente o tópico discursivo *Nair Bello*, conforme levantamento seguinte:

- a) “*chegou a evoluir*” (2º par.) = *o quadro* (que na verdade se refere à saúde da atriz)
- b) “*limitaria*” (7º par.) = *sua carreira* (a carreira de Nair Bello)
- c) “*conheceria*” (8º par.) = *o teatro* (há uma relação de ingrediência entre teatro e atriz – Nair Bello)
- d) “*veio*” (9º par.) = *o sucesso* (fala-se do sucesso de Nair Bello)
- e) “*foi*” (9º par.) = *um de seus personagens de sucesso* (personagem interpretado por Nair Bello)

Mesmo nos casos em que as formas verbais não apresentam Nair Bello como sujeito, percebe-se uma relação alusiva à atriz, entre a mudança para um novo tópico discursivo e o próprio tópico que até então vinha se desenvolvendo. No final do 4º parágrafo, desfaz-se provisoriamente a presença de Nair Bello como tópico discursivo, e conseqüentemente como tópico sentencial, caracterizando o que diz Pontes (1986, p. 184) para quem “quando se muda o sujeito da S está se violando o tópico discursivo também”. E é provavelmente por isso que Pontes (1986, p. 222) advoga em favor do seguinte:

O sujeito é o elemento que dá continuidade ao tópico, através da anáfora zero, dos pronomes e da anáfora léxica. Além disso, ele é o elemento por

excelência da coerência (coesão?) do texto, pois é através dele que o tópico se evidencia.

O fato de *Nair Bello* ter sido uma atriz famosa e, portanto, conhecida, pode inclusive ter favorecido a ordem SV na manchete acima, o que não significa que seria improvável a ocorrência de VS no mesmo contexto (*Morre Nair Bello aos 75 anos; Aos 75 anos, morre Nair Bello*), conforme já expusemos anteriormente, pois nem sempre o SN pós-verbal carrega informação nova/imprevisível.

Todavia, essas outras sentenças sugeridas no parágrafo anterior apresentariam como tópico outros termos, sobretudo no caso da última. O jornal poderia licenciar, por exemplo, a sentença “*Aos 75 anos, morre Nair Bello*”. Para nós, porém, esta poderia ser utilizada em um contexto em que se pretendesse deixar implícito o fato lamentável de a atriz ter morrido nessa idade, já que o sintagma “*aos 75 anos*” figuraria como informação privilegiada, e em torno desse elemento a informação estaria centrada.

Tradicionalmente, já se disse que o *rema* constitui a predicação e costuma veicular informação nova, exibindo, portanto, conteúdos mais previsíveis. Uma das funções do rema, em virtude dessa característica, é revestir o discurso de argumentos com maior carga informativa. Contribui-se, assim, para a progressão do discurso e caracteriza-se o que Firbas (1974), de acordo com Pezatti (2005, p. 178), denomina *dinamismo comunicativo*.

É fato que as denominações *tema* e *rema*, na lingüística funcional, também costumam ser substituídas respectivamente por *tópico versus comentário; dado versus novo*. Esses rótulos, na verdade, propõem uma releitura da perspectiva funcional da sentença, adotada desde a Escola de Praga, na primeira metade do século XX.

Enquanto as denominações *tema* e *rema*, *tópico* e *comentário*, *dado* e *novo* se encarregam de estabelecer categorias discursivas, as funções de *sujeito* e *predicado* se responsabilizam por configurar os constituintes imediatos básicos que ilustram essas duas categorias gramaticais da língua.

O *tópico* é categoria discursiva, determinada por um arcabouço pragmático; *sujeito* é categoria gramatical, ainda que um ou outro estudioso, como Pontes (1987, p. 44) questione as conclusões de Givón (1979), para quem as construções de tópico-comentário pertencem ao escopo do discurso, enquanto as funções sujeito-predicado pertencem à gramática (sintaxe):

Não consigo compreender por que Givón quer estabelecer uma distinção tão grande, lingüisticamente, entre *tópico* e *sujeito*. Também o *sujeito* costuma ser identificado nas línguas pela posição em que ocorre na sentença, ou

eventualmente por algum morfema. Não vejo razão para não considerar o tópico como uma noção sintática, também. Mesmo numa visão de sintaxe como limitada ao âmbito da sentença o tópico pode ser considerado sintático, porque ele ocorre dentro da sentença.

Pontes (1987) efetua uma discussão sobre o tópico no português do Brasil utilizando tanto um *corpus* de língua falada quanto um *corpus* de língua escrita. Como nosso interesse reside, basicamente, na ordenação sintagmática *SV versus VS* nas manchetes jornalísticas, com ênfase nas finalidades discursivas decorrentes da ordem *VS*, julgamos pertinente comentar algumas observações que esta autora pontuou em seu trabalho, especificamente relacionadas à língua escrita.

A importância dessa discussão concernente à teoria que envolve **tópico-comentário, dado-novo, tema-rema** justifica-se por ser esse um aspecto fundador da vertente funcionalista, já que foi a partir dessa bipartição da frase que começaram a se estabelecer considerações sobre as estratégias discursivas que motivam a ordem dos termos nas sentenças.

Pontes (1986, p. 177) já advertiu que a noção de tópico não é bem definida pelos lingüistas, dada a diversidade de perspectivas adotadas por um e outro estudiosos. Para esta autora, Lyons (1977) propõe que o sujeito corresponderia ao termo sintático equivalente ao tópico no enunciado. Logo, entendemos que nessa perspectiva já se anuncia que o primeiro reside no escopo da gramática, ao passo que o último liga-se à esfera pragmática.

Na obra ***Sujeito: da sintaxe ao discurso***, Pontes (1986) reserva dois capítulos para discutir tópico e sujeito. E reitera as diversas concepções de um e outro autor, elencando aqueles que acreditam ser o sujeito sentencial o veículo responsável por expressar o tópico discursivo. Em defesa disso, são apresentados, conforme já dissemos, Lyons (1977), Givón (1979 e 1981) e Perini (1981).

Não há, nas primeiras observações efetuadas por Pontes (1986), referentes inicialmente a Lyons (1977), uma independência entre tópico e sujeito, já que ambos se equivalem, para este autor, ainda que em instâncias diferentes da linguagem. Para Pontes (1986), é patente que tópico e sujeito (sentencial), embora possam coincidir largamente, não se correspondem sempre. Mesmo assim, esta autora prefere entender tanto o tópico quanto o sujeito como elementos internos à sentença.

Pezatti (2005, p. 189) afirma que o sujeito é o ponto de vista tanto do discurso quanto da sentença. Em conseqüência, essa autora entende que o fluxo informacional “segue geralmente a ordem natural da Origem para a Meta, por isso não é arbitrário o fato de ser a seqüência sujeito-objeto a ordem mais comum de palavras nas línguas humanas”.

As noções referentes a tópico e comentário costumam gerar controvérsias a partir da própria dicotomia que se estabelece dentro dessa categoria discursiva, quando se propõe a existência do que se denomina *tópico marcado* e *tópico não-marcado*. Para Mira Mateus *et al.* (2003, p. 491):

Em línguas de proeminência de sujeito como o português, quando o mesmo constituinte acumula a relação gramatical de sujeito com o papel discursivo de tópico (...), chama-se-lhe **tópico não marcado** (grifo das autoras); quando o tópico frásico não tem a relação gramatical de sujeito (...), denomina-se **tópico marcado** (grifo das autoras).

Mira Mateus *et al.* (2003) apresentam, para ilustrar o *tópico não marcado*, sentenças cuja estrutura é normalmente utilizada para a descrição muitas vezes asséptica da língua; por outro lado, ao falarem das construções de *tópicos marcados*, são apresentadas construções normalmente condenadas pelos gramáticos mais puristas, que as caracterizam como típicas de linguagem oral informal, conforme exemplos abaixo, colhidos na obra das próprias autoras:

Tópico não marcado: As baleias são mamíferos.

Alguns autores defendem essa hipótese.

Tópico marcado: *As baleias, todos sabem que são uma espécie que precisa ser protegida.

* Alguns autores, ouvi as pessoas criticarem na conferência.

O item lexical *baleias* é retomado por meio da forma verbal *são*, sendo desta o sujeito. Este tipo de sentença, em que o tópico é retomado às vezes até mesmo por meio de um pronome-cópia anafórico, de acordo com exemplos como *Maria, ela ainda está aqui*, encontra em Chafe (1976) a seguinte conclusão: são sentenças de *duplo sujeito*. Os tópicos que nelas aparecem são escolhidos prematuramente, conforme releitura de Pezatti (2005, p. 184).

Anteriormente, Mira Mateus *et al.* (2003, p. 318) já haviam apresentado exemplos de construções que ilustram tópicos marcados sem que a organização sintagmática da sentença corresponda à ordem SV(O). Dizem as autoras que são construções “que exprimem juízos téticos, ou seja, juízos que envolvem apenas um acto”.

Na verdade, são exibidas para esse caso sentenças cujos verbos são monoargumentais (os tradicionais verbos intransitivos), e que justamente por isso têm favorecida a posição

privilegiada na sentença, figurando antes dos SNs que, “aparentemente”, lhes funcionam como sujeito gramatical.

Para essas sentenças, cuja exemplificação se dá por meio de *Apareceu um fantasma no meu quarto*, *Chegaram notícias de uma epidemia mortal*, etc, colhidas na obra das próprias autoras, são feitas observações no sentido de apontar-lhes o valor *apresentativo*, nos casos de VS. Para estas construções, ainda, chama-se atenção para o seguinte: estas frases não dispõem da estrutura tópico-comentário.

Acreditamos que para o nosso trabalho devem ser observadas construções em que ocorrem mais tópicos não marcados, pois restringimos nosso estudo às *sentenças VS versus SV cujos verbos tenham natureza finita, em frases de caráter assertivo/declarativo*, que acreditamos serem as de maior ocorrência nas manchetes jornalísticas, dada a própria natureza desse tipo de discurso.

Já foi dito que o tópico pode ser também identificado como informação dada, ou seja, aquela que na enunciação é familiar tanto ao locutor quanto ao interlocutor. Para Kato (1998), esse argumento não encontra respaldo em Halliday (1967): não se deve confundir *tema* e *dado* – *dado* é aquilo de que se vem falando no discurso, enquanto *tema* é aquele do qual se fala na sentença, seu ponto de partida. *Dado*, então, seria do escopo do discurso, enquanto *tema* seria do escopo da gramática, já que este está relacionado ao “ponto de partida das cláusulas”.

Logo, as terminologias *tema-rema*, *dado-novo*, *tópico-comentário*, *sujeito-predicado* podem constituir, em algumas circunstâncias, expressões homólogas, mas não o são permanentemente, pois o jogo da linguagem em que estamos inscritos não é lógico. Aliás, “convencionou-se que sujeito-predicado é estrutura lógica e que tópico-comentário não o é. Mas a língua não é lógica, nunca foi, todo lingüista sabe disso. Querer colocar a língua numa forma é tarefa vã, ilusória, inútil” (Pontes, 1987, p. 63).

Embora se correspondam largamente, *tópico* e *sujeito* devem ser examinados com cuidado, pois uma característica fundamental do primeiro é figurar, sempre, em início de sentença, ao passo que o sujeito, como categoria gramatical, não tem essa propriedade. Ainda que o “sujeito” depois do verbo não seja, na maior parte das vezes, interpretado como tal.

Não nos parece conveniente categorizar – e julgamos importante reiterar isso – que na articulação *tema-rema* o tema diz respeito a uma informação partilhada entre falante e interlocutor no discurso, enquanto ao rema estariam reservadas as informações novas. Esse modo de pensar pode não corresponder à realidade dos fatos, sobretudo numa vertente

funcionalista, em que as categorias lingüísticas, e naturalmente as discursivas, não devem constituir axiomas.

Se o fluxo informacional está vinculado ao contexto interacional, e aí se encontra a pragmática como protagonista, há que se levar em conta que as informações são ativadas e mobilizadas em função de fatores “extra” e “intra” lingüísticos, simultaneamente.

No exemplo abaixo, colhido em *A Gazeta* de 15/05/07, verifica-se que tanto no tema quanto no rema da sentença-manchete ocorrem informações conhecidas, ou no mínimo partilhadas tanto pelo jornal quanto pelo leitor capixaba, pois o conteúdo da manchete abaixo, em relação ao texto que a segue, já era do conhecimento da comunidade leitora:

MEDICAMENTO É PARA TRATAMENTO DE TUMOR CEREBRAL EM MENINA DE 5 ANOS, MORADORA DE MARILÂNDIA

Falta de remédio transforma Saúde em caso de Polícia

Secretário da Saúde ficou preso durante oito horas por não ter entregue medicamento contra câncer dentro do prazo dado pela Justiça

A dificuldade do Estado em atender aos pedidos de remédios para doentes crônicos provocou a prisão do secretário da Saúde, Anselmo Tose. Ele ficou preso por quase oito horas, por ordem do juiz da Vara Federal de Colatina, Flávio Roberto de Souza. A Secretaria da Saúde não entregou, no prazo fixado pela Justiça, medicamento para tratar o tumor cerebral em uma menina de 5 anos. Libertado no início da noite após ter conseguido um habeas corpus com o mesmo juiz que havia determinado sua prisão, Tose afirmou que o laboratório não conseguiu entregar o medicamento a tempo. CIDADES. Págs. 4 e 5

Figura 9. Falta de remédio – A Gazeta - Vitória

No dia anterior, a notícia acima havia sido veiculada pela mídia, de modo que a informação contida na manchete – tanto na parte correspondente ao **tema** quanto na parte correspondente ao **rema** – trazia total ou parcialmente conteúdos familiares aos leitores: já era sabido que a “falta de remédio” desencadeara a prisão do Secretário de Saúde do Estado do Espírito Santo. Aliás, esse referente *secretário* aparece “metonimizado” no objeto direto *Saúde*, que faz parte do rema, e assim pode ser justificado, conforme Ilari (1992, p. 135):

... *podem* aparecer como remáticas porções da frase que identificam indivíduos com os quais o interlocutor tem obviamente familiaridade, ou que verbalizam ações ou estado de coisas dos quais o ouvinte tem obviamente conhecimento.

Esses comentários objetivam relevar que o funcionamento discursivo vincula-se ao fato de o usuário considerar também o que está na mente do interlocutor (Chafe, 1976), conforme assinala Pezatti (2005, p. 181). Entendemos que um discurso não é bem sucedido, portanto, se se construir somente de informações “novas”, tampouco o será se se constituir somente de informações “velhas”.

O que levantamos aqui é a necessidade de se considerar que *tema* e *rema*, quanto ao fato de apresentar o primeiro o “novo” e o segundo, o “velho”, são conceitos relativos, pois uma informação, muitas vezes já introduzida no discurso, pode necessitar de reativação, se reaparecer muito tempo depois de já ter sido mencionada.

Marcuschi (2006, p.08-09) também admite que as noções referentes a *tópico* (ou *tema* e *dado*, em alguns contextos) continuam problemáticas. O que deixa pressuposta a controvérsia que ainda existe quanto a este ponto, dentro dos estudos lingüísticos. Este autor também retoma as origens da Escola de Praga para informar sobre tópico sentencial e/ou discursivo, e ressalta a importância da sintaxe como um elo entre a semântica e a pragmática na compreensão desse fenômeno:

... a noção funcional de tópico (equivalente ao tema), embora de cunho essencialmente semântico-pragmático, é de natureza sintática e em certo sentido equivale ao **sujeito do enunciado** (grifo do autor), por ser aquilo sobre o qual se fala. Contudo, não se confunde com o sujeito sintático da frase e pode ser caracterizado pela entoação ou por um processo de alçamento chamado topicalização. Trata-se de uma visão em que forma e função são conjugadas no processo de linearização discursiva. Costuma-se, em outros contextos teóricos, distinguir entre **tópico** e **comentário**, o que equivale a uma distinção de caráter mais pragmático, assim como o par **dado** e **novo**, de natureza mais cognitiva. Em todos os casos trata-se de uma distinção sintática que faz uma ponte entre o semântico e pragmático no âmbito da frase.

Em obra também recente, Perini (2006) reserva dois capítulos para o estudo do tópico: um em que ele tece comentários sobre *Construções de Tópico* em português; outro em que ele comenta especificamente o *Tópico Discursivo*.

O autor se preocupa em elucidar, primeiramente, o tópico sentencial, para o qual cita exemplos na tentativa de mostrar que, embora tradicionalmente sentenças sejam analisadas como formadas pelos mesmos constituintes sintáticos, não seriam, do ponto de vista discursivo, possíveis de serem utilizadas no mesmo contexto, conforme exemplos abaixo, colhidos do próprio autor:

Café eu só tomo de manhã cedo.

Eu só tomo café de manhã cedo.

Apesar de semanticamente semelhantes, Perini (2006, p. 190) assinala que, enquanto na primeira há um comentário a respeito do tópico *café*, na segunda o que existe é simplesmente uma declaração a respeito do próprio falante que esteja enunciando a sentença.

O autor assinala a importância da ordem para a identificação do tópico sentencial. E atenta para a “impropriedade” de se conceituar sujeito conforme procede a maior parte da tradição gramatical, que normalmente o define como “o termo da oração do qual se afirma alguma coisa”. Ou seja, se se pode “afirmar alguma coisa” a respeito de muitos termos oracionais que não sejam, necessariamente, sujeitos, não se justifica tal definição somente para esta função sintática.

Na verdade, estabelecemos essas considerações sobre *tópico-comentário*, *tema-rema*, *dado-novo*, por exemplo, porque neste capítulo nosso objetivo foi levantar pontos fundamentais a respeito do Funcionalismo. E essas noções, conforme o que vem sendo exposto, são de certa forma “fundadoras” dessa vertente. Entendemos também que nosso objetivo maior seria buscar caminhos que não nos conduzissem a uma concepção de língua imanente.

Logo, na perspectiva que adotamos, a posição dos sintagmas na estrutura sintagmática também não ocorre à revelia, mas carrega em si a relevância que muitas vezes se pretende conferir a um termo no discurso. Ou seja, utilizar um SN-sujeito pré ou pós-verbal é um procedimento que pode estar relacionado a vários fatores, dentre os quais:

- a) natureza *sintático-semântica* das formas verbais;
- b) fluxo informacional (informação *dada* versus informação *nova*) que o SN pós-verbal (ou pré-verbal) carrega, ou seja, grau de *previsibilidade* do SN;
- c) grau de *gramaticalização* pelo qual vêm passando certas formas verbais de caráter existencial, como *ter*, *faltar*, *dar*, etc, já que esses itens lexicais, nesse contexto, têm apresentado menor poder de mobilidade nas sentenças.

No capítulo 4 deste estudo, efetuaremos a análise das manchetes em relação aos seus respectivos textos. Serão priorizadas, ao final, sentenças que apresentam o verbo *sair*, em virtude de o termos encontrado com frequência oscilante em sentenças SV e VS. Desse modo, pretendemos verificar se esse verbo se inscreve em contextos característicos de *variação livre* ou se se encontra em *distribuição complementar* na língua.

É claro que, em se tratando de Funcionalismo, para o qual se há uma forma de dizer é porque há um significado a existir, parece contraditório falar em variação, pois a princípio

teríamos de admitir que as ordens SV *versus* VS são fenômenos de distribuição complementar, ou seja, a ocorrência de uma rechaçaria o aparecimento de outra. A respeito desse aspecto da questão, valem as reflexões de Gorski (1994), citadas em Abraçado (2003, p. 34):

É discutível classificar um fenômeno sintático como variável, já que cada maneira de se dizer alguma coisa remete a um sentido diferente, com o agravante de que, muitas vezes, construções supostamente variantes se apresentam em distribuição complementar.

Por outro lado, qualquer “elemento” lingüístico, tanto na esfera gramatical quanto na esfera discursiva, não deve constituir uma categoria alheia às noções de *prototipicalidade*. Isso é fundamental, segundo a perspectiva que adotamos.

Portanto, convém observar que alguns verbos talvez possam incidir em contextos de *variação livre*; outros verbos, porém, podem existir na língua em contextos característicos de *distribuição complementar*. É basicamente em torno disso que pretendemos estabelecer nossa análise.

3. METODOLOGIA

Este trabalho foi construído com base na observação de sentenças-manchetes estruturadas sob a ordem VS (verbo + sujeito), colhidas nos jornais *A Tribuna* e *A Gazeta*, de Vitória-ES, a partir da segunda quinzena de março de 2007 até a segunda quinzena de julho do mesmo ano.

A opção por estes dois jornais justifica-se por serem ambos de maior abrangência e consumo no Estado do Espírito Santo, o que nos propiciaria um contato com textos que veiculassem notícias relacionadas a toda a região capixaba.

Num primeiro momento, interessou-nos apenas a seleção de sentenças com sujeito posposto, a fim de aferirmos com que finalidade essa ordem é utilizada no discurso jornalístico.

Todavia, em algumas situações, passamos a selecionar também sentenças-manchetes com sujeito anteposto ao verbo, para que se pudesse confrontar as duas ordens – VS *versus* SV – uma vez que alguns verbos, como *cair*, *dar*, *faltar*, *morrer* e *sair*, por exemplo, ora ocorriam em VS, ora em SV.

A ocorrência desses verbos (e muitos outros) em arranjos sintáticos diferentes obrigou-nos a estabelecer um confronto entre a posposição e a anteposição do sujeito, pois nos pareceu que com alguns verbos se dava apenas um fenômeno de *variação*; com outros, entretanto, pareceu-nos que ocorria *distribuição complementar*.

Não nos preocupamos com privilegiar nenhum tipo de seção dos jornais, pois nosso objetivo não era circunscrever o fenômeno da ordem a nenhum gênero discursivo específico.

Os jornais foram consultados *diariamente*, durante um período de quatro meses, conforme expusemos no início desta seção. Houve vários dias em que não ocorreu VS em nenhum dos dois jornais, o que consolidou o fato de ser a ordem SV mais freqüente na língua.

Antes, porém, de terem sido selecionadas as manchetes jornalísticas, foi verificado, por meio de pesquisa bibliográfica, o tratamento dado ao fenômeno da *ordem* tanto em obras de gramáticos quanto em obras de lingüistas.

A opção pelo texto jornalístico se deu por vários motivos, dentre os quais o seguinte: em alguns casos, foi possível colher sentenças-manchetes em VS e SV referentes ao mesmo fato, divulgado pelos jornais numa seqüência de dias.

Em outros casos, foi-nos possível aferir a ordem VS em confronto com SV, relacionando as manchetes e seus respectivos textos a algum fato que havia circulado previamente na mídia. Isso nos conduziu à hipótese de que a estrutura funcional da sentença

pode ser explicada com mais propriedade se for levado em conta também o fator *memória discursiva*.

Em função disso, constatou-se que o SN pós-verbal (VS), normalmente visto como um elemento [-previsível] na interação lingüística, nem sempre carrega informações novas no discurso, conforme registram estudos de Givón (1979), Lira (1982) e Pontes (1986, 1987), por exemplo.

Ou seja, numa sentença como *Morre ator que passou mal no palco* (A *Tribuna* – 03/06/2007), inferiu-se que o SN [ator (que passou mal no palco)] não constitui, totalmente, uma informação nova, uma vez que notícias a respeito do estado de saúde desse ator já vinham sendo veiculadas antes mesmo de a morte ter se consumado.

Desse modo, tornou-se mais viável para nós, nesse tipo de *corpus*, a análise de categorias discursivas como *tópico/comentário*, *tema/rema*, *dado/novo* dentro de um *continuum*, uma vez que constatamos que essas categorias não deveriam ser analisadas numa perspectiva absolutamente dicotômica.

Ou seja, no *corpus* jornalístico foi possível verificar que as categorias discursivas arroladas no parágrafo anterior, e também as categorias gramaticais de *sujeito* e *predicado*, podem vincular-se à memória discursiva do interlocutor/leitor.

Portanto, nem sempre o *tópico*, que na maior parte das vezes corresponde ao *sujeito* das sentenças, é uma informação partilhada, conhecida no momento de interação lingüística; por outro lado, informações novas não residem, sempre e necessariamente, no *comentário*.

A escolha de um *corpus* jornalístico também se liga ao fato de, nesse ambiente, ocorrer uma diversidade de temas. Assim, apoiamo-nos em Borba (2003, p. 17), para quem, na literatura jornalística, “há não só variedade de autores, mas principalmente grande variedade de assuntos e enfoques”.

Como nosso interesse também residia num estudo da ordem sob uma perspectiva sincrônica - embora o Funcionalismo rejeite distinções rígidas entre sincronia e diacronia - julgamos que o texto jornalístico contemporâneo exibiria com grande propriedade a língua portuguesa padrão neste início de século XXI.

Nesse tipo de discurso, também costumam ocorrer tanto construções mais fiéis a um registro *padrão* da língua quanto construções que subvertem essa modalidade, como, por exemplo, o uso do verbo *ter* impessoal, em situações como “Hoje *tem* sorteio do Celta” (A *Tribuna* – 03/05/2007), “*Tem* japonês no samba” (A *Gazeta* – 13/05/2007), “*Tem* índio na rede” (A *Tribuna* – 17/06/2007) e “Hoje *tem* disputa de vagas na Emescam” (A *Tribuna* – 01/07/2007).

Parece que essas construções têm se instalado com frequência mesmo em registros mais monitorados, caracterizando-se, portanto, como *padrão* na língua portuguesa atual.

Na primeira parte de nossa análise, no capítulo 4, foram utilizadas manchetes com diversos tipos de verbos. Na segunda parte, neste mesmo capítulo, privilegiamos sentenças cujo verbo central é *sair*, dada a abundância de casos em que esse verbo ocorria, tanto em VS quanto em SV.

Foram colhidas oitenta manchetes com o verbo *sair*, das quais vinte e oito ocorreram em SV, contra cinquenta e duas em VS. Embora nosso estudo não objetivasse trabalhar com dados *quantitativos*, esse índice veio sinalizar a ocorrência de 13,4% do verbo *sair* em ordem SV, contra 86,6% desse verbo em ordem VS.

As manchetes com *sair* foram catalogadas em cinco grupos distintos, dada a natureza *semântica* que esse verbo apresentava, pois ora era utilizado com valor [+concreto], como em “*Dono do Nacional sai da cadeia*” (A *Tribuna* – 14/04/2007), ora com valor [+abstrato], como em “*Sai resultado da segunda etapa dos cursos de petróleo*” (A *Gazeta* – 01/05/2007).

As sentenças SV, utilizadas prioritariamente em confronto com as de ordem VS, foram escolhidas com *tópicos não-marcados*, já que seria improvável, a princípio, que no texto jornalístico escrito se encontrasse sentença-manchete com *tópico marcado*, como, por exemplo, em *O presidente do Brasil, ele parte amanhã para o Japão*.

Optamos por uma pesquisa de cunho funcionalista, pois pretendíamos aferir os objetivos com que a ordem VS é utilizada no texto jornalístico. Aliás, nessa perspectiva, o Funcionalismo, um dos pressupostos básicos é sobretudo a *finalidade* com que o usuário ativa formas e funções para produzir significado na língua.

Desse modo, se a ordem canônica SV é subvertida, favorecendo a ocorrência de VS, isso pode ser consequência de uma motivação discursiva. Ou seja, inserir um termo em início de sentença é indiciar que em torno desse termo o discurso será construído.

Para efetuar a análise de nosso *corpus*, definimos parâmetros como (1) monoargumentalidade do verbo; (2) grau de previsibilidade do SN; (3) densidade do SN e (4) animacidade/volição do SN, em torno dos quais as sentenças-manchetes, acompanhadas de seus respectivos textos, seriam submetidas à investigação.

Julgamos que esses parâmetros, em conjunto, seriam capazes de abranger as instâncias *sintática*, *semântica* e *pragmática* da linguagem, fundamentais para empreender-se qualquer análise que agasalhe a língua como acontecimento discursivo.

4. ANÁLISE DO *CORPUS* COLHIDO NOS JORNAIS *A TRIBUNA* E *A GAZETA*

Nesta seção, procederemos à análise do comportamento sintático-semântico de formas verbais inscritas em sentenças-manchetes dos jornais supramencionados. E julgamos importante readvertir que nossa análise pressupõe conferir prioridade à instância pragmática da linguagem: na perspectiva que adotamos, as regras que constituem a língua não podem existir compulsoriamente, mas estão submersas nos diferentes contextos interacionais. Assim, somos apoiados por Antunes (2007, p. 72), para quem:

... essas regras são destinadas a reger, a regular os usos que as pessoas fazem, nos mais diferentes contextos e com as mais diferentes finalidades, elas não podem ser absolutamente rígidas, imutáveis, inflexíveis. Elas têm que ser funcionais, no sentido de que assumem variações, por conta do que pretendem aqueles que as usam.

Em vista disso, investigaremos não apenas o comportamento das formas verbais em si, mas o próprio ambiente semântico-pragmático que as agasalha. Não nos é suficiente, por exemplo, afirmar que com verbos monoargumentais fica mais facilmente licenciada a ordem VS, embora a monoargumentalidade seja um aspecto hegemônico entre os que se debruçam sobre esse fenômeno.

Entendemos que há uma série de fatores que devem ser examinados e considerados para justificar a posição de um SN antes ou depois de uma forma verbal. Para isso, é necessário que os arranjos sintáticos das sentenças-manchetes sejam examinados como co-ocorrentes de aspectos semânticos e pragmáticos, pois essa tríade “é comum a todas as abordagens funcionalistas atuais” (Cunha *et al.* 2003, p. 29)

Também não nos é suficiente investigar as categorias *tópico/comentário*, *dado/novo*, *tema/rema*, *sujeito/predicado* apenas tomando-as axiomáticamente, como se elas se concretizassem assim: (1) *tópico/dado/tema/sujeito* normalmente constituem informações partilhadas pelos interlocutores na interação lingüística; (2) *comentário/novo/rema/predicado* costumam carregar informações mais “novas” aos interlocutores.

Em vista disso, temos como um dos principais objetivos rever a seguinte proposição, colhida em obra de Vilela e Koch (2001, p. 509), e que é aliás a posição que a maioria dos lingüistas agasalha, conforme já expusemos no capítulo 2 deste trabalho: “A informação temática é normalmente dada, enquanto a remática constitui, em geral, informação nova.”

Ora, a categorização dos elementos lingüísticos, sendo eles de natureza discursiva ou gramatical, deve efetivar-se, sobretudo numa abordagem funcionalista, de maneira relativizada, como se pudéssemos propor o seguinte:

- a) tópico = informação [+dada] *versus* informação [-dada];
- b) comentário = informação [+nova] *versus* informação [-nova].

É claro que estamos, provisoriamente, propondo uma perspectiva em que se trabalha mais com a intuição do que com resultados mais palpáveis, já que não apresentamos até aqui um estudo exaustivo do *corpus*. Todavia, parece-nos que no discurso jornalístico escrito – e é neste que estamos empreendendo nossa análise – não convém considerar essas categorias de **tópico** e **comentário**, por exemplo, de maneira dicotômica.

Ou seja, na ordem VS, em oposição a SV, utilizaremos como parâmetros de análise os seguintes fatores, a fim de testarmos em que circunstâncias uma manchete VS é utilizada no texto jornalístico:

- a) a natureza argumental (semântica) das formas verbais;
- b) o grau de previsibilidade de uma informação e a frequência com que um determinado fato circula na mídia e se faz presente no cotidiano de cada um;
- c) a densidade (tamanho) do SN (mais “pesado” *versus* menos “pesado”);
- d) a animacidade/volição do SN.

Em relação à natureza argumental das formas verbais, verificaremos se a predominância de VS com verbos intransitivos e/ou inacusativos também está circunscrita ao contexto discursivo, ou seja, se o comportamento sintático do verbo está ligado ao caráter apresentativo das sentenças que se organizam na seqüência SV.

Observem-se, por exemplo, as sentenças abaixo, colhidas em *A Tribuna* e *A Gazeta* (cada uma delas vem seguida pelo primeiro parágrafo de seu respectivo texto):

1. **Sai lista de aprovados no Universidade para Todos (A Gazeta – 18/03/07)**

A lista com os nomes das duas mil pessoas aprovadas no processo seletivo do Projeto Universidade para Todos foi divulgada ontem pela coordenação do curso preparatório para o vestibular, e pode ser conferida no site WWW.gazetaonline.com.br.

2. Sai resultado da prova de Guarapari (A Tribuna – 27/03/07)

A Prefeitura de Guarapari liberou o resultado da prova objetiva do magistério aplicada no último dia 11. Ao todo, foram 1.130 aprovados, de acordo com a listagem divulgada.

3. Sai lista de aprovados para agente penitenciário (A Gazeta – 28/03/07)

A Secretaria de Estado da Justiça (Sejus) divulgou ontem a relação provisória dos candidatos aprovados no processo seletivo, que visa ao preenchimento de 345 vagas para o cargo de agente penitenciário – designação temporária. A lista pode ser conferida nos Classificados de A GAZETA. O prazo de recurso é hoje e amanhã, das 9 às 17 horas, na Coordenação de Assistência Jurídica da Sejus (Cajusp), que fica na sobreloja do Ed. Fábio Ruschi, no Centro de Vitória. De acordo com informações da assessoria de imprensa da Sejus, o resultado final do processo seletivo será divulgado no dia 4 de abril, nos sites WWW.sejus.es.gov.br e WWW.es.gov.br. Informações pelo telefone 3132-1004.

4. Sai hoje edital do TRF (A Tribuna – 28/03/07)

Terminam neste domingo (dia 1º) as inscrições para o concurso da Prefeitura de Vitória para a contratação de 150 de agentes comunitários de segurança (guardas municipais).

5. Sai resultado de exames para a PM (A Tribuna – 30/03/07)

A Polícia Militar divulgou o resultado provisório da avaliação psicossomática do concurso para admissão ao Curso de Formação de Soldados. Ao todo, são 433 candidatos recomendados.

Não é difícil perceber que é pouco provável, ou até mesmo improvável, a posição pré-verbal dos SNs que aparecem nas sentenças acima, dada a natureza monoargumental do verbo *sair* nos ambientes apresentados, o que confere legitimidade ao fator monoargumentalidade, já que talvez o usuário da língua portuguesa rechaçasse o seguinte:

- (1)* Lista de aprovados no Universidade para Todos sai.
- (2)* Resultado da prova de Guarapari sai.
- (3)* Lista de aprovados para agente penitenciário sai.
- (4) Hoje edital do TRF sai.
- (5)* Resultado de exames para a PM sai.

Com exceção da sentença (4) anterior, que apresenta como sujeito um SN que não excede a três palavras – [edital do TRF], e portanto constitui um SN [-pesado], na concepção de Zilles (2000, p. 392), todas as demais parecem gerar *estranhamento*, de tal forma que facilmente a ordem SV seria rejeitada nesses casos. Esse fato parece confirmar, então, que na ordem VS o SN costuma ser mais longo, o que não significa que deva ocorrer isso sempre.

Verifique-se como, no exemplo abaixo, extraído de *A Gazeta* de 07/06/07, o SN pré-verbal é [+pesado], e nem por isso foi favorecida a posição do sujeito:

Número de casos de intoxicação em crianças abaixo de 10 anos sobe 30%

O uso de medicamentos está entre os líderes de agentes causadores do problema

NÁIRA MALZE
nmaize@redgazeta.com.br

Crianças abaixo de 10 anos são as maiores vítimas de intoxicação. No mundo inteiro é a idade em que mais acontecem intoxicações, especialmente nos primeiros quatro anos de vida. Contudo no Espírito Santo, em 2006, houve um aumento de 30% de casos de intoxicação de pacientes nessa faixa etária, em relação a 2005, segundo dados do Centro de Atendimento Toxicológico (Toxcen).

Para se ter uma idéia, só nos primeiros quatro meses deste ano, 32,3% dos casos de intoxicação fo-

ram na faixa abaixo de 10 anos, contra 26,7% no mesmo período do ano passado.

E detalhe: o uso de medicamento lidera os agentes (substância capaz de levar a intoxicação) causadores. "O que mais chamou atenção é que os medicamentos estão sendo abusivamente utilizados pelos adultos que acabam se intoxicando por automedicação, uso de medicamento indevido ou sem orientação médica", observou a diretora do Toxcen, Sony de Freitas Itho.

FACILIDADE. Esse excesso facilita o contato das crianças com os remédios. Típico do desenvolvimento infantil, elas engatinham por toda parte, abrindo portas de armários e gavetas, e adoram colocar tudo na boca.

Além disso, acrescenta Sony, os remédios infantis estão perdendo a ca-



racterística de medicamento. Hoje, eles são cheirosos, coloridos e com sabores diversos, para facilitar o uso pela criança. Às vezes, os próprios pais camuflam, dizendo que é uma balinha, que é gostoso e docinho. Tudo isso leva a criança a encarar o remédio como inofensivo.

Sem contar que boa par-

te dos medicamentos infantis não tem a tampa adequada e segura. Como destaca a diretora do Toxcen, é fácil de abrir e, sem querer, a criança pode tirar comprimidos ou derramar e ingerir o conteúdo, inocentemente.

Para completar, a família desconhece o potencial tóxico das substâncias. "Em questão de toxicologia, a casa é o lugar mais inseguro que existe. É lá onde guardamos desinfetantes, produtos químicos, raticidas, produtos de limpeza embaixo da pia e uma infinidade de substâncias tóxicas", lembra ela.

Como a criança passa a maior parte do tempo dentro de casa, deve ser orientada a não mexer. E os pais devem ficar atentos para não deixar nada perigoso ao alcance dos filhos pequenos.

Figura 10. Intoxicação – A Gazeta – Vitória (ES), 07/06/2007

Parece que um ponto a favor da anteposição do sujeito, neste caso, é o caráter argumental da forma verbal *sobe*. Se não houvesse o índice de 30% que caracteriza o fato apresentado e que para nós aqui funciona como um argumento do verbo, provavelmente a posição do SN-sujeito se cumprisse, de tal forma que a manchete talvez viesse assim:

Sobe número de casos de intoxicação em crianças abaixo de 10 anos.

Veja-se como é importante a análise de todo o contexto pragmático para efetivar-se a avaliação da ordem nas manchetes jornalísticas, se se observar o texto abaixo, extraído de *A*

Gazeta de 29/05/07, em que se constata a posição pré-verbal do SN-sujeito, mesmo que este apresente traços como [-animado/-volitivo]:

Edital do centro de eventos sai em 2 meses

DENISE ZANDONADI
dzandonadi@redgazeta.com.br

Em 60 dias, o governo estadual deverá divulgar o edital para a construção do centro de eventos na área do Aeroporto de Vitória. Antes disso, no entanto, o governo terá um encontro entre empresários interessados em investir na obra e a Prefeitura de Vitória para explicar o projeto e o investimento.

O anúncio foi feito ontem pelo secretário de Desenvolvimento Econômico, Guilherme Dias, que esteve na semana passada em Portugal, acompanhando o governador Paulo Hartung. Eles foram ao país a convite da Câmara de Comércio Luso-Brasileira e

da Câmara de Comércio Brasil Portugal.

O projeto do centro chamado de multieventos foi mostrado aos empresários portugueses que manifestaram interesse em investir no Espírito Santo. “Temos 50 empresas que já manifestaram interesse em participar do centro de eventos, que terá teatro, centro de convenção, restaurante, shopping center, prédio comercial e residencial”, explicou Dias.

A obra está orçada em R\$ 100 milhões e deverá estar concluída no final de 2009. A expectativa é de que o atraso nas obras de ampliação da pista do aeroporto não prejudique a construção do centro de eventos.

Figura 11. Edital do centro I – A Gazeta – Vitória (ES), 29/05/2007

O texto sugere que a informação presente no sujeito já havia sido veiculada anteriormente. Inclusive, há marcas lingüísticas que sinalizam isso, como o emprego do artigo definido *o* antes do item lexical *centro*. Ou seja, esse procedimento deixa implícito que “o centro de eventos” de cujo edital fala o texto não é uma informação inédita.

Além disso, o SPrep [em dois meses], na função de adjunto adverbial, à direita do verbo *sair*, parece constituir um argumento desse verbo. Aliás, essa informação parece importante para o conteúdo da matéria, dada a importância de se construir esse “centro de eventos na área do aeroporto de Vitória”.

Desse modo, vemos que o verbo *sair* se inscreve aqui numa estrutura argumental diferente das que verificamos nas manchetes anteriores, em que esse mesmo verbo exibía características legítimas de monoargumentalidade.

Para nós, o SN sujeito [Edital do centro de eventos] não só constitui informação relativamente dada como também figura como *tema/tópico* da sentença-manchete, e é em torno desse termo que a organização discursiva se constrói. Diferentemente das sentenças apresentadas anteriormente, em que o verbo *sair* encabeça a oração.

Para alguns estudiosos, “a anteposição do verbo tem um valor estilístico muito nítido, que consiste na melhor focalização da ação verbal como tema da comunicação” (Câmara Jr., 1976, p. 252). Embora a concepção de linguagem desse autor não resida numa proposta funcionalista, isso não invalida nossas discussões, pois perspectivas diferentes de análise lingüística não necessariamente se opõem, mas muitas vezes se complementam.

É claro que o verbo *sair*, nos contextos apresentados até agora, não exhibe propriamente conteúdos de ação. Aliás, é justamente na condição de ter esmaecida essa característica agentiva que muitas vezes a forma verbal encabeça uma sentença, favorecendo a ordem VS.

Todavia, o comentário acima ilustra que o que vem primeiro na cadeia sintagmática acaba por carregar maior importância no discurso, embora já tenhamos mostrado neste trabalho que sentenças introduzidas por verbo e seguidas de SN não apresentam estrutura tópico-comentário, conforme assinalam Mira Mateus *et al.* (2003, p. 318), ao sugerirem exemplos como *Apareceu um fantasma no meu quarto*, para construir seus argumentos.

Quanto à memória discursiva, acreditamos que, mesmo em sentenças VS, o SN pode carregar informações previsíveis, contrariando um princípio básico, apontado por Lira (1982, p. 182), segundo o qual a posposição do sujeito é uma estratégia que se tem para introduzir novos referentes no discurso.

Realmente, parece que a ordem VS desempenha função apresentativa, no sentido de introduzir no texto novos objetos de discurso. Gostaríamos de interromper por alguns momentos o exame de nosso *corpus* jornalístico, para oferecer um fragmento de Lispector (1987, p. 09), extraído da obra literária *Felicidade clandestina*, onde se constata efetivamente essa função da ordem VS.

Antes, porém, é necessário esboçar o contexto em que se dá o fenômeno. No conto *Felicidade clandestina*, há um narrador em 1ª pessoa, uma menina, que lamenta a crueldade de uma outra colega, quando esta, inúmeras vezes, nega emprestar-lhe o livro *As Reinações de Narizinho*, de Monteiro Lobato, alegando que o objeto estava (sempre) com outra pessoa. Quando a mãe da cruel colega surge, já pelo meio da história, tem-se a seguinte passagem:

Até que um dia, quando eu estava à porta de sua casa, ouvindo humilde e silenciosa a sua recusa, apareceu sua mãe. Ela devia estar estranhando a aparição muda e diária daquela menina à porta de sua casa. Pediu explicações a nós duas. Houve uma confusão silenciosa, entrecortada de palavras pouco elucidativas. A *senhora* achava cada vez mais estranho o fato de não estar entendendo. Até que *essa mãe* boa entendeu. Voltou-se para a filha e com enorme surpresa exclamou: mas este livro nunca saiu daqui de casa e você nem quis ler! (grifos nossos) (LISPECTOR, C. *Felicidade clandestina*. 5 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987)

Observe-se como a ordem VS é prototípica, na passagem acima, no sentido de cumprir seu valor apresentativo. A ordem VS aqui vem instaurar *a mãe* como um novo tópico discursivo, que se mantém, no desenrolar do parágrafo, na posição pré-verbal (tanto *explícita* como *implicitamente*) na maioria das orações existentes, conforme se pode verificar pelos instrumentos coesivos em destaque no próprio fragmento.

Até então, *essa mãe* não fazia parte da história. Mas o aparecimento dela é fundamental para o próprio desenrolar do enredo. Esse objeto de discurso, introduzido no texto por meio de VS, vem desestabilizar os outros tópicos discursivos dos quais se vinha falando.

Essa interrupção teve apenas o objetivo de reiterar uma característica fundamental da posposição do sujeito. Todavia, interessa-nos averiguar também se, no discurso jornalístico, a ordem VS tem sempre papel apresentativo, conforme sugere Pontes (1987), com apoio em Givón (1977), segundo o qual a ordem VS ocorre em ambientes em que o sujeito é informação nova.

Preferimos relativizar essas asserções, uma vez que julgamos encontrar manchetes cuja organização sintagmática, embora em VS, não apresenta necessariamente essa característica, conforme se pode verificar na manchete-título do texto seguinte:

Saem os vencedores de promoção

Vinte desenhos do "Colorindo a Páscoa" foram escolhidos entre 10 mil concorrentes

A promoção "Colorindo a Páscoa" de A Tribuna já tem os seus vencedores, que poderão retirar seus prêmios hoje e sábado. As 20 melhores pintu-

ras selecionadas ganharam um kit com 20 quilos e 180 gramas de chocolates Garoto.

De acordo com o coordenador de Promoções e Marketing da Garoto, Adilson Panzin, os 20 desenhos foram escolhidos entre mais de 10 mil posteres.

Segundo a supervisora do Programa de Visita da Garoto e uma das juradas de promoção, Elaine Brasiani, as crianças abusaram da criatividade.

Um dos ganhadores, Kellyson Patrocínio, 10 anos, morador de Itacibá, Caracica, vibrou ao saber que tinha sido um dos ganhadores. "Eu ganhei! Nossa!" comemorou. Ele utilizou lápis de cor e técnica de sombreamento no desenho.

Milena Baldan Betzel, 11, moradora de Campo Grande, Caracica, também foi uma das vencedoras. Sua mãe, a dona-de-casa Scheila Baldan Betzel, contou que a filha não saiu do lado

do telefone na tarde de ontem, na expectativa de ser uma das ganhadoras. Milena contou que usou lápis de cor, aguarela e purpurina no desenho.

Janine Thompson Nascimento, 12, moradora de Cruzeiro do Sul, Caracica, não se conteve com a notícia de que tinha ganhado um dos kits. Sua mãe, a comerciante Lígia Thompson Nascimento, contou que a filha começou a chorar.

Os kits poderão ser retirados na loja da fábrica de Chocolates Garoto, que fica na Praça Meyerfreund, Glória, Vila Velha, hoje, das 9 às 19 horas, ou no sábado, das 8h30 às 14 horas. As crianças deverão ir acompanhadas dos pais ou responsáveis.

Figura 12. Saem os vencedores – A Tribuna – Vitória (ES), 05/04/2007

Concordamos que, até certo ponto, a manchete anterior ilustra uma função apresentativa, que é a de introduzir uma informação. Todavia, entendemos que havia uma expectativa quanto à divulgação dos nomes dos indivíduos vencedores que participaram do “concurso” promovido pelo jornal *A Tribuna*. Logo, embora ainda não se soubesse quem eram os ganhadores, o fato por si já trazia pressuposta a idéia de que alguém (uma ou várias pessoas) venceria a “competição”.

Reiteramos que esse aspecto, mais ligado ao arcabouço pragmático em que se veicula a notícia, sinaliza que a ordem VS, nesse caso, não apresenta propriamente uma informação inédita, sobretudo se considerarmos que as pessoas envolvidas no evento promovido pelo jornal já estavam na expectativa de serem contempladas por essa informação.

Não é o que acontece, por exemplo, no texto abaixo, em que percebemos haver maior caráter de novidade quanto à informação veiculada pelo SN posposto. Aliás, as duas “manchetes” que antecedem o texto propriamente dito já trazem o sujeito posposto – [248 incêndios florestais] e [o número de incêndios florestais]:

NÚMERO ESTE ANO, FORAM REGISTRADOS 248 INCÊNDIOS FLORESTAIS NA GRANDE VITÓRIA, MAIORIA NO MUNICÍPIO DA SERRA

Aumenta o número de incêndios florestais

MARCELLA ANDRADE
mandrade@redgazeta.com.br

A massa de ar quente que está sobre a Região Sudeste está trazendo prejuízos para o meio ambiente do Estado. Sem chuvas, as áreas com vegetação estão mais propensas à ocorrência de incêndios.

Somente este ano, o Corpo de Bombeiros registrou 248 incêndios florestais, dos quais 167 ocorreram só no mês de março.

A Grande Vitória é responsável pela maioria das ocorrências, que chegam a

99. Os municípios mais afetados foram a Serra (33), Vitória (24), Cariacica (23) e Vila Velha (11).

ALERTA. Segundo o assessor de comunicação do Corpo de Bombeiros do Espírito Santo, Samuel Rodrigues, foi verificado, em pesquisa, que 72% dos casos de incêndio florestal foram causados por pessoas, com ou sem intenção.

A população precisa tomar cuidados para evitar esse tipo de incêndio. “Em época de estiagem as pessoas não devem usar fogo

para limpar os terrenos, seja para queimar mato ou lixo”, ressalta Rodrigues.

Se tiver que fazer alguma queimada, o cidadão deve procurar o órgão ambiental para obter uma licença, mas sempre lembrando de não atear fogo das 10 às 16 horas, por ser um horário de maior incidência dos raios solares.

O Corpo de Bombeiros tem feito ações de conscientização junto à população do Estado, inclusive ministrando cursos sobre prevenção e combate a incêndios florestais.

Figura 13. Incêndios – A Gazeta – Vitória (ES), 02/04/2007

Se no texto referente ao concurso promovido pelo jornal *A Tribuna* não havia *total* imprevisibilidade quanto à notícia veiculada pela seqüência VS da manchete, é porque, naquela circunstância, conforme sugerimos, parece ter atuado a memória discursiva de muitos leitores, sendo eles concorrentes ou não, dada a expectativa existente quanto ao resultado desse concurso. Já no texto acima, alusivo aos incêndios florestais, não vemos influência do fator *memória*, uma vez que a natureza inédita da informação nessa matéria parece *maior* ou até mesmo *total*.

Parece-nos que o fator animacidade/volição do SN favorece também a posposição, ou seja, quanto [-animado/-volitivo] um SN, mais licenciada fica a ordem VS. E isso pode ser confirmado apenas com as manchetes exibidas em parágrafos anteriores, sobretudo aquelas em que o núcleo do sujeito gramatical é preenchido por itens lexicais inanimados, como *lista* (2 vezes), *resultado* (2 vezes) e *edital* (1 vez), exibidos no início deste capítulo.

Quando falamos em relativizar nossa análise, já que optamos por uma linha de caráter funcionalista, pensamos justamente naqueles casos que contrariam um ou outro aspecto, como, por exemplo, o que acabamos de afirmar no parágrafo anterior: o fato de o item lexical inanimado como sujeito favorecer a posposição desse termo. Veja-se, no contexto seguinte, que mesmo com um SN [-animado] na posição de sujeito, ocorreu a ordem SV:

Aumento de salário sai após o feriado

BRASÍLIA – A Câmara dos Deputados deve colocar em votação nas próximas semanas o projeto que eleva dos atuais R\$ 12.847 para R\$ 16.512 os salários dos parlamentares.

Por conta do feriado do Dia Internacional do Trabalho (1º de maio) na terça-feira, a proposta deve ser avaliada pelo plenário somente na segunda semana de maio.

O reajuste de 28,05% poderá ser retroativo a fevereiro deste ano, uma vez que regimento da Casa Legislativa permite que o aumento seja retroativo ao início da legislatura (iniciada em 1º de fevereiro).

O presidente da Câmara, Arlindo Chinaglia (PT-SP), disse que vai submeter ao plenário da Casa a decisão sobre a retroatividade – já que durante a votação os deputados podem definir que o novo valor salarial vigore somente depois de sua aprovação.

Dois projetos estão sendo analisados pelos parlamentares. O primeiro reajusta os subsídios dos parlamentares com base na correção inflacionária dos últimos quatro anos e, o segundo, eleva os salários do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, do seu vice, José Alencar, e dos 37 ministros de Estado.

Lula recebe atualmente R\$ 8.885 e passará a ter o salário de R\$ 11.420 se o reajuste seguir a correção inflacionária. Já o salário de Alencar e dos demais ministros subirá dos atuais R\$ 8.362 para R\$ 10.748.

Os projetos também prevêem um mecanismo que autoriza novas correções salariais para os parlamentares, Lula e os ministros cada vez que os funcionários públicos federais receberem aumento.

A expectativa dos deputados, no entanto, é que os projetos passem por mudanças durante a discussão no plenário da Câmara.

Se o aumento for retroativo e aprovado até junho, os deputados vão receber os R\$ 16.512 referentes ao pagamento de maio, além de R\$ 14.659 – diferença entre o atual salário dos deputados e a correção retroativa a fevereiro.

A despesa da Câmara com os salários dos parlamentares, calculada em R\$ 102 milhões por ano, pode subir para R\$ 130 milhões se o reajuste for aprovado.

O Psol firmou posição contra o reajuste. O líder do partido na Câmara, deputado Chico Alencar (RJ), disse que os parlamentares "têm condições de exercer bem o mandato nas condições atuais".

Figura 14. Aumento de salário – A Tribuna – Vitória (ES), 29/04/2007

Como a discussão sobre o possível reajuste salarial dos deputados já circulava na mídia há alguns meses, acreditamos que a ordem SV se efetivou nesse ambiente por constituir o sujeito uma informação [+previsível].

Além disso, entendemos que o verbo *sair* está inscrito numa estrutura argumental bivalente, ou seja, o sintagma preposicional (adverbial) que se pospõe ao verbo – “*após o feriado*”, para nós, aqui parece funcionar mais como um complemento. Até porque sem a sua existência, teríamos uma sentença menos favorável à índole da língua: **Aumento de salário*

sai (Para nós, sem o adjunto adverbial, seria mais natural a seqüência “Sai aumento de salário”).

Logo, a estrutura argumental em que o verbo se inscreve é um forte traço que motiva ou VS ou SV, sobretudo com o verbo *sair*, que ora observamos. Veja-se, por exemplo, o texto abaixo, cuja manchete apresenta o verbo *sair* relacionado a um sujeito cujo núcleo é preenchido pelo mesmo item lexical encontrado na manchete do texto acima:



Sai aumento para servidor de Vila Velha

O reajuste salarial começa a valer a partir de julho, mas os valores pagos aos funcionários serão retroativos a 2006

Figura 15. Sai aumento para servidor – A Gazeta – Vitória (ES), 23/05/2007

Provavelmente, o SN posposto, quando apresenta conteúdo [+novo], é mais “interpretado” como objeto porque, nessa posição à direita do verbo, que é a posição típica de objeto, a função discursiva desses termos seja a mesma. Veja-se, por exemplo, como a notícia acima é retomada, no interior do jornal *A Gazeta*, de 23/05/07:



Servidores de Vila Velha terão aumento de 6% a partir de julho

Reajuste anunciado pelo prefeito Max Filho contempla também inativos e pensionistas

MAURÍLIO MENDONÇA
mgomes@redgazeta.com.br

Todos os 6.259 servidores do município de Vila Velha, incluindo os inativos e pensionistas, vão receber um au-

mento de 6% até o mês de julho. A informação foi dada ontem à noite pelo prefeito Max Filho, que vai confirmar o reajuste durante o pronunciamento pelos 472 anos da cidade, comemorados hoje.

O aumento é referente aos anos de 2006 e 2007. “No ano passado não foi possível oferecer um aumento aos servidores do município porque a Lei de Diretrizes Orçamentárias não permite que o município exceda em 10% o orçamento pensado para os gastos administrativos”, alegou. Como a planta orçamentária do município aumentou de 2006 para este ano, a adminis-

tração da cidade aprovou a proposta do reajuste aos servidores. “Amanhã (hoje) vou assinar uma mensagem a ser encaminhada à Câmara de Vereadores para aprovação da verba referente a esse reajuste”.

O aumento será concedido também aos servidores que já receberam um reajuste neste ano ou no ano passado, como é o caso dos professores, que tiveram um reajuste

superior a 12% nos últimos meses. “Nesses casos os servidores terão um aumento em cima do outro. Ninguém ficará de fora”, garantiu.

ORLA. O prefeito disse, também, que deve assinar um documento para abertura de licitação para reurbanização da orla de Itaparica. No primeiro processo, a prefeitura pretende receber as propostas das empresas inte-

ressadas em tocar a reforma, avaliada em R\$ 20 milhões.

“Estamos esperando a resposta da análise nacional para ver se o nosso projeto pode receber verba internacional do Banco Interamericano de Desenvolvimento”, explicou.

Segundo ele, a prefeitura pretende começar a obra com recursos próprios. “Vamos conversar com a comunidade para saber por onde começar”.

Figura 16. Servidores de Vila Velha – A Gazeta (ES), 23/05/2007

O item lexical *aumento*, que aparece (sujeito?) na manchete da primeira página – “Sai aumento para servidor de Vila Velha”, reaparece em manchete interna na posição de objeto, dado o seu caráter [+novo].

Além disso, entendemos que o SPrep [para servidor de Vila Velha] parece adjungir-se ao item lexical-núcleo *aumento*, constituindo um adjunto deste: “aumento do servidor..., aumento que o servidor terá...”, e não adjunto do verbo *sair*.

Observem-se, agora, os dois textos abaixo, cujas manchetes-títulos apresentam o verbo *sair* num contexto bem específico, ou seja, esse verbo une-se aos SPreps que se lhe seguem, formando o SV + SPrep uma unidade quase indissociável, quase uma *lexia*: “...sai em defesa...” (defende); “...saem no tapa...” (se estapeiam):

Lula sai em defesa da Polícia Federal e nega pressões

Segundo presidente, apurações sobre corrupção vão continuar “doa a quem doer”

BRASÍLIA. No momento em que o governo se esforça para acalmar os aliados no Congresso, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva condenou na tarde de ontem, no Itamaraty, o “vazamento” de informações sigilosas da Operação Navalha. Mas avisou, no entanto, que a Polícia Federal vai continuar as investigações contra políticos e empresários envolvidos na máfia das obras públicas. “A Polícia Federal vai continuar combatendo a corrupção, doa a quem doer”, disse.

Após almoçar com presidente do Panamá, Martín Torrijos, Lula voltou a usar o verbo “er-

rar”, como no auge do escândalo do mensalão, em 2005, para comentar crimes supostamente cometidos por aliados. “Se as pessoas não quiserem ser molestadas, não pratiquem nenhum erro”, afirmou.

“O que precisamos é garantir que as pessoas que tenham cometido, tenham tratamento igual ao que qualquer cidadão tem que ter, não precisa necessariamente algemar as pessoas, arrebentar a porta de ninguém.”

Entre uma advertência e outra à Polícia Federal, Lula tentou demonstrar que não vai pressionar o trabalho dos agentes policiais e dos procuradores. “Penso que as coisas vão ter que acontecer, ninguém vai cercar a Polícia Federal nem o Ministério Público por causa do combate à corrupção”, disse.

“É preciso que continuem as ações da Polícia Federal, que merece nossa admiração e respeito, e do Ministério Público, que merece nossa considera-

ção e respeito, mas sem exageros.” Um dia antes, na quinta-feira, Lula recebeu no Palácio do Planalto parlamentares de partidos da base aliada furiosos com a Operação Navalha.

Câmara faz projeto contra vazamentos

A Câmara dos Deputados prepara um projeto de lei que visa impedir o vazamento de informações sob sigilo de Justiça para a imprensa. O texto foi discutido ontem pela Comissão de Constituição e Justiça (CCJ) e deve ser retomado na semana que vem. A idéia é dar forma final ao projeto ainda nesse semestre. O vazamento de informações da Operação Navalha irritou parlamentares depois que surgiram rumores de que haveria uma lista secreta de deputados ligados à Gautama. A idéia do projeto é criar a figura do “responsável”, ou “guardião” do sigilo.

Figura 17. Lula – A Gazeta – Vitória (ES), 26/05/2007

O verbo *sair* parece inscrever-se numa estrutura em que se configuram dois elementos importantes: *sujeito* (Lula) e *complemento* (da Polícia Federal). Porém, é como se o núcleo do predicado aqui não residisse no verbo *sair*, mas no substantivo *defesa*, como se este fosse um item lexical verbal *mascardo*. Ainda, como se o valor verbal (ação/processo) incidisse mais no nome do que no próprio verbo. Ou seja, quem “sai em defesa”, “defende...”. Parafraçando-se, tem-se a seguinte possibilidade: “Lula defende a Polícia Federal...”

Parece-nos inviável a possibilidade de posposição do SN Lula, conforme se constata abaixo:

- *Sai em defesa da Polícia Federal Lula.
- *Em defesa da Polícia Federal sai Lula.
- *Sai Lula em defesa da Polícia Federal.

Talvez a segunda e a terceira “sentenças” do par acima fossem possíveis num ambiente em que se quisesse estabelecer *contraste*. Ou seja, como se se pretendesse realçar *Lula* e não um outro indivíduo que “saísse em defesa da Polícia Federal”. Assim:

Em defesa da Polícia Federal sai Lula, e não o vice-presidente.

Na manchete referente ao texto a seguir, extraído de *A Tribuna* de 30/05/07, em que se comenta sobre as rivalidades das gêmeas Paula e Taís, na atual novela *Paraíso Tropical*, observe-se que o comportamento do verbo *sair* é idêntico ao desse mesmo verbo no texto anterior, referente ao presidente Lula e à Polícia Federal:

Gêmeas saem no tapa em “Paraíso Tropical”

Após mostrar o embate entre Fabiana (Maria Fernanda Cândido) e Ana Luísa (Renée de Vielmond) e a luta travada entre Daniel (Fábio Assunção) e o vilão Olavo (Wagner Moura) chegou a vez do combate entre as gêmeas Paula e Taís (Alessandra Negrini) em “Paraíso Tropical”.

Para as próximas semanas, está prevista uma cena em que a mocinha surra a irmã má ao descobrir que ela participa de um plano para atralhar seu romance com Daniel.

A investida da gêmea má contra Paula começa já no capítulo de amanhã. Ambiciosa, a moça aceita R\$ 5 milhões de Antenor (Tony Ramos) para separar Daniel e Paula.

Com a ajuda de Marion (Vera Holtz), Taís descobre que Daniel planeja uma viagem para o interior do Rio de Janeiro para comprar a sonhada pousada onde pretende viver com Paula.

Decidido a fazer uma surpresa para a namorada, mente que se trata de uma viagem de negócios para São Paulo. Para o final da próxima semana, está prevista uma cena em que Taís aparece no meio da estrada trilhada por Daniel, alegando problemas com o motor do carro.

Esperta, pede carona ao cunhado e consegue, enfim, fazer com que a garota acredite que os dois têm um caso. Apesar do flagrante, o autor já garantiu

Paula vai descobrir as armações da irmã

que Paula e Daniel não vão passar mais que quatro capítulos separados.

“Os dois têm muita química, as pessoas já torcem para que eles fiquem juntos”, garante Gilberto Braga.

Daniel percebe que foi vítima de um golpe quando encontra uma montagem fotográfica que simula um encontro dele com Taís. A participação de Antenor no plano, porém, continua sigilosa.



Figura 18. Gêmeas – A Tribuna – Vitória (ES), 30/05/2007

Da mesma forma, a ação presente no predicado não parece incidir sobre o verbo, mas sobre o substantivo *tapa*. Fato semelhante ocorrera anteriormente com o substantivo *defesa*. Ou seja, “*sair no tapa*”, que equivale a “*estapear-se*”, é uma expressão que se inscreve numa sentença em que, para nós, ocorrem dois argumentos: *Gêmeas saem no tapa... (se estapeiam)*

indica que o item lexical *gêmeas* incide, no discurso, tanto como sujeito quanto como “objeto”: “*gêmeas se* estapeiam” (gêmeas estapeiam gêmeas).

Observe-se, por exemplo, como ficaria contrária à índole da língua a posposição do sujeito nesta situação apresentada:

***Em “Paraíso Tropical”, saem no tapa gêmeas.**

***Saem no tapa gêmeas em “Paraíso Tropical”.**

Para nós, isso indicia que o verbo *sair*, neste contexto, por ser [-monoargumental], inibe a posposição, o que mais uma vez nos parece ser esse aspecto um dos mais fortes determinantes da ordem VS em português, independente do tipo de gênero textual em que se inscreve o verbo. Paralelamente, entendemos que essa monoargumentalidade não pode/deve ser observada assepticamente, mas como resultado de uma organização discursiva.

A estrutura *sintática* de uma sentença se insere num campo *semântico*, que por sua vez se inclui num contexto *pragmático*, conforme assinala Ilari (1992, p. 159), quando conclui seus estudos sobre a perspectiva funcional da sentença – articulação *tema-rema* - em português.

Esse fato – a interdependência sintaxe/semântica/pragmática – parece tornar mais legítima a análise de qualquer fenômeno lingüístico, pois essa tríade é necessária inclusive para garantir a coerência do discurso. Veja-se, por exemplo, no título do texto extraído de *A Tribuna* de 09/06/07, como a ordem dos sintagmas é estabelecida pelo contexto pragmático:

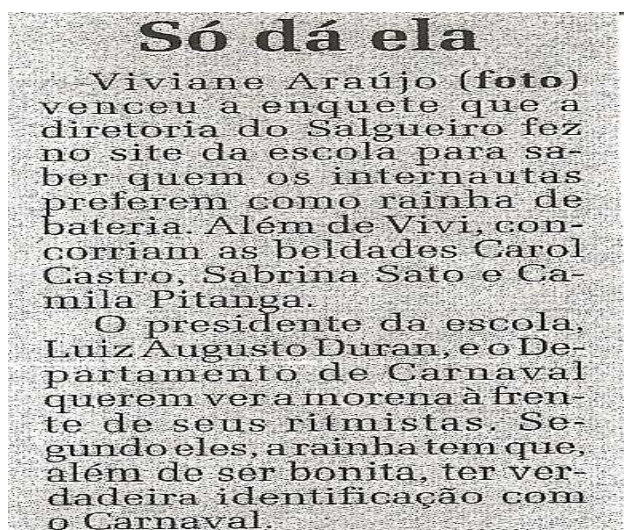


Figura 19. Só dá ela – A Tribuna – Vitória (ES), 09/06/2007

No exemplo acima – *Só dá ela*, a ordem VS é responsável para garantir a clareza e a coerência do discurso, dada a multiplicidade de sentidos que se pode atribuir ao verbo *dar*, incluindo-se aqui as conotações alusivas ao ato sexual: *Só dá ela versus Ela só dá*, por exemplo, mostra que a anteposição do SN *ela* seria comprometedora, sugeriria interpretações jocosas, nesta situação.

Pontes (1987, p. 105) adverte que o sujeito posposto com verbos transitivos, e portanto não-monoargumentais, é possível desde que o ambiente discursivo garanta a “interpretação correta”. Para tal explicação, utiliza como exemplo “Devorou o menino o leão”, a fim de mostrar falta de clareza numa sentença estruturada dessa forma.

Gostaríamos de assinalar que, mesmo com verbos monoargumentais, como a forma *dar*, no contexto anterior, a posposição pode ser uma estratégia de garantia da coerência do discurso, de forma que interpretações alheias à intenção comunicativa não se instalem e nem comprometam a legibilidade do texto.

Por ser um verbo monoargumental mais legítimo em *Só dá ela* – e nesta sentença *dar* expressa sentido de *aparecer*, por exemplo (Só aparece ela) – a ordem SV se cumpre. Logo, o verbo monoargumental tem essa característica como resultado da semântica e da pragmática, o que confirma que qualquer análise funcionalista não pode ser empreendida desprezando-se uma dessas instâncias da linguagem.

A identidade morfossintática do sujeito posposto com o objeto em português tem sido cada vez mais evidenciada. E essa identidade de forma e função sintática pode se estender à função discursiva, o que já revelamos anteriormente, com base em Givón (1979, p. 52) e Pontes (1986).

O sujeito, nesse ambiente de posição pós-verbal, costuma não acarretar nem mesmo a concordância, um fator que é utilizado por alguns estudiosos para a identificação dessa função sintática, como Câmara Jr. (1980, p. 176), Perini (1996, p. 77), Bechara (1999, p. 409-410), Vilela e Koch (2001, p. 367).

Essa *indiferença* quanto à concordância é bastante freqüente na fala, tanto em contextos mais informais quanto formais, mas tem se manifestado em registros mais monitorados também na escrita, conforme se pode verificar no texto, extraído de *A Tribuna* do dia 14/05/07:

Diminui evangélicos na Câmara e no Senado

Estudo aponta ainda que cresceu o número de empresários e ruralistas

BRASÍLIA -- O número de parlamentares empresários e ruralistas é maior no Congresso do que o total eleito para o mandato passado. Em contrapartida, o número de parlamentares sindicalistas e evangélicos diminuiu.

Essa é uma das conclusões de estudo realizado pelo Departamento Inter-sindical de Assessoria Parlamentar (Diap) e do site Congresso em Foco com os 618 parlamentares, deputados e senadores, entre titulares e suplentes, que exerceram mandato de fevereiro a abril de 2007.

O trabalho foi publicado no livro "O que esperar do novo Congresso - Perfil e agenda da legislatura 2007/2011".

O estudo mostra que depois do escândalo dos sanguessugas a bancada evangélica, que teve muitos deputados acusados de envolvimento no esquema irregular de vendas de ambulâncias, diminuiu.

Na Câmara, de 532 deputados que exerceram o mandato nos três primeiros meses da atual legislatura, 41 são evangélicos - em 2006 a bancada chegou a 60. No Senado, há dois parlamentares evangélicos.

Outra bancada que perdeu integrantes foi a sindicalista. Houve uma pequena perda de espaço, segundo o estudo. No mandato passado, havia 74 sindicalistas no Legislativo. No Congresso atual, há 63 sindicalistas dos 618 parlamentares pesquisados. São



Voteira na Câmara: bancada evangélica caiu de 60 para 41

57 na Câmara e 6 no Senado.

Constituída por empresários rurais, pecuaristas e agricultores e também por políticos que defendem as reivindicações desse setor, a bancada ruralista passou para 120 integrantes nesse mandato.

São nove parlamentares a mais do que na legislatura anterior. Dos 618 parlamentares pesquisados, 20% dos deputados e 15% dos senadores integram a bancada ruralista.

Essa bancada é uma das mais fortes por causa da grande capacidade de conseguir aprovar propostas de seu interesse, principalmente quando se trata de benefícios de financiamento público ou de renegociações de dívidas.

O estudo afirma que desde a Legislatura concluída em 1995, o Congresso não tinha uma bancada de empresários tão expressiva. São 219 entre os 618 parlamentares pesquisados.

São 190 deputados dos 532 que exerceram mandato de fevereiro a abril desse ano e 29 senadores dos 86 entre titulares e suplentes que exerceram mandato no mesmo período. A bancada dos apresentadores de rádio e TV e de artistas tem 38 integrantes.

O livro mostra ainda que a bancada das mulheres reúne 56 parlamentares - 45 na Câmara e 11 no Senado.

Figura 20. Evangélicos – A Tribuna – Vitória (ES), 14/05/2007

Não parece inconsistente afirmar que, no discurso acima, não ocorre *sujeito prototípico* na sentença-manchete do texto, sobretudo se se considerar a perspectiva adotada por Keenan (1976), citado por Pontes (1986, p. 161). Keenan (1976) tentou definir *universalmente* o sujeito, mesmo sabendo que as línguas apresentam mecanismos diferentes para a identificação dessa categoria sintática.

A partir da tentativa desse autor, levantaram-se os aspectos *sintático*, *semântico* e *pragmático*, segundo os quais o *sujeito*:

- sintaticamente*, é um controlador da CV (concordância verbal);
- semanticamente*, é um agente;
- pragmaticamente*, é tópico da sentença e, portanto, encabeça-a.

Se nos apoiarmos nessa perspectiva, é necessário admitir que não ocorre sujeito na manchete do texto acima: nem sintaticamente; nem semanticamente; nem pragmaticamente, já que todos esses traços estão ausentes. Ou seja:

- a) *sintaticamente*, embora se possa pensar numa relação “siléptica” entre a forma verbal e o SN [evangélicos] que se lhe pospõe, a concordância não se efetiva, *a priori*, como resultado de vínculo entre forma e função;
- b) *semanticamente*, o SN [evangélicos] não tem caráter [+agentivo];
- c) *pragmaticamente*, não há tópico na sentença, a não ser que se considere o verbo como tal.

Há autores que admitem que, em sentenças cuja organização sintagmática configure ordem VS, não se tem sujeito prototípico: o SN posposto “não é tópico (o sujeito o é), introduz informação nova (o sujeito costuma ser dado), é inanimado, não desencadeia a concordância (...), o que é característica de objeto” (Pontes, 1986, p. 53).

Entendemos, ainda, que a manchete em análise caracteriza-se por expressar um juízo tético e, portanto, o verbo *diminuir* se inscreve num ambiente que indicia caráter existencial, como se se pudesse parafrasear a sentença-manchete acima em outras como “Há poucos evangélicos na Câmara e no Senado”, “Existem poucos evangélicos na Câmara e no Senado”.

Essa possibilidade de paráfrase utilizada no parágrafo anterior, sobretudo com o verbo *haver*, alia-se à hipótese de o verbo anteposto ao sujeito ser interpretado como *impessoal* (grifo nosso), conforme argumenta Bagno (2007, p. 109).

Quanto aos parâmetros que estabelecemos no início desta seção, teríamos o seguinte:

- 1) Não admitimos que o verbo *diminuir*, neste contexto, seja monoargumental, pois os SPreps coordenados [na Câmara] e [no Senado] também constituem argumentos desse verbo, de tal forma que a supressão desses sintagmas/adjuntos adverbiais não é possível (e quando é, numa perspectiva discursiva?), nesse ambiente: “*Diminui evangélicos*” constituiria uma sentença agramatical, sobretudo se se considerar os objetivos do texto em que ela está inscrita;
- 2) O SN posposto, neste caso, parece apresentar caráter [-previsível], constituindo esse termo, portanto, uma informação nova, o que lhe atribui mais traço de objeto do que de sujeito; o que lhe confere, sobretudo, valor apresentativo;

- 3) [evangélicos] não é um SN [+pesado], já que apenas esse item lexical constitui o sintagma;
- 4) O SN [evangélicos] exibe caráter [-agentivo].

Não estabelecemos o critério de concordância, no início deste capítulo, como um dos norteadores de nossa análise. Todavia, é oportuno levantá-lo aqui. Aparentemente, o SN *evangélicos* parece apresentar [+animacidade], mas julgamos que tal traço não ocorre; esse item lexical estabelece uma relação metonímica com os parlamentares contidos neste “rótulo” (evangélicos), e isso parece atenuar o grau de animacidade do SN.

Reiterando nossas considerações, julgamos que a forma verbal *diminui*, no ambiente focalizado:

- 1) é [-monoargumental];
- 2) é acompanhada de um SN com baixa previsibilidade que carrega, portanto, informação nova – provavelmente em virtude disso essa sentença não se inscreva num arcabouço de *tópico versus comentário*;
- 3) é acompanhada de um SN [-pesado], que nem por isso figurou antes do verbo, já que, segundo vimos, é o SN [+pesado] que costuma ocupar posição pós-verbal;
- 4) combina-se com um SN [-agentivo/-volitivo]

A necessidade de relativizar o fato de ser o sujeito posposto uma informação nova reside em que, em algumas sentenças jornalísticas, conforme vimos falando, esses traços não parecem cumprir-se regularmente. Observem-se, para maior confirmação disso, os dois textos abaixo, cujas manchetes VS e SV, respectivamente, se dão com o mesmo verbo:

Morre operário ferido com a queda de laje

Com traumatismo craniano e hemorragia interna, Iveraldo Cardoso não resistiu aos ferimentos e morreu terça-feira

O operário Iveraldo Cardoso, 43 anos, morreu na noite da última terça-feira após ter se ferido durante a queda de uma laje pré-moldada, quando trabalhava à tarde na obra de construção da nova loja do supermercado Carone, em Itapós, Vila Velha. Depois do acidente, ele foi socorrido e levado para o Hospital Antônio Bezerra de Farias, em Vila Velha, mas não resistiu aos ferimentos. Iveraldo morreu à meia-noite de terça-feira. Segundo familiares, o operário chegou ao hospital com traumatismo craniano, hemorragia interna e com a bacia quebrada. A cunhada

d dele, Jéliciane Portela, contou que, apesar do acidente ter ocorrido às 18 horas, somente às 19 horas os parentes foram informados. “Trinômio nos disseram que ele estava com pernas e braços quebrados. Depois, ficamos sabendo do real estado de saúde dele. Ficamos até desmaiados no hospital. Mas Iveraldo não resistiu”, disse a cunhada. O enterro será hoje no cemitério São João Batista, em Cariacica, às 9 horas. Durante o velório, ontem à noite, na casa do operário, no bairro Antônio Ferreira Borges, em Cariacica, amigos e parentes se reuniram para prestar

uma homenagem a Iveraldo. A sobrinha dele, Valquíria Silva, desmaiou ao ver o corpo do tio no caixão. A Defesa Civil de Vila Velha mantém a obra interditada. A empresa responsável terá de apresentar um laudo atestando a estabilidade das lajes utilizadas para dar continuidade à obra. O diretor da rede de supermercados Carone, William Carone Júnior disse que o proprietário da empresa de engenharia que está executando a obra esteve no local ontem para avaliar a causa do acidente. A Secretária de Estado de Saúde (Sesa) informou que o outro operário ferido no acidente, Delair Silva de Almeida, fraturou o joelho, foi medicado e já teve alta.

Figura 21. Morre operário – A Tribuna – Vitória (ES), 14/06/2007

Empresária morre na BR-101

Maria Severgnine, 55 anos,
bateu seu EcoSport numa
carreta ao cruzar a rodovia,
no trevo de Guarapari

A empresária Maria das Neves Mozer Severgnine, 55 anos, do ramo de móveis e utilidades, morreu em um acidente amanhã de ontem na BR-101, no trevo de acesso a Guarapari. Ela seguia do centro de Guarapari, onde morava e administrava duas lojas – a Armazém Grande Rio e a Baldo Mágico – e seguia para a fazenda da família na localidade de Rio Grande, no bairro.

O acidente aconteceu às 7h30, quando Maria das Neves entrava no trevo para pegar a BR-101. Ela estava sozinha no EcoSport prata, placa MPX-2791, e logo que cruzou a rodovia foi atingida pela carreta Scania placa MRA-1384, que seguia de São Paulo para Vitória, carregada com angela sendo conduzida por Marco Antônio Vasconcelos Simões, 44.

O caminhonete parou e se apresentou aos policiais rodoviários federais que atendiam o acidente, mas durante os trabalhos de pericia se afastou da pista porque estava muito abalado e temia sofrer represálias dos familiares da empresária, que estiveram no local do acidente. Pais e amigos de Maria das

Neves ficaram chocados com a tragédia e disseram que ela costumava fazer esse caminho, passando pelo trevo praticamente duas vezes ao dia.

Motoristas que passaram pelo local no momento da colisão não souberam informar quem causou o acidente. A Polícia Rodoviária Federal (PRF) vai apurar se a empresária cruzou a pista em momento impróprio e não percebeu que a carreta se aproximava.

A carreta atingiu o meio do EcoSport, do lado do motorista, e parou em cima do canteiro lateral do trevo de Guarapari, no quilômetro 332,6 da BR-101. O Corpo de Bombeiros foi chamado para socorrer a empresária.

Uma equipe de resgate de Guarapari esteve no local, mas assim que chegou já encontrou Maria das Neves morta. Os peritos da Polícia Civil acreditam que ela morreu na hora do impacto.

O corpo foi transportado para o Departamento Médico Legal (DML) em Vitória, e liberado por um dos filhos dela, o comerciante Nilo Carlos Severgnine, 31. O enterro será às 10 horas de hoje no cemitério de Rio Grande, em Guarapari.

Figura 22. Empresária morre – A Tribuna – Vitória (ES), 14/06/2007

Embora ambos os fatos tenham sido noticiados no mesmo dia, conforme se pode verificar nas datas, entendemos que o primeiro texto apresenta uma manchete cujo conteúdo traz pressuposições que indiciam uma informação [-nova]. Ou seja, o fato de o operário ter morrido há aproximadamente dois dias depois de veiculada a notícia, tendo sido esta já comentada, diminui o caráter de novidade do SN posposto.

Logo, em relação ao texto *Morre operário ferido com a queda de laje* (A Tribuna – 14/06/2007), teríamos a seguinte configuração:

- 1) o verbo morrer é [+monoargumental];
- 2) o SN [operário] apresenta [-novidade], contrariando o que normalmente se costuma verificar em VS, nesse aspecto;
- 3) SN [+pesado], já que além do SN há mais material lingüístico seguindo o verbo na sentença;
- 4) O SN [operário] expressa [+animacidade], porém [-agentividade].

Na sentença-manchete referente à morte da empresária, a ordem escolhida foi a SV, porém, nesta parece ocorrer muito mais novidade no SN do que na do texto anterior. Esse fato nos leva a questionar até que ponto as explicações de Givón (1977), apresentadas por Pontes (1987) realmente se cumprem, quando se postula que a ordem VS ocorre em ambientes em que o sujeito é a informação nova.

Ora, entendemos que no primeiro texto acima, referente à morte do operário, a informação veiculada pelo SN é [-nova], conforme já se ressaltou, enquanto no segundo texto, referente à morte da empresária, esse mesmo aspecto não parece efetivar-se.

A posposição no primeiro texto parece justificar-se mais pela densidade do SN, sobretudo se se considerar a possibilidade de se utilizar, em lugar do item lexical *ferido*, uma oração atributiva: “*Morre operário que foi ferido/que se feriu com a queda de laje*”, o que tornaria o SN pós-verbal [+pesado].

Ainda, essa possibilidade de comutar o adjetivo *ferido* por uma oração da mesma natureza é uma estratégia que garante a posposição em situações em que se informam *exaustivamente* os fatos, conforme já expusemos anteriormente, ao abordarmos conclusões de Pilati (2006).

Quanto à questão do grau de animacidade do SN pós-verbal, temos em ambas as sentenças – VS e SV – caráter [+animado] para os dois núcleos dos sintagmas: *operário* e *empresária*; mas teríamos o traço [-agentivo] em ambas as situações, o que reforça a necessidade de analisar a ordem VS, sobretudo se esta se opuser a SV, dentro de um quadro menos rígido.

Ou seja, afirmações axiomáticas quanto à natureza argumental do verbo, ao grau de animacidade do sujeito, à densidade do SN, por exemplo, podem nos conduzir a conclusões precipitadas, se prescindirmos do aspecto pragmático, fundamental para determinar o semântico, que por sua vez pode nos conduzir ao sintático.

No texto abaixo, em que se discute a queda da produção da indústria capixaba, percebemos que a ordem VS exhibe caráter mais apresentativo e, portanto, a notícia é veiculada com mais novidade, de tal forma que o SN pós-verbal introduz uma informação [-previsível], portanto [+nova], conforme se costuma caracterizar na ordem VS.

Cai produção da indústria no Estado

A queda foi de 3%, uma das maiores do País. No entanto, na comparação com 2006, foi registrado aumento

Pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mostra que na passagem de março para abril a produção industrial recuou em 10 de 14 regiões brasileiras. Os decréscimos mais expressivos ocorreram em Goiás e no Espírito Santo, onde foi registrada queda de 3% na atividade industrial.

Todas as quedas superaram a média nacional (-0,1%), na comparação que toma como base a série com ajuste sazonal.

A queda na indústria capixaba (-3,0%) ocorreu após a produção manter-se estável (0,0%) em março. Na comparação com iguais períodos do ano passado, os índices foram positivos: 2,1% frente a abril de 2006 e 5,3% no acumulado no ano.

O indicador acumulado nos últimos 12 meses (8,7%) repetiu o resultado de março.

A indústria goiana recuou 4,0% em relação a março após crescer 3,2% no mês anterior. Na comparação com abril de 2006, a produção recuou 3,1%, primeira queda desde setembro de 2006 (-1,4%).

Com isso, o acumulado no primeiro quadrimestre (4,0%) reduziu o ritmo de crescimento fren-

te ao primeiro trimestre (6,5%).

No confronto entre abril e o mesmo mês do ano passado, a indústria de Goiás assinalou queda de 3,1%, comportamento explicado, segundo o IBGE, pelo recuo da indústria de transformação (-4,6%), uma vez que a indústria extrativa cresceu 14,8%.

Na indústria de transformação, as principais contribuições negativas vieram de produtos químicos (-29,2%) e de alimentos e bebidas (-4,1%).

Por outro lado, entre as áreas que ampliaram a produção, na comparação com ajuste sazonal, os Estados do Rio Grande do Sul (2,9%) e Rio de Janeiro (0,8%) alcançaram as taxas mais expressivas, enquanto Santa Catarina e São Paulo (ambas com 0,1%) praticamente repetiram o patamar de produção do mês anterior.

Na comparação entre abril e o mesmo mês do ano passado, o resultado se inverteu e houve expansão em dez dos quatorze locais pesquisados. A média nacional nessa base de comparação ficou em 6,0%.

Entre as áreas com taxas positivas, destacam-se o Rio Grande do Sul (16,1%) e o Paraná (13,2%) com avanços de dois dígitos.

Figura 23. Indústria no Estado – A Tribuna – Vitória (ES), 12/06/2007

Nesta sentença – *Cai produção da indústria no Estado* - a informação mais importante parece residir em *cair*. Verifique-se que, nessa perspectiva, a “tematização” de *cair* parece reiterar-se no pequeno texto que precede a matéria jornalística propriamente dita, pois o SN *queda* retoma o “evento”: “*A queda foi de 3%, uma das maiores do país...*” Logo, faz sentido afirmar que, em VS, a topicalização pode residir também no verbo, fato que rechaçaria a hipótese de que em VS não há estrutura de tópico.

Um princípio básico do Funcionalismo é que informações privilegiadas encabeçam as sentenças por serem sobretudo mais urgentes. Aliás, quando trata do princípio da ordenação linear, Givón (1990, 1993), citado por Abraçado (2003, p. 26-27), propõe que a informação mais importante costuma, por natureza, ser colocada em primeiro lugar na cadeia sintagmática.

Assim, é dessa forma que um termo, no início de uma sentença, tende a ser informação tópica. Logo, se uma sentença é introduzida por um verbo, em torno do qual os argumentos se organizam, não é incoerente pensar que, neste caso, ele pode funcionar como *tópico*, ainda que essa análise não seja consensual em pesquisas de área.

No início deste capítulo, arrolamos uma série de manchetes que apresentam o verbo *sair* no início das sentenças. Parece que, nestes casos, sobretudo com o verbo *sair* em

contextos em que o SN subsequente exibe traços [-animados], [-volitivos], por exemplo, o que se impõe, cognitivamente, é a *idéia* de *sair*, para em seguida entrar em cena o “objeto” (aqui entendido não necessariamente como função, mas como “objeto de discurso”).

Tentar justificar a ordem VS circunscrevendo-a apenas ao caráter monoargumental das formas verbais – e esse aspecto é consenso em estudos de linhas teóricas diversas (Bittencourt, 1979; Lira, 1982; Kato, 1984; Pontes, 1986, 1987; Naro e Votre, 1991; Coelho, 2000; Pilati, 2006) – pode não ser uma boa solução, pois, embora seja hegemônico, esse fato deve aliar-se a outros de natureza pragmático-discursiva.

Encontra-se “o mesmo verbo” ora inscrito em VS ora inscrito em SV. Ao fator monoargumentalidade, que é de natureza sintática, devem juntar-se outros de natureza discursivo-pragmática, do contrário, fica inviável justificar VS e SV nos dois textos abaixo – *Morre o ator que passou mal no palco* e *Deputado Enéas morre aos 68 anos* - cujas manchetes apresentam o mesmo verbo *morrer*, costumeiramente identificado como intransitivo:

Morre o ator que passou mal no palco

Alvim Barbosa, que atuou com grandes nomes do teatro nacional, sofreu 4 paradas cardíacas



Alvim Barbosa foi diretor do Teatro Carlos Gomes

Morreu o ator Alvim Barbosa, 72 anos, após sofrer quatro paradas cardíacas seguidas. Ele estava internado no Centro Integrado de Atenção à Saúde (Cias) da Unimed, em Itararé, Vitória, há seis dias. No sábado passado (dia 26), Alvim passou mal quando estava no palco do Teatro Municipal de Vila Velha atuando na peça “Morto por 30 dias”. Ele sofreu uma trombose, em consequência de um problema na artéria. O sobrinho dele, Vinícius Barbosa, 44 anos, explicou que o ator morreu por volta das 22 horas da última sexta-feira. “De manhã, inclusive, os médicos tinham falado que ele poderia sair da Unidade de Terapia Inten-

siva (UTI) para o quarto, pois estava lúcido e bem melhor”, comentou. Enquanto esteve internado, Alvim fez amizade com a equipe médica do Cias e chegou a dizer para a família que faria uma apresentação exclusiva para os profissionais de lá. Dizia a todos que precisava se recuperar até sexta-feira, quando teria que participar do espetáculo. “Ele morreu na mesma hora em que deveria estar no palco. A gente costuma ser egoísta, dizendo que perdeu um amigo. No entanto, perdemos um grande homem do teatro capixaba e brasileiro. Na verdade, foi a arte que perdeu um resistente e batalhador”, disse Alvarito Mendes Filho, secretário de Cultura de Vila Velha e colega de Alvim no espetáculo “Morto por 30 dias”. Alvim trabalhou no teatro brasileiro durante muitos anos e atuou com Procópio Ferreira, Fernanda Montenegro, Regina Duarte entre outros. Também foi produtor musical de Wanderléia, diretor do Teatro Carlos Gomes o escritor.

O corpo foi velado e sepultado no Cemitério Parque Jardim da Paz, na Serra, às 16 horas de ontem.

Deputado Enéas morre aos 68 anos

O homem que cunhou o bordão “Meu nome é Enéas” estava fazendo tratamento para combater a leucemia

RIO - Enéas Carneiro (PR-SP), 68, o deputado federal mais votado em números absolutos na história do País (1,57 milhão de votos em 2002) morreu ontem às 14 horas, no Rio, de falência múltipla dos órgãos decorrente de uma leucemia (câncer na medula óssea ou “câncer no sangue”).

Enéas estava sendo submetido a sessões de quimioterapia e vinha de uma série de internações para combater a leucemia. Morreu à tarde, na casa da família, na capital fluminense.

Castro disse que falou com ele pela última vez há cerca de 20 dias, quando ele ainda tinha a voz “fina, impostada”. Há um ano e um mês, ele causou surpresa na Câmara ao aparecer sem a peculiar barba negra, após três semanas fora da Casa em licença para tratamento médico.

“Tenho direito de não ter barba, não tenho? Sou a mesma pessoa”, respondeu aos que lhe questionavam sobre o assunto, ao seu estilo direto e, por vezes, abrupto.

O político ostentava a barba longa e olhos de aros escuros, grandes e quadrados desde 1989, quando concorreu pela primeira vez à Presidência como candidato do partido que criou, o Prouza (Partido da Reafirmação da Ordem Nacional).

Sua figura, seu bordão (“Meu nome é Enéas!”), a voz alta e a forma rápida de falar para conseguir concluir suas mensagens em tempo exíguo na TV o tornaram ao mesmo tempo popular e folclórico.

Simpatizante do PCB na juventude, dizia ter se afastado do marxismo depois que Jacques Monod, Prêmio Nobel de Medicina em 1965, “provou que o funcionamento das moléculas de RNA e DNA não era previsto pelo materialismo dialético”.

Ficou conhecido por suas posições ultranacionalistas: “A bomba atômica é fundamental. Não para jogar em ninguém, mas para sermos respeitados”.

Após três tentativas frustradas de se eleger presidente, em 2002 teve votação recorde para a Câmara, elegendo sozinho outros cinco deputados. Só um ficou no partido que presidia. Na Câmara, teve situação espagada: só apresentou dois projetos.

Foi reeleito com votação bem mais modesta, ano passado, com 386.905 votos.

Figura 24. Ator – A Tribuna – Vitória (ES), 03/06/2007

Figura 25. Enéas – A Tribuna – Vitória (ES), 07/05/2007

A necessidade de relativizarem-se as categorias *tópico/comentário*, *tema/rema*, *dado/novo*, por exemplo, no texto referente à morte do ator reside no seguinte: o SN *o ator (que passou mal no palco)* não é informação necessariamente nova, uma vez que notícias a

respeito do estado de saúde desse ator já vinham sendo veiculadas pela mídia dias antes de ocorrido o fato.

Além disso, instrumentos lingüísticos como o próprio uso do artigo definido e da oração adjetiva sinalizam que a informação transmitida pela construção nominal “*o ator que passou mal no palco*” já era do conhecimento dos interlocutores. Logo, a morte aqui não se apresenta como algo surpreendente, mas como um evento cujo desfecho já era, de certa forma, previsível ou esperado.

Na manchete *Morre o ator que passou mal no palco*, também parecem anular-se as explicações quanto à natureza [-previsível] dos SNs pós-verbais. Ou seja, o grau de previsibilidade desses SNs nessa posição se instala num *continuum*, pois ora um SN pós-verbal é de natureza [-previsível], ora é de natureza [+previsível]; ora é [+animado], ora é [-animado].

Logo, em relação à manchete referente à morte do ator, para nós configura-se o seguinte:

- 1) o verbo *morrer* é [+monoargumental];
- 2) o SN *o ator* é [+previsível];
- 3) o SN pós-verbal é [+pesado];
- 4) o SN pós-verbal é [+animado], mas [-agentivo].

Quanto ao texto referente à morte do deputado, verifique-se que a manchete, embora se construa em torno do verbo *morrer*, apresenta a ordem SV. Provavelmente porque o *Deputado Enéas*, por ter sido candidato à presidência da república – inclusive mais de uma vez – constitui informação [+conhecida].

Parece que estamos diante de duas situações em que os SNs, sendo eles pré-verbais ou não, veiculam informações [+dadas]. Reiteramos, então, que essa irregularidade quanto aos traços que caracterizam os SNs pós-verbais ora como [+dado] ora como [-dado] sinaliza a improcedência de se analisar a ordem VS (ou SV) sem que estejam aliadas as instâncias *sintática, semântica e pragmática*.

Analisem-se, agora, as duas manchetes abaixo, em que nos deteremos no verbo *faltar*. Na primeira, extraída de *A Gazeta* do dia 16/06/2007, encontra-se esse verbo num ambiente em que se costuma ver licenciada a ordem VS, já que *faltar*, quando *intransitivo*, favorece posposição de sujeito:

PROCURA É GRANDE A KIMPER ENGENHARIA, POR EXEMPLO, NEGOCIOU TODOS OS 80 APARTAMENTOS QUE COLOCOU À VENDA, APÓS CINCO HORAS DE ATENDIMENTO AO PÚBLICO

Casais lotam feirão para comprar apartamentos de dois quartos

Evento da Caixa recebeu mais de mil pessoas em seu primeiro dia de abertura

LÚCIA GARCIA
lgarcia@redgazeta.com.br

Casador há quatro anos e vindo de aluguel na Ilha de Santa Maria, em Vitória, Cleison da Silva Granjo e Fabiana Grande foram, ontem, ao Feirão da Casa Própria, em Vila Velha. Eles têm o perfil da maior parte dos consumidores que marcou presença no primeiro dia de evento: casal à procura de imóveis de dois quartos, o tipo de empreendimento mais procurado até ontem. Tanto que a Kimper Engen-

nharia negociou todos os 80 apartamentos que colocou à venda, após cinco horas de atendimento ao público. Cleison e Fabiana, por exemplo, têm interesse em um apartamento em Coqueiral de Itaparicá. Já vimos os preços dos imóveis oferecidos no feirão e eles estão bem acessíveis a nossa realidade financeira. Ficaremos com o que for melhor para nós, assinou Cleison.

O 3º Feirão da Casa Própria aconteceu no Shopping Praia da Costa e recebeu, ontem,

cerca de mil pessoas. A maioria – principalmente recém-casados – foi à procura de apartamentos de dois quartos na planta. Mas no local também há oferta de imóveis novos e usados. São 1,6 mil, no total, com preços variando de R\$ 2,5 mil a R\$ 800 mil, espalhados por Vila Velha, Cariacica e em vários municípios do Sul do Estado.

PROCURA. Segundo, o superintendente regional da Caixa Econômica Federal (Caixa), Francisco Milfont, o feirão, mais uma vez, está superando as expectativas. "Desde que abrimos, as cadeiras não ficaram vazias. Na primeira hora, atendemos mais de 100 pessoas. Esperamos que até as 22

horas (de ontem), mil pessoas passem por aqui", frisou.

O sucesso é tão grande, acrescentou, que, às 15h30, empresas como Inocopies, Kimper Engenharia e Espaço Engenharia já tinham lista de espera. Os empreendimentos vendidos por elas, disse, variam de R\$ 80 mil a R\$ 120 mil.

Na Kimper, por exemplo, o consultor imobiliário Oscar Mascarenhas estava rindo à toa. Também puderam todos os 80 apartamentos serem comercializados no primeiro dia do feirão. Vale destacar que essa é a primeira vez que a empresa participa do evento.

O empreendimento deles é o Edifício Ilhas Marshall Residence, que ficará a duas quadras da praia. São apartamen-

tos de dois quartos com ou sem suíte de 57 e 61 metros quadrados de área privativa, com preços variando entre R\$ 80 mil e R\$ 141 mil.

"O nosso produto é bom. Esperávamos vendê-lo, mas não no primeiro dia. Superou nossas expectativas. Mas está óti-

mo", comemorou. Ele salientou que a empresa continua no feirão e que, em breve, lançará outro empreendimento.

Na Kimper, a maioria dos consumidores (80%) comprou apartamento para investir e o restante (recém-casados e solteiros) para morar.

O NÚMERO

R\$ 2,130 bilhões

É o volume de operações feitas pela Caixa Econômica Federal entre janeiro e maio deste ano, em crédito imobiliário com recursos da caderneta de poupança.

Opções não faltam



ESQUERDA. O casal Cleison da Silva Granjo e Fabiana Grande sabe que, em Vitória, haverá outro Feirão da Casa Própria, na semana que vem, mas eles não quiseram esperar e foram à Vila Velha. "Nossa preferência é por casa de dois quartos, mas se vier um apartamento legal, a gente compra também", destacou Cleison. O casal estava de olho em um apartamento em Coqueiral de Itaparicá, Vila Velha. "Temos dinheiro para entrada de um dos dois imóveis e, provavelmente, vamos fechar negócio logo", concluiu Fabiana.

Vale a pena esperar



DE FORA. Vinda do Rio de Janeiro e morando na Ilha dos Bentos, em Vila Velha, há duas semanas, a operadora de caixa Cristiana Pizzarotti foi ao Feirão da Casa Própria para tentar comprar uma das casas oferecidas pela Caixa Econômica Federal. "Estou aproveitando o feirão para tentar sair do aluguel. Me interessei por uma casa na Barra do Jucu e outra em Coqueiral de Itaparicá", relatou. O preço dos dois imóveis, disse, está bom. "Agora preciso saber as condições de pagamento. Estou esperando atendimento há meia-hora, mas acho que a espera vai valer a pena", frisou. FOTO: RAFA VICTOR

Figura 26. Casais – A Gazeta – Vitória (ES), 16/06/2007

Na sentença *Opções não faltam*, entendemos que o sujeito precedeu o verbo porque esta parte da matéria jornalística vinha depois de uma outra da mesma matéria em que se falava sobre o Feirão da Casa Própria, promovido em Vila Velha no dia anterior, 15/06/2007.

Logo, por ser uma notícia já em curso, o SN *opções* antes do verbo *faltar* é, no contexto, uma informação [+dada], pois esse item lexical estabelece relação com as informações anteriores, sinalizando aqui uma estrutura decorrente da própria organização discursiva em que está inscrita a sentença.

Como justificar, porém, a ordem VS com o verbo *faltar*, no contexto abaixo, em que percebemos uma organização discursiva semelhante à do texto sobre o Feirão da Casa Própria?

PROFISSIONAIS A AGÊNCIA DO SISTEMA NACIONAL DO EMPREGO (SINE) DO MUNICÍPIO REGISTROU RECORDE DE ENCAMINHAMENTOS A VAGAS DE TRABALHO NO ÚLTIMO MÊS

Colocações no mercado de trabalho sobem 47% em Linhares

Maior parte dos trabalhadores vem de fora da cidade e são de outros estados

ZENILTON CUSTÓDIO
linhares@o100gazeta.com.br

LINHARES. A Agência do Sistema Nacional do Emprego (Sine) do Município registrou um aumento de 47% do número de trabalhadores que foram empregados este mês em empresas do município, comparando com o mesmo período de 2006. Entretanto, cerca de 70% dos candidatos são de outras regiões do Espírito Santo e até de outros Estados.

O crescimento da oferta de postos de trabalho é atribuído ao incremento das atividades de extração de petróleo e gás em Linhares, sobretudo ao início das obras de construção da terceira etapa da Unidade de Tratamento de Gás de Cacimba (UTGA).

Os dados se referem aos empregos gerados no período compreendido entre janeiro e maio, quando um total de 1.631 trabalhadores foram empregados por intermédio do Sine. O selo representa 28% do total de candidatos (5.798) que se inscreveram na região neste ano.

Em maio, o Sine bateu um recorde histórico ao encaminhar 537 trabalhadores a empresas do município. O assessor técnico, Nelson Couto, revela, entretanto, um dado preocupante: 80% dos candidatos inscritos não residem em Linhares.

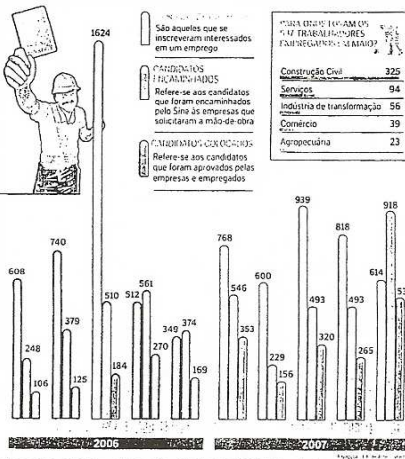
A preocupação se justifica devido ao fato de que quase totalidade dos trabalhadores foram absorvidos por empresas empregadoras da Petrobras. Neste caso, destaca Nelson Couto, na maioria das vezes os encaminhados são dispensados após a conclusão das obras.

De acordo com ele, além de escassez, a mão-de-obra local não é qualificada. Ele cita, por exemplo, que profissionais como pedreiro, carpinteiro, técnico em refrigeração, eletricista, pai-deiro, mecânico de veículo, operador de máquinas, que estão entre os mais requisitados, praticamente não são mais encontrados em Linhares, sendo que a maioria é procedente de outras regiões.

A previsão é de que o aquecimento do mercado de trabalho em Linhares continue. Além da construção civil, que é o setor que mais tem gerado empregos nos últimos dois anos, a tendência é de que seja registrado um incremento também no comércio, já que várias lojas de grande porte estão se instalando no município.

Mercado de trabalho

Candidatos inscritos, encaminhados e colocados no mercado de trabalho pelo sine



DEPOIMENTOS



“Vou acabar morando aqui”
SEBASTIÃO ONÉSIO ROSA
Mestre de obras

Eu vim aqui (em Linhares) para construir a casa de meu filho e não estou conseguindo mais sair. Já passei por três obras. Lá em Bacia Espirito-santense não tem tanto emprego assim. Aqui está faltando mão-de-obra qualificada. Desse jeito vou acabar até morando aqui.



“Tranquilidade em relação ao futuro”
GILLIARD CARLOS BROCO
Ajudante de pedreiro

Estou trabalhando como ajudante há 12 anos. Lá em São Mateus tem até trabalho, mas não como aqui. Estou em minha segunda obra e, com certeza, em Linhares não me faltará serviço. Isso é muito bom porque a gente fica mais tranquilo para o dia de amanhã.

Falta mão-de-obra qualificada na região

LINHARES. O mesmo problema de escassez de mão-de-obra observado em Linhares é enfrentado em Aracruz, conforme destaca o coordenador de parcerias externas do Sine local, Juscelino José dos Santos. O setor da construção civil é o mais crítico, segundo ele.

Segundo Juscelino está sendo necessário contratar profissionais como pedreiro, carpinteiro, soldador, entre outros, nos estados da Bahia e Minas Gerais. De acordo com ele, o setor metalmeccânico é o que absorve mais mão-de-obra, na maioria das vezes destinada às atividades da empresa Aracruz Celulose.

O problema também é sentido pelo setor hoteleiro do litoral. O presidente da Associação das Empresas de Turismo de Aracruz (AETA), Mário Camillo de Oliveira, disse que pousadas e hotéis da região estão enfrentando graves dificuldades para suprir a demanda de profissionais.

O representante do Sine afirma que, no início do ano foi promovido um curso de capacitação com 20 trabalhadores. Entretanto, destaca, esse tipo de mão-de-obra acaba sendo absorvido por outros setores, como o metalmeccânico, atraída por melhores condições salariais.

OFERTA DE VAGAS NO SINE (ATÉ A ÚLTIMA 6ª-FEIRA)			
LINHARES	Cargos	Vagas	
Aracruz	Supervisor de Indumentário	1	
Capitaim	Operador de Estabilidade	1	
Roberto Hídrico	Mateus Cavaleiro	8	
Montador Industrial	Telheiro 3871-1559	1	
Trabalho em Refrigeração	ABACRUZ	5	
Operador de Máquina (para lavadora)	Cargos	1	Vagas
Caldeira	Cabeleleiro com experiência	1	
Assinar Técnico	Cabeleleiro com experiência	1	
Lavador de carro	Encarregado de manutenção de máquinas pesadas	1	
Assinar de Técnico	Costureira de refração industrial com especialização	2	
Operador de Lixa IV	Assinar de Pedreiro	15	
Assinar de Pedreiro	Assinar de Pedreiro com experiência e curso ABC	1	
Supervisor de Elétrica	Assinar de Pedreiro	1	
Supervisor de Medicina	Assinar de Pedreiro	1	

Figura 27. Mercado de trabalho – A Gazeta – Vitória (ES), 17/06/2007

O texto anterior discute o preenchimento de vagas no mercado de trabalho no município de Linhares. Na parte anterior da matéria, fala-se justamente sobre o fato de a maior parte dos trabalhadores virem de outras localidades do Estado do Espírito Santo. A segunda parte do noticiário, inclusive, destaca a escassez de mão-de-obra qualificada na cidade.

Logo, não é possível afirmar que, neste caso, o SN pós-verbal – [mão-de-obra qualificada] – traz carga informativa [-previsível], uma vez que o texto anterior já vinha discutindo exatamente a ausência de material humano qualificado no mercado de trabalho no município de Linhares.

Neste caso, parece que a posposição se justifica pela densidade do SN, que aqui parece [+pesado], se compararmos este com o SN [opções], do texto anterior. Essa possibilidade de

justificativa parece favorecer com mais naturalidade a mudança de ordem numa situação, mas não favorecer em outra, conforme se pode verificar abaixo:

Não faltam opções

versus

Opções não faltam (manchete original)

Falta mão-de-obra qualificada na região (manchete original)

versus

***Mão-de-obra qualificada na região falta.**

Estabelecendo-se um paralelo entre as duas reportagens acima, poderíamos propor a seguinte configuração das manchetes, de acordo com os parâmetros que vimos utilizando até agora:

Em relação à manchete *Opções não faltam*, pode-se dizer que:

- 1) o verbo *faltar* é [-monoargumental], pois além do sujeito *opções*, entendemos que a partícula *não* funciona também como um argumento, pois ela é fundamental dentro do contexto discursivo em que se inscreve a manchete, dada a quantidade de oferta de imóveis;
- 2) o SN *opções* é [+dado], portanto, [+previsível];
- 3) o SN *opções* é [-pesado];
- 4) o SN *opções* é [-animado/-volitivo].

Em relação à manchete *Falta mão-de-obra qualificada na região*, pode-se dizer que:

- 1) o verbo *faltar* é [-monoargumental], de acordo com nossas análises, pois além do sujeito *mão-de-obra qualificada* (um “sujeito –prototípico”, ou seja, um quase “objeto”), entendemos que a presença do SPrep *na região* é importante no arcabouço discursivo em que se inscreve a manchete – de certa forma, é sobre a região de Linhares que o texto fala;
- 2) o SN *mão-de-obra qualificada* é [+dado], apesar de figurar em posição pós-verbal;
- 3) o SN *mão-de-obra qualificada* (na região) é [+pesado];
- 4) o SN *mão-de-obra qualificada* é [-animado/-volitivo].

Dada a polissemia que o verbo *faltar* apresenta, na língua portuguesa, vale a pena oferecer ainda outros ambientes em que se inscreve esse item lexical, a fim de se observar com mais acuidade o comportamento desse verbo ora em VS ora em SV, conforme seqüência de textos abaixo, que agora vamos enumerar de 1 a 3, para facilitar nossas observações:

Texto 1:

Só falta o bombeiro

Reynaldo Gianecchini está se especializando em tipos populares que mexem com a imaginação do público. Depois de viver o mecânico Pascoal em "Belíssima", Giane aceitou encarnar um taxista em "Os Sete Pecados", próxima novela de Walcyr Carrasco.

Figura 28. O bombeiro – A Gazeta – Vitória (ES), 11/04/2007

Texto 2:

Faltou mais um gol e o milagre

Rubro-negro não dá o troco no Defensor e está eliminado da Libertadores

RIO. O Flamengo apelou para São Judas Tadeu, contou com a fé de sua torcida num "milagre" e até saiu vitorioso ontem do Maracanã, derrotando o Defensor por 2 a 0, com gols de Renato. Mas, por ter perdido o jogo de ida por 3 a 0, acabou dando adeus à Copa Libertadores, nas oitavas-de-final.

Além da fé, o Flamengo contou com o apoio de mais de 58 mil torcedores, que antes mesmo de a bola rolar já empurravam o time com os gritos de "Vamos virar, Mengol".

Precisando vencer por no mínimo três gols para forçar os pênaltis, o rubro-negro dominou o primeiro tempo enquanto o Defensor apostava na retranca.

Renato Augusto chegou com perigo aos 12 minutos, quando chutou para a defesa de Silva, e aos 23, quando pegou de primeira e acertou a zaga uruguaia. Aos 32, outra boa chance: Souza recebeu na área, mas se desequilibrou na hora da conclusão. A pressão continuou: um minuto depois, Souza des-

viou de cabeça para Ronaldo Angelim mandar para fora. Aos 34, Renato Augusto foi derrubado dentro da área, mas o juiz não deu pênalti.

E o primeiro gol saiu antes mesmo do intervalo: aos 35, Renato cobrou falta de longe e acertou uma bomba no ângulo direito de Silva.

E foi o próprio Renato quem levou a torcida novamente ao delírio, logo no início do segundo tempo.

Aos 2 minutos, depois de jogada ensaiada numa cobrança de escanteio, o meia soltou outra bomba na entrada da área e fez 2 a 0.

Mas o Flamengo precisava de pelo menos mais um gol para levar a decisão para os pênaltis. E ele poderia ter saído aos 23, quando Romi tocou para dentro da área e Souza se antecipou ao zagueiro, mas perdeu o controle da bola.

Um minuto depois, Ney Franco tirou Claiton para a entrada de Paulo Sérgio. E o técnico deixou o time ainda mais ofensivo aos 32, colocando Léo Lima no lugar de Paulinho.

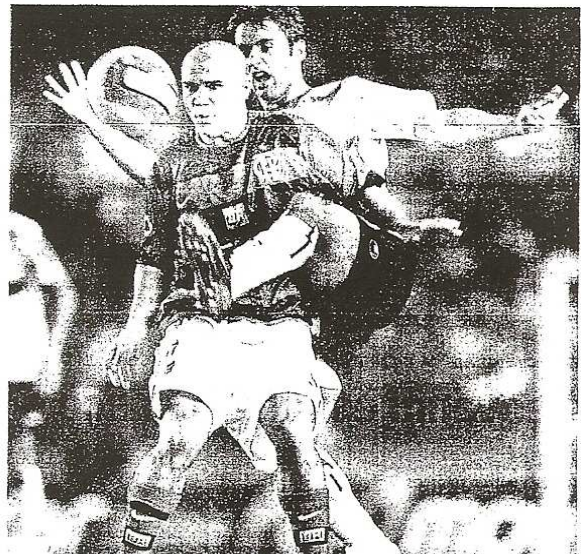
Mas foi o Defensor que passou a assustar, esbarrando em boas defesas do goleiro Bruno, como num chute de Fernández, aos 36, e numa cobrança de falta de Martínez, aos 39.

No fim, o Flamengo não conseguiu o "milagre" da classificação, mas saiu aplaudido pela torcida.

"A gente brigou e não deu", disse o meia Renato Augusto, chorando.

Eliminado da Libertadores, o Flamengo agora só tem o Campeonato Brasileiro para disputar nesta temporada. O time estreia no próximo domingo, às 16 horas, contra o Palmeiras, no Maracanã.

<p>FLAMENGO Bruno; Leonardo Moura, Iliene, Ronaldo Angelim e Isaac Paulinho (Léo Lima), Claiton (Paulo Sérgio), Renato e Renato Augusto; Romi e Souza. Técnico: Ney Franco</p> <p>DEFENSOR Silva; Sorondo, Martínez e Cáceres; González, Faldutín, Amado Diego, De Souza e Ariosa; Peinado (Morales) e Perzolano (Fernández). Técnico: Jorge Da Silva</p> <p>Estádio: Maracanã Árbitro: Hector Balcells (Argentina) Gols: Renato aos 35 minutos do 1º tempo e aos 2 minutos do 2º tempo</p>



DISPOSIÇÃO. O atacante Romi não marcou gol, mas deu trabalho aos zagueiros uruguaiois e ainda teve fôlego para ajudar o time na marcação do meio-de-campo. (Foto: Acervo/Imagem) (Foto: Acervo/Imagem)

Figura 29. Um gol e o milagre – A Gazeta – Vitória (ES), 10/05/2007

Texto 3:

Médicos faltam ao trabalho e cirurgia cardíaca é cancelada

Dois cirurgiões cardíacos do Hospital Universitário Cassiano Antônio de Moraes (Hucam), em Maruípe, Vitória, faltaram ao trabalho e deixaram de realizar uma cirurgia em uma paciente com problema cardíaco.

A servente Maria Lúcia Ribeiro Santos, que sofre de problemas do coração há sete anos, teve a cirurgia de valvulopatia mitral desmarcada duas vezes. Ela deu entrada no Hucam no últi-

mo dia 2 para ser operada no dia seguinte.

Segundo Maria Lúcia, depois de realizar todos os procedimentos para a cirurgia foi informada de que voltaria para o quarto, pois os médicos não haviam comparecido. “Fiquei mais sete dias internada, fui encaminhada novamente à sala de cirurgia e pela segunda vez os médicos não apareceram. Me disseram que o contrato deles não tinha sido renovado. E

agora eu estou em casa, passando mal”, lamentou a servente.

O diretor do Hucam, João Batista Pozzato, disse que os médicos não tinham motivos para faltar, pois os contratos já haviam sido renovados. Ele afirmou que vai abrir uma sindicância para apurar os fatos e os médicos poderão até ser demitidos.

“Quanto à cirurgia, provavelmente, será marcada para a próxima quinta-feira”, disse.

Figura 30. Médicos – A Tribuna – Vitória (ES), 12/05/2007

Verifique-se como o contexto semântico-pragmático é determinante na organização das sentenças: no texto 1, por exemplo, a impossibilidade de SV se dá em função dos objetivos pretendidos pelo discurso, ou seja, a anteposição do sujeito é inibida pelo caráter polissêmico do verbo *faltar*, ou seja, por seus traços semânticos, neste caso. Uma sentença como *O bombeiro só falta* não seria coerente, aqui, já que não se pretende falar sobre o “não comparecimento” do bombeiro a algum lugar, mas da sua “não existência/ocorrência”.

Parece que com essa acepção de “escassez”, como nas manchetes *Serra: faltam escolas de ensino médio* (A Gazeta – 25/03/2007) e *Falta iluminação em Praia das Gaivotas* (A Tribuna – 27/04/2007), já apresentadas nesta dissertação, o verbo *faltar* não licencia a anteposição do sujeito. Nesse contexto, portanto, esse verbo parece ocupar uma posição cada vez mais fixa na sentença.

No texto 2, o conteúdo semântico de *faltar* é semelhante ao desse verbo na manchete do texto 1. Porém, apresentamos essa sentença para observar que esse item lexical verbal seleciona como sujeito tanto argumentos de caráter *animado* (o bombeiro) quanto *inanimado* (gol e milagre). Neste último caso, parece que a ordem VS é largamente favorecida.

Embora o fenômeno da concordância não esteja constantemente presente em nossas discussões, é interessante observá-lo no texto 2. Foi feita a opção pelo singular, num ambiente em que se poderia utilizar também o plural (*Faltaram mais um gol e o milagre*), já que há dois núcleos ocupando a posição de sujeito: *gol, milagre*. Parece que o singular, aqui, reforça

a incongruência que tem ocorrido, no português atual, entre o verbo e o sujeito, sobretudo quando este se pospõe àquele.

No texto 3, além de estar inscrito num período composto, diferentemente das sentenças-manchetes dos textos 1 e 2, o verbo *faltar* não aparece como monoargumental, fato que parece inibir a posposição, mesmo se se tivesse aqui um período simples: *Médicos faltam ao trabalho*.

Além disso, seria contrária aos objetivos do texto 3 uma sentença como *Faltam médicos ao trabalho*, a não ser que se quisesse dizer que “não existem médicos para desenvolver determinado trabalho”. O verbo *faltar*, neste texto, aparece em SV pelo fato de também selecionar como argumentos tanto o SN [médicos] quanto o SPrep [ao trabalho]. Nesse caso, fica favorecida a ordem canônica SV(C).

Seguindo os parâmetros de análise que até agora vimos apresentando, ter-se-ia, então, em relação ao texto 1, o seguinte quadro:

- 1) o verbo *faltar* é [+monoargumental];
- 2) o SN [o bombeiro] é [-dado], até pelo caráter *hipotético* que apresenta, neste texto;
- 3) o SN [o bombeiro] é [-pesado], mesmo assim aparece pós-verbal, em função do valor semântico de *faltar*, neste texto;
- 4) o SN [o bombeiro] é [+animado], mas [-volitivo].

Em relação ao texto 2, configura-se o seguinte:

- 1) o verbo *faltar* é [+monoargumental];
- 2) o SN [mais um gol e o milagre], para nós, é [+dado], até porque se divulga aqui o resultado de um jogo, ou seja, de um fato relativamente conhecido;
- 3) o SN [mais um gol e o milagre] é [+pesado], o que costuma favorecer VS;
- 4) o SN [mais um gol e o milagre] é [-animado/-volitivo].

Já o texto 3 apresenta o seguinte quadro:

- 1) o verbo *faltar* é [-monoargumental];
- 2) o caráter de novidade, para nós, aqui se manifesta em toda a sentença;
- 3) o SN [médicos] é [-pesado], o que naturalmente favorece SV;

- 4) o SN [médicos] é [+animado] e, parece-nos, [+volitivo], pois de acordo com o texto eles não tinham motivos para faltar ao trabalho, uma vez que seus contratos já haviam sido renovados.

Apresentamos, agora, duas manchetes em que se inscreve o verbo *nascer*, ora em VS ora em SV. Julgamos pertinente trabalhar os dois contextos seguintes porque constatamos que, independente da ordem em que ocorre o sujeito, parece que nem sempre ele é responsável por manter-se como *tópico*, nem discursivo nem sentencial.

Logo, vale a pena rever até que ponto somente o sujeito posposto “não colabora na função de dar continuidade ao tópico”, conforme assinala Pontes (1986, p. 211), já que, nos dois textos abaixo, cujos títulos se organizam respectivamente por meio de VS e SV, verifica-se que o SN que funciona como sujeito nos dois ambientes não se mantém, na maioria das vezes, nem como tópico sentencial, nem como tópico discursivo.

Nasce suposta filha de Eddie Murphy

A ex-spice girl Melaine Brown, a Mel B, 31 anos, deu à luz uma menina ontem, em Santa Monica, no estado americano da Califórnia, segundo informações do tablóide *The Sun*.
Mel B foi levada a um hospital de Santa Monica por volta das 17h30 de segunda-feira (hora

local), depois que sua bolsa rompeu. A menina, que ainda não tem nome, nasceu um pouco depois da meia-noite.

“O bebê é saudável e tem muito cabelo. Mãe e filha estão descansando. O nome da criança ainda não foi decidido. Por enquanto, ela está sendo chamada de Baby Brown”, afirmou a porta-voz da cantora.

Mel B alega que o pai da crian-

ça é o ator Eddie Murphy, seu antigo namorado. Murphy diz que não é o pai e pediu testes de DNA, que ainda não foram feitos. Ele deixou a cantora quando ela estava grávida de seis meses para cair nos braços de Tracey Edmunds, com quem está namorando até hoje.

Melaine Brown já tem uma filha de 8 anos, Phoenix Chi, com seu ex-marido Jimmy Gulzar.

Figura 31. Eddie Murphy – A Tribuna – Vitória (ES), 04/04/2007

Bebê nasce morto em casa

Vizinhos fizeram o parto e alegam que o Samu foi acionado, mas demorou mais de quatro horas

Moradores de Morada da Barra, em Vila Velha, estão revoltados com o que chamam de descaso do Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (Samu).

Eles alegam que, depois de esperar mais de 4 horas por uma ambulância, na manhã de ontem, precisaram fazer o parto em uma vizinha e o pior aconteceu: o bebê nasceu morto.

A dona-de-casa Rozivani Szério Dias, 31 anos, teria passado mal logo depois que o marido, o garçô Ednaldo Gonçalves de Jesus, 46 anos, saiu para trabalhar, às 8 horas. Ela mesma chamou o Samu, mas a ambulância só chegou ao local às 8h30 – o bebê teria nascido às 8h30.

Os vizinhos questionam se o bebê poderia ter sobrevivido se o socorro fosse mais rápido. “As 4 horas, o filho já veio do lado, de 7 anos, veio me chamar dizendo que ela estava passando mal. Eu vi ela ligar para o Samu e eles disseram que a ambulância estava vindo, mas não veio”, contou a dona-de-casa Rosmeline Carmo Souza, 25 anos.

As 8h15, a doméstica Marinalva Santos da Silva, 34 anos, ligou novamente para o Samu, desta vez para pedir socorro porque o bebê estava nascendo. Foi a única chamada registrada pelo sistema.

“Os médicos iam me dizendo como a gente tinha que fazer e eu ia passando para as outras três vizinhas. Ninguém tinha feito um parto antes”, contou Marinalva.

“Eu acho que o bebê já nasceu morto, porque já estava todo roxo e com a placenta colada no corpo. Mas disseram que ele poderia estar respirando. Eu o enrolei num cobertor e sai com ele nos braços. Encontrei a ambulância do Samu no caminho, mas eles não queriam parar”, contou a doméstica Marivalda Santos Silva, 34 anos.

Os vizinhos reclamaram dos socorristas, que tinham sido grosseiros e teriam obrigado Rozivani, ainda sangrando, a andar do seu quarto até a ambulância. “Nem marca trouxeram. Quando a gente quis pagar a Roci no colchão, disseram para deixar ela ir andando mesmo”, contou a manicure Graziela Regina Vieira, 23 anos.

“A última consulta foi no dia 28 de março. Como a médica diz que estava tudo certo e o bebê nasceu morto? Ela também falou que era uma menina e nasceu um menino”, disse Ednaldo.

A mãe está internada no Hospital da Mulher, em Vila Velha, onde deve permanecer por três dias por causa da pressão alta.

Figura 32. Bebê – A Tribuna – Vitória (ES), 13/04/2007

No primeiro texto, em VS, o SN *suposta filha de Eddie Murphy* só aparece como tópico sentencial em seis orações, das vinte e três existentes. Em dois casos, ocorre indiretamente como tópico sentencial e em quinze o SN posposto não é retomado como tópico.

No segundo texto, em SV, o SN *bebê* só aparece como tópico sentencial em onze orações, das sessenta e nove existentes. Em cinquenta e oito casos, *bebê* também não ocorre como tópico, nem sentencial nem discursivo.

Isso parece apontar que o sujeito, seja ele pré ou pós-verbal, não garante a manutenção do tópico sentencial nem discursivo, embora essas duas categorias coincidam na maior parte dos casos.

Há vários fatores que justificam as ordens VS e SV nas manchetes dos textos acima. No primeiro, além de o SN constituir-se [+pesado], o que favorece VS, tem-se essa ordem com valor apresentativo, num contexto em que o verbo exhibe características de monoargumentalidade.

No segundo texto – *Bebê nasce morto em casa* – um dos fatores que inibe a posposição provavelmente seja o caráter [-monoargumental] do verbo *nascer*. Nesse ambiente, tanto o SN-sujeito [bebê] quanto o SAdj-predicativo [morto] são elementos imprescindíveis à formação da sentença-manchete. E na estrutura do predicado concorrem como núcleo tanto o verbo quanto o predicativo *morto*.

É possível verificar-se, também, que o SPrep [em casa] não aparece nesse contexto como um elemento *acessório*, pois o fato de a morte ter se dado *em casa* pode ter sido fundamental para o desfecho dos acontecimentos. Logo, aqui o verbo *nascer* parece selecionar três elementos, sujeito, predicativo e adjunto adverbial, ainda que *morto* esteja, implicitamente, “selecionado” pelo copulativo *estar* = “o bebê estava morto”. Nessa sentença – *Bebê nasce morto em casa* – parece-nos que se tem um período composto “mascarado” – o verbo copulativo *estar* se apagou, mas é possível detectar-se o seguinte:

Bebê nasce em casa

+

Bebê estava morto

Logo: **Bebê nasce morto em casa**

Ainda, julgamos que nas manchetes *Nasce suposta filha de Eddie Murphy e Bebê nasce morto em casa*, os SNs sujeitos parecem trazer informação [+nova], o que indicia que, em alguns casos, a dicotomia *tópico versus comentário, sujeito versus predicado* não comporta a caracterização de estar a informação [-nova] nos primeiros elementos e a [+nova] nos segundos.

No momento, o que nos importa aqui é a constatação de que, tanto no primeiro texto quanto no segundo, o sintagma que figura como sujeito – [suposta filha de Eddie Murphy] e [bebê] não é recuperado, na maior parte das sentenças, como tópico frasal. Logo, manter-se como tópico sentencial não parece decorrer do fato de um SN originar-se de VS ou SV.

Fato diferente, porém, ocorreu na reportagem sobre a morte de Nair Bello, apresentada no capítulo 2 desta dissertação. A atriz apareceu como *tópico/sujeito* na manchete – *Nair Bello morre aos 75 anos* – e manteve-se nesta mesma condição na maior parte do texto, o que parece sinalizar que as categorias *tópico/sujeito*, por exemplo, ou em VS ou em SV, só devem ser avaliadas com propriedade num ambiente discursivo específico.

Parece irrefutável a tese de que a monoargumentalidade determina a ordem em português. São inúmeros os exemplos de verbos que se inscrevem ora em VS ora em SV motivados por esse fator. Para nós, todavia, não é exagero afirmar que um verbo que ora se inscreve numa ordem ora noutra não é necessariamente “o mesmo verbo”.

Para ilustrar o que propusemos no parágrafo anterior, observem-se os textos extraídos de *A Tribuna* do mesmo dia, 12/05/2007, e cujas manchetes ilustram, respectivamente, a

ordem VS e SV com o verbo *cair*. Para maior comodidade do leitor, chamaremos os textos A e B. Desse modo, cremos tornar mais claras nossas argumentações.

Texto A:

Cai audiência de “Malhação”

Não são só as novelas “Paraíso Tropical” e “Pé na Jaca” que têm enfrentado problemas com o Ibope. Veterana na teledramaturgia, “Malhação” passou a sofrer do mesmo mal que as “irmãs” globais.

A novelinha, que em 2004 chegou a dar 42 pontos e, em anos anteriores, tinha mais audiência do que algumas tramas das 18 horas e até das 19 horas, perdeu mais de meio milhão de espectadores nos últimos três anos.

Os 31,6 pontos da média anual de 2004 se transformaram em 25,6 neste ano. Apesar da queda, a emissora diz não se preocupar com a diferença nos números.

Segundo assessoria de imprensa da rede, a Globo está satisfeita com a performance de “Malhação”, segundo ela, “um programa de sucesso que está há 12 anos no ar”.

Para especialistas em novelas, porém, a fuga dos telespectadores se deve à carência de boas histórias. Em todos esses anos, temas como gravidez na adolescência vêm sendo mostrados. Até aí, tudo bem, afirma Nilson Xavier, do site Te-

ledramaturgia.

“A queda não é por causa dos ganhos repetitivos. Isso é comum, ainda mais em uma novela há tanto tempo no ar. O problema é que as histórias são ruins e repetitivas.”

Claudio Mayer, pesquisador de teledramaturgia, concorda: “Sempre a mesma coisa. Um menino e uma menina se unem para separar o casal bonzinho, acabam se apaixonando e ficando bonzinhos. Isso cansa o público.”

Outro fator importante, ressalta Mayer, é que os adolescentes que assistiam à “Malhação” cresceram e, para eles, as novas gerações não foram fiadas.

“É só olhar para o programa da Xuxa, que também não dá Ibope. Com “Malhação” é a mesma coisa, eles precisam arrumar um jeito de atrair um público que está mais preocupado com o computador do que com a TV.”

Ricardo Waddington, diretor do núcleo responsável pela atração, não quis se pronunciar. A roteirista da série, Paula Amaral, também diz que o Ibope não é uma preocupação.

Texto B:

Devedor perde direito a aviso

A Quarta Turma do Superior Tribunal de Justiça (STJ) entendeu que um devedor contumaz inscrito no cadastro de inadimplentes não tem direito à indenização por falta de comunicação prévia sobre a sua inclusão no banco de dados.

Um consumidor de Porto Alegre (RS) moveu ação contra a Câmara dos Dirigentes Lojistas da cidade, mesmo já estando inscrito pela devolução de 54 cheques sem fundos.

O argumento do autor do processo foi de que a negatização do cadastro dá efeito superlativo ao débito.

Segundo o consumidor, a comunicação prévia poderia permitir a ele esclarecer um eventual equívoco ou quitar logo a dívida, evitando mais complicações.

O Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul (TJRS) consta-

tou a irregularidade pelo fato de ele não ter recebido a comunicação, mas não reconheceu o direito à indenização por se tratar de um devedor habitual. O autor da ação recorreu, então, ao STJ para tentar cancelar a inscrição e obter ressarcimento por dano moral.

A orientação do STJ é de que a falta de comunicação da inclusão em cadastro negativo gera indenização, mas isso não se aplica a este caso específico.

Segundo o relator do processo, ministro Aldir Passarinho Júnior, a situação não pode ser considerada capaz de gerar danos efetivos à imagem do suposto lesado.

O registro será cancelado até que o devedor seja formalmente comunicado da inscrição, mas sem pagamento de dano moral.

Calote cai em todo o País

Dados nacionais da Equifax indicam que no mês de abril foram registrados 2.694.203 cheques devolvidos, o que representa uma diminuição de 16,61% em relação ao mês anterior. Na comparação com abril de 2006, o volume foi 16,11% menor.

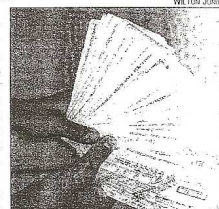
De acordo com Alcides Leite, coordenador do Centro de Conhecimento Equifax, a contração do número de cheques devolvidos em abril, em comparação a março deste ano, é consequência da melhoria da capacidade de pagamento das famílias, uma vez que parte das dívidas assumidas no final do ano passado e no início de 2007 já foi liquidada.

A redução na análise sobre abril de

2006 deve-se a fatores estruturais da economia como, por exemplo, a queda da inflação, a melhoria da renda familiar e o abatimento da taxa de juros.

De acordo com o Equifax, houve um crescimento modesto da quantidade de cheques devolvidos do início do segundo semestre de 2004 até o final dos primeiros seis meses de 2006. A partir do segundo semestre de 2006 a curva sofreu um declínio contínuo, com pequena reversão no mês de março de 2007.

Quanto ao montante de títulos protestados, os dados mostram que em abril foram registrados 697.120 protestos contra 828.007 apresentados em março e 683.142 em abril de 2006.



Comerciante mostra cheques

Figura 33. Malhação – A Tribuna - Vitória (ES), 12/05/2007

Figura 34. Calote – A Tribuna – Vitória (ES), 12/05/2007

No texto A, parece ocorrer prototipicamente VS com valor apresentativo. E o SN[audiência de “Malhação”] também parece conter informação [+nova], de natureza mais surpreendente. Até porque, como os índices de audiência de um programa costumam ser medidos com frequência, os dados podem oscilar e por isso podem mostrar surpresa.

Além disso, a ordem VS, no texto A, justifica-se por vários motivos, os quais vimos levantando até então em outras análises:

- 1) o verbo *cair* é [+monoargumental];

- 2) o SN [audiência de “Malhação”] apresenta caráter [+novo], caracterizando o que normalmente se costuma verificar em VS;
- 3) o SN posposto está para [+pesado], embora apresente apenas três vocábulos no sintagma;
- 4) o SN [audiência de “Malhação”] é [-animado] e [-volitivo].

No texto B, o SN *calote* aparece em posição pré-verbal por vários motivos, dentre os quais o fato de constituir uma informação conhecida. Ou seja, a sentença *Calote cai em todo o País* é subsequente a um texto em que se discutia exatamente o não pagamento de dívidas, o que popularmente se conhece como *calote*.

Para nós, o verbo *cair*, nesse contexto, é [-monoargumental]. Além disso, discursivamente o item lexical *calote* já estava em circulação indireta na primeira parte do texto, o que provavelmente tenha motivado a posição pré-verbal do sujeito.

Quando sugerimos que *cair*, nessa sentença, é [-monoargumental], nós o fazemos por entender que o SPrep/adjunto adverbial [em todo o País], nesse contexto discursivo, parece uma informação selecionada pelo verbo, tornando-se também um elemento importante neste contexto discursivo.

Para a sentença *Calote cai em todo o País*, configura-se o seguinte:

- 1) o verbo *cair* é [-monoargumental], o que costuma inibir VS;
- 2) o SN [calote] apresenta caráter [-novo] e, portanto, [+previsível];
- 3) o SN-sujeito é [-pesado], o que por si só já favorece SV;
- 4) o SN [calote] é [-animado] e [-volitivo].

Embora em ambos os textos *cair* denote diminuição, parece que em A esse verbo se liga a um SN [+abstrato], ao passo que em B esse verbo está relacionado a um SN [-abstrato], uma vez que *calote*, no contexto, representa “os cheques sem fundo”, como se se pudesse parafrasear a manchete B assim: “*Cheques sem fundo caem/diminuem em todo o País*”; “*Está havendo menos casos de cheques sem fundo no País...*”

Com relação ao texto A, não seria *impossível* a sentença *Audiência de “Malhação” cai*. Todavia, entendemos que nesse ambiente a surpresa da notícia tenha favorecido a ordem VS, conforme já dissemos anteriormente. Isso nos leva a readmitir a necessidade de convivência da tríade sintaxe/semântica/pragmática para a interpretação da ordem em português.

Em vista do que expusemos até agora, gostaríamos de encerrar nossas discussões, por enquanto, reiterando que as categorias, tanto discursivas quanto gramaticais, instalam-se num *continuum*, de tal forma que um SN (ou um verbo) pode circunscrever-se num ambiente lingüístico assim:

- a) SN pré-verbal = [+previsível] *versus* [-previsível];
- b) SN pós-verbal = [+previsível] *versus* [-previsível];
- c) SN pré-verbal = [+animado/+volitivo] *versus* [-animado/-volitivo];
- d) SN pós-verbal = [+animado/+volitivo] *versus* [-animado/-volitivo];
- e) V(verbo) = [+monoargumental] *versus* [-monoargumental], etc...

4.1. ORDEM VS *VERSUS* SV (O VERBO *SAIR*)

Agora, nós nos deteremos em manchetes que apresentam o verbo *sair*, cuja ocorrência tem sido freqüente no discurso jornalístico. Aliás, a ocorrência desse verbo parece gerenciar-se pelas várias acepções que ele tem na língua, fato que realça sua natureza polissêmica e sinaliza que o aspecto semântico, ao lado do sintático, por exemplo, parece determinante.

As manchetes foram organizadas em função do conteúdo semântico do item lexical *sair*, pois dessa forma julgamos que seria mais fácil a apreensão dos ambientes discursivos em que se instala a forma verbal estudada, e conseqüentemente a estrutura argumental que a agasalha.

No momento, até por uma questão de praticidade, não serão expostos na íntegra os textos correspondentes às manchetes. Quando se fizer necessário, porém, tal procedimento se cumprirá, uma vez que a perspectiva funcional que orienta nosso estudo reclama simultaneamente a presença da sintaxe, da semântica e da pragmática.

Vejam-se, agora, os grupos de manchetes:

1. *SAIR* com acepção de *deslocar-se de um lugar a outro; afastar-se; fugir*:

1. Dono do Nacional sai da cadeia (A Tribuna – 14/04/2007)
2. Preso sai da cadeia e assalta estudante (A Tribuna – 12/05/2007)
3. Dono do Nacional sai da cadeia (A Gazeta – 16/05/2007)
4. Preso saiu da cadeia há 20 dias (A Tribuna – 18/05/2007)
5. Locomotiva sai dos trilhos (A Tribuna – 27/05/2007)

6. Meninos **saem** para brincar e são executados (A Gazeta – 28/05/2007)
7. Universitário baleado em Jardim da Penha **sai** da UTI (A Tribuna – 12/06/2007)
8. Paris Hilton **sai** da prisão em Los Angeles (A Tribuna – 27/06/2007)
9. Estupradores **saíam** da prisão (A Tribuna – 29/06/2007)
10. Bruno **sai** do gol na última hora (A Gazeta – 04/07/2007)
11. Roriz **sai** primeiro (A Gazeta – 05/07/2007)

2. **SAIR** com acepção de *custar*:

1. Disputa com China **sai** caro (A Tribuna – 19/04/2007)
2. Cesta de alimentos **sai** por R\$ 171 (A Tribuna – 08/05/2007)
3. Arroz com feijão **sai** mais em conta (A Tribuna – 29/05/2007)
4. Torpedo **sai** caro para brasileiros (A Tribuna – 08/06/2007)

3. **SAIR** como “*verbo suporte*”:

1. Avestruz **sai** na frente do Pan (A Tribuna – 02/05/2007)
1. Lula **sai** em defesa da Polícia Federal e nega pressões (A Gazeta – 26/05/2007)
2. Médicos **saem** em defesa do uso do sutiã (A Tribuna – 29/05/2007)
3. Gêmeas **saem** no tapa em Paraíso Tropical (A Tribuna – 30/05/2007)

4. **SAIR** com acepção de *ser vendido; ter boa (mais) aceitação no mercado*:

1. Celular **sai** mais que chope (A Tribuna – 02/06/2007)

5. **SAIR** com acepção de *ser divulgado; estar pronto; ser publicado; tornar-se público*:

1. **Sai** lista de aprovados no Universidade para Todos (A Gazeta – 18/03/2007)
2. **Sai** resultado da prova de Guarapari (A Tribuna – 27/03/2007)
3. **Sai** lista de aprovados para agente penitenciário (A Gazeta – 28/03/2007)
4. **Sai** hoje edital do TRF (A Tribuna – 28/03/2007)
5. **Sai** resultado de exames para a PM (A Tribuna – 30/03/2007)
6. **Sai** amanhã vencedor do coelhão gigante (A Gazeta – 30/03/2007)
7. **Sai** aumento para servidores da Prefeitura de Vitória (A Gazeta – 31/03/2007)

8. **Saem** regras de isenção da taxa do CEFET (02/04/2007)
9. Cesan – **Saiu** o resultado (A Gazeta – 04/04/2007)
10. **Saem** hoje os rivais dos brasileiros na Copa Davis (A Tribuna – 05/04/2007)
11. **Saem** os vencedores de promoção (A Tribuna – 05/04/2007)
12. **Sai** lista de aprovados na prefeitura (A Tribuna – 07/04/2007)
13. **Saem** notas para candidatos em Viana (A Tribuna – 09/04/2007)
14. **Sai** resultado final da seleção da Cesan (A Tribuna – 10/04/2007)
15. **Sai** a nomeação de Colnago (A Tribuna – 11/04/2007)
16. **Sai** reajuste para servidor de vitória (A Gazeta – 11/04/2007)
17. **Sai** 1º edital para o Banco do Brasil (A Tribuna – 14/04/2007)
18. Aeronáutica – **Sai** edital para cadetes (A Gazeta – 15/04/2007)
19. **Saiu** a melhor biografia de Hannah Arendt (A Tribuna – 15/04/2007)
20. Gabarito do Prominp **sai** hoje (A Tribuna – 16/04/2007)
21. Relatório **sai** em 10 dias (A Tribuna – 17/04/2007)
22. **Sai** resultado de Vitória e do Estado (A Tribuna – 18/04/2007)
23. Primeiro relatório sobre acidente **sai** esta semana (A Tribuna – 23/04/2007)
24. **Sai** gabarito para Prefeitura de Viana (A Tribuna – 24/04/2007)
25. **Sai** 1º cupom para disputar TVs de LCD (A Tribuna – 29/04/2007)
26. Aumento de salário **sai** após o feriado (A Tribuna – 29/04/2007)
27. **Sai** novo cupom para disputar TVs de LCD (A Tribuna – 30/04/2007)
28. **Sai** resultado da Prefeitura de Viana (A Tribuna – 01/05/2007)
29. **Sai** resultado das provas para Prominp (A Tribuna – 01/05/2007)
30. **Sai** resultado da segunda etapa dos cursos de petróleo (A Gazeta – 01/05/2007)
31. **Sai** a lista dos isentos para a prefeitura (A Tribuna – 02/05/2007)
32. **Sai** tabela da Terceirona (A Tribuna – 10/05/2007)
33. **Sai** hoje relatório sobre desvios (A Tribuna – 18/05/2007)
34. Sentença **sai** em 90 dias (A Tribuna – 19/05/2007)
35. **Sai** aumento para servidor de Vila Velha (A Gazeta – 23/05/2007)
36. **Saem** as novas regras para funcionamento do comércio aos domingos (A Tribuna – 24/05/2007)
37. **Sai** lista com finalistas do Prêmio Ademi 2007 (A Gazeta – 24/05/2007)
38. **Sai** lista do exame físico para Justiça (A Tribuna – 25/05/2007)
39. **Sai** gabarito da prova da UVV (A Tribuna – 28/05/2007)
40. Edital do centro de eventos **sai** em 2 meses (A Gazeta – 29/05/2007)

41. **Sai** hoje censo do setor de imóveis (A Tribuna – 31/05/2007)
42. **Sai** lista dos aprovados da UVV (A Tribuna – 01/06/2007)
43. **Sai** resultado do concurso da Prefeitura de Linhares (A Tribuna – 02/06/2007)
44. **Sai** amanhã cronograma das obras de Camburi (A Tribuna – 03/06/2007)
45. Calendário do PIS **sai** até sexta-feira (A Tribuna – 06/06/2007)
46. **Sai** a lista de aprovados em Medicina na UVV (A Tribuna – 07/06/2007)
47. **Sai** o calendário do PIS (A Tribuna – 07/06/2007)
48. **Sai** resultado de Vitória (A Tribuna – 07/06/2007)
49. **Sai** segundo edital do Banco do Brasil (A Tribuna – 10/06/2007)
50. **Sai** a 1ª plataforma brasileira (A Tribuna – 15/06/2007)
51. **Sai** a disputa por vaga no TRF (A Tribuna – 17/06/2007)
52. **Sai** gabarito do vestibular de inverno (A Tribuna – 18/06/2007)
53. **Sai** a ordem dos desfiles do Carnaval (A Tribuna – 18/06/2007)
54. “**Sai** um frango com quiabo” (A Tribuna – 21/06/2007)
55. **Sai** acordo do gás com a Bolívia (A Tribuna – 23/06/2007)
56. **Sai** lista de aprovados no vestibular da UFES (A Gazeta – 29/06/2007)
57. **Sai** lista de aprovados na Faesa (A Tribuna – 30/06/2007)
58. **Sai** lista de aprovados na Emescam (A Tribuna – 05/07/2007)
59. Consulta ao lote do IR **sai** na 2ª (A Tribuna – 05/07/2007)
60. **Sai** o gabarito do Cefet (A Tribuna – 09/07/2007)

Conforme já foi advertido anteriormente, embora nosso estudo focalize a posposição do sujeito, é necessário que se apresentem também manchetes na ordem SV, pois não é possível compreender a ocorrência de uma sem que as duas sejam confrontadas.

A utilização das duas ordens SV e VS no pequeno *corpus* acima justifica-se, sobretudo, porque não é possível avaliar a posposição de sujeito - no caso com o verbo *sair* – apenas se utilizando parâmetros sintáticos, embora seja flagrante a ordem VS em sentenças cujos verbos sejam mono-argumentais.

Todavia, se se observar o bloco (5) de manchetes acima, em que há 60 (sessenta) ocorrências de sentenças com *sair*, verificar-se-á que ocorre anteposição ou posposição de sujeito com o mesmo tipo de verbo (mono-argumental), fato que por si mesmo sinaliza a precariedade do traço sintático, que acaba por isso convocando outros de natureza semântico-pragmática para justificar a posição do sujeito em português.

Seguindo a ordem de apresentação das manchetes, constata-se que no grupo (1) todas elas apresentam o verbo *sair* numa estrutura argumental semelhante. Ou seja, das 11 (onze) sentenças, 10 (dez) apresentam tal verbo selecionando como argumento externo (sujeito) um item lexical [+animado], embora nem todos esses sintagmas-sujeitos sejam controladores do processo verbal, característica que não se deve desprezar, inclusive, quando se analisa o comportamento de um verbo intransitivo, conforme vimos no 1º capítulo deste estudo.

Na manchete 2 do grupo (1), por exemplo, *preso* parece ser [+desencadeador] do processo verbal e ter controle sobre ele; o mesmo fato não parece ocorrer com *preso* no exemplo 4, em que o sujeito não parece ter exato controle (preso “foi liberado” e não “fugiu”) sobre a ação verbal expressa em 1, o que significa que não basta o sujeito ter traço [+animado] para que seja desencadeador de um processo verbal, conforme pode (re)observar-se nos seguintes ambientes discursivos:

Preso saiu da cadeia há 20 dias

O acusado de envolvimento na morte do estudante Tiago Cardoso de Aguiar, 17 anos, saiu da cadeia há aproximadamente 20 dias através de um alvará de soltura expedido pela Justiça.

Nicanor Angra Neto, 19, negou participação no crime e acusou um amigo de ter feito os disparos. Ele foi preso minutos após o assassinato e disse que o atirador se chama Daniel. Alegou que teriam ido até a 6ª Etapa, em Coqueiral de Itaparica, para comprar maconha.

O delegado Gilson Lopes, titular do DPJ, destacou que Nicanor já havia sido preso pela polícia acusado de porte ilegal de armas – ficou na Casa de Custódia de Viana –, mas conseguiu um alvará de soltura há cerca de 20 dias.

Nicanor foi detido por dois policiais militares que foram acionados por uma pessoa que viu os acusados fugindo. Ele foi levado para DPJ de Vila Velha, onde foi

ajudado por homicídio, sendo considerado co-autor, pelo delegado Carlos Alberto Nascimento.

Em depoimento, o acusado alegou que não foi ele quem atirou em Tiago, mas confessou que deu fuga ao assassino.

Em bicicletas, os dois chegaram à 6ª Etapa e Daniel pediu que ele esperasse do lado do fora do prédio Serilo, onde Tiago foi morto, porquanto ia resolver um problema. Segundo o acusado preso, o amigo demorou alguns minutos e depois voltou correndo e fugiu.

Foi Nicanor que destacou para a polícia a principal motivação do crime. Ele disse que, em conversa com Daniel, o atirador afirmou que havia brigado com Tiago dentro de um baile funk na semana passada por causa de uma menina, a namorada do estudante morto. O baile aconteceu em um clube localizado em Itaparica. A arma do crime não foi apreendida.



Nicanor ajudou na fuga

Preso sai da cadeia e assalta estudante

Detento da Penitenciária Agrícola rendeu universitária na Praia do Suá. Ele foi perseguido e acabou preso

Uma representante de medicamentos e universitária, de 45 anos, foi assaltada por um preso da Penitenciária Agrícola de Viana, que cumpre pena em regime semi-aberto. O acusado Eliezer Fesreira de Souza, 31, rendeu a mulher quando ela tinha acabado de entrar em seu carro – um Gol prata – na praça Demóstenes Filho, na avenida César Hilal, Praia do Suá, em Vitória.

A vítima foi libertada 100 metros depois e Eliezer fugiu com o carro da vítima. Ele chegou a ser segurado pela universitária até a Praia do Canto, na Reta da Penha, depois que ela conseguiu ajuda de um motorista.

Eliezer escapou no meio do trânsito e só foi preso em Jardim

Limoeiro, na Serra, na Rodovia Norte-Sul, num cerco da polícia. Com ele, os policiais apreenderam um revólver calibre 32, com sete projéteis intactos.

O crime aconteceu às 17 horas de quinta-feira. A universitária, que faz o curso Tecnologia de Petróleo e Gás e também é representante de remédios, tinha ido fazer uma visita a um cliente e foi rendida quando voltou do encontro. O acusado esperou a vítima entrar no carro para abrir a mesma porta.

Ele disse que a universitária tinha “perdido” e obrigou a passar para o banco do carona. Então, assumiu a direção do carro, saindo em alta velocidade. Desesperada, a vítima pediu para o acusado não levá-la refém e o

pedido foi aceito pelo preso, que acabou abandonando a estudante na mesma rua.

Ela correu e pediu ajuda a alguns motoristas que passavam no local. Como teve seu celular roubado, usou um telefone emprestado para acionar a Polícia Militar.

Um dos motoristas aceitou sair em perseguição ao acusado e foi com a universitária, mas o perdeu de vista na Praia do Canto, perto da igreja Santa Rita.

Policiais do Grupo de Apoio Operacional (GAO), na radiopatrulha 1485, foram avisados sobre o assalto e 40 minutos depois do crime viram o Gol da universitária passar em Jardim Limoeiro. O trânsito de veículos estava intenso, mas o acusado foi cercado e preso no carro.

Eliezer confessou o crime e disse que é interno da Penitenciária Agrícola, de onde saiu sem autorização para procurar um irmão. O crime pelo qual ele responde não foi informado.

Ele foi autuado em flagrante por assalto no DPJ de Vitória, pelo delegado Mário Brocco Filho.

Figura 35. Preso saiu da cadeia – A Tribuna Vitória (ES), 18/05/2007

Figura 36. Preso assalta estudante I – A Tribuna – Vitória (ES), 12/05/2007

Isso reitera que qualquer traço que se levante – seja sintático, semântico ou pragmático – deve ser analisado com cautela, numa perspectiva que considera que os instrumentos lingüísticos instalam-se num *continuum*.

Essa observação, todavia, não impede que se afirme que as manchetes do grupo 1 apresentam o verbo *sair* com natureza [+agentiva], o que o leva, favoravelmente, a selecionar argumento externo com traços [+animados] e [+agentes]. Até porque, nessas manchetes do

grupo (1), *sair* parece expressar “ação [+concreta]”, ou seja, “sair de um lugar (+concreto) a outro lugar (+concreto).”

No grupo (2), *sair* é utilizado como *cópula*, a nosso ver. Inclusive, paradigmaticamente, parece ser possível comutar-se *sair* por *ser*, *estar*, *ficar*, verbos que, em português, podem funcionar como *conectivos*: “Torpedo **sai** caro para brasileiros” (*A Tribuna* – 08/06/2007) = Torpedo **fica** caro para brasileiros; “Arroz com feijão **sai** mais em conta” (*A Tribuna* – 29/05/2007) = Arroz com feijão **fica** mais em conta, etc., mesmo que a substituição de um item por outro implique matizes de significado diferentes.

Neste ambiente do grupo (2), *sair*, pelo próprio valor *conectivo* que tem, pode favorecer a anteposição do sujeito, de modo que este se posicione à esquerda do SV, enquanto um outro sintagma (SAdj. Ou SPrep., por exemplo) se localiza à direita, conforme se verifica em seguida:

1. Arroz com feijão **sai** mais em conta (*A Tribuna* – 29/05/2007)
2. Torpedo **sai** caro para brasileiros (*A Tribuna* – 08/06/2007)

Não se quer, aqui, afirmar categoricamente que a posposição do sujeito seria inviável nas sentenças acima, como, por exemplo, “Sai mais em conta arroz com feijão”. Por outro lado, parece-nos muito pouco provável que a posposição se cumpra naturalmente com a sentença 2: “Sai caro torpedo para brasileiros”, até porque, nessa ordem, o sintagma [para brasileiros] pode, ambigualmente, subordinar-se mais a [torpedo] do que ao verbo *sair*: (*sair para brasileiros...*) e não (*torpedo para brasileiros...*).

Essa observação não nos parece desprezível, o que neste caso confirmaria a importância de se convocar também o aspecto pragmático para compreender a ordenação sintagmática das sentenças, aliando-o à sintaxe e à semântica.

No grupo (3), para nós *sair* funciona como “verbo suporte”. Ou seja, o verbo *sair*, nestes casos, tem esmaecida sua natureza verbal, de forma que, unindo-se aos SPreps que se lhe seguem, forma com estes uma unidade:

1. Avestruz brasileiro **sai** na frente do Pan (*A Tribuna* – 02/05/2007)
2. Lula **sai** em defesa da Polícia Federal e nega pressões (*A Gazeta* – 26/05/2007)
3. Médicos **saem** em defesa do uso do sutiã (*A Tribuna* – 29/05/2007)
4. Gêmeas **saem** no tapa em “Paraíso Tropical” (*A Tribuna* – 30/05/2007)

Conforme já advertimos e propusemos no início deste capítulo, com as sentenças 2 e 4 acima, ter-se-ia: “...sai em defesa” = *defende*; “...saem no tapa” = *se estapeiam*. Ou seja, o processo/a ação verbal parece residir mais nos itens lexicais nominais [defesa] e [tapa] do que propriamente nas formas verbais do verbo *sair*, que tem claramente atenuada sua natureza verbal agentiva. Até mesmo na sentença 1 acima, é possível admitir-se “sair na frente” como paráfrase de “frenteia”, já que há na língua portuguesa o verbo “frontear” (colocar-se à frente).

Interessante observação, ainda referente a *sair* como *verbo suporte*, está no fato de tal verbo, nessa condição, ser seguido de um SPrep. encabeçado especialmente pela preposição *em*. Mesmo que, neste caso, os exemplos apresentados não sejam fartos como no grupo (5), julgamos pertinente essa observação.

No grupo (4), embora tenha sido exposta apenas uma sentença, também vale a pena observar o comportamento sintático-semântico do verbo *sair*. Em 4, por exemplo, *sair* se inscreve num período “composto” em que se estabelece uma comparação entre dois elementos – [celular] e [chope]: “Celular sai mais que chope” (A Tribuna – 02/06/2007).

Aqui, entendemos que o verbo *sair* é suprimido na 2ª oração porque já fica implícito. Provavelmente, a anteposição do sujeito [celular] se justifique por ficar este referente em contraposição a outro – [chope], necessitando-se, pois, que, pragmaticamente, o primeiro elemento do “contraste” seja de imediato apresentado na SO, para depois ser apresentado o segundo.

No grupo (5), explicitamente mais numeroso que os demais, encontram-se 60 (sessenta) sentenças-manchetes, nas quais *sair* apresenta valor [+abstrato], a nosso ver. Além disso, e talvez por isso, a maior parte dos SNs (sujeitos?), nesses casos, aparecem pospostos ao verbo.

Também é importante observar que todos os itens lexicais que paradigmaticamente ocupam a posição de sujeito, nesse grupo (5), têm caráter [-animado] e [-agentivo], o que fortalece o fato de a ordem em português vincular-se fortemente ao caráter argumental das formas verbais.

Ou seja, a natureza semântica do verbo pode determinar os tipos de argumentos que esse verbo seleciona. Quando *sair* é utilizado com caráter [+concreto], ou seja, indicando “a ação de deslocar-se de um lugar (concreto) a outro”, por exemplo, é comum que a ordem SV se instale, conforme se pode constatar no grupo (1) apresentado anteriormente.

Nestes casos, também, *sair* costuma selecionar como sujeito argumento [+animado] e [+agentivo], acompanhados de SPreps. que normalmente funcionam como adjuntos adverbiais, e semanticamente indicam *lugar*. A título de esclarecimento, vejamos-se exemplos:

[Dono do Nacional] sai [da cadeia] (*A Tribuna*- 14/04/2007)

[Preso] saiu [da cadeia] há 20 dias (*A Tribuna* – 18/05/2007)

[Bruno] sai [do gol] na última hora (*A Gazeta* – 04/07/2007)

Parece inegável que a posposição do sujeito, nos exemplos acima, fica inibida em função da natureza semântica do verbo *sair*, e pelo próprio caráter [+animado] dos itens lexicais que ocupam a posição de sujeito. Além disso, quando o verbo *sair*, além de selecionar argumento [+animado] para sujeito, seleciona outros elementos na cadeia sintagmática, como adjuntos adverbiais, por exemplo, que acabam por constituir, também, o próprio *foco da informação* da sentença, a posposição do sujeito parece quase uma *anomalia* dentro do sistema linguístico, o que não se quer afirmar ser impossível.

Em contrapartida, de acordo com o que já vimos mostrando, as sentenças-manchetes do grupo (5) apresentam, maciçamente, itens lexicais inanimados na posição de sujeito, e conseqüentemente [-agentes], [-volitivos], [-controladores] da ação/do processo verbal. Esses traços, inclusive, apontam para a favorável posposição do sujeito, nesses casos, embora, a nosso ver, esses sintagmas se comportem mais como objetos do que como sujeitos propriamente ditos (prototípicos).

Vale a pena reiterar que a natureza argumental do verbo *sair* é fundamental para a organização sintagmática das sentenças. Ou seja, mesmo que *sair*, em todas as ocorrências do grupo (5), seja um verbo de caráter [+abstrato], pois aqui não indica “deslocar-se de um lugar (concreto) a outro”, por exemplo, a posposição do sujeito parece cumprir-se mais facilmente se este verbo *não* selecionar adjunto adverbial.

Além disso, no grupo (5), quando o verbo *sair* seleciona adjunto adverbial, favorece o aparecimento de SPreps que exercem essa função mas que semanticamente expressam outro valor que não seja de *lugar*, mas de *tempo*, conforme pode ser verificado em seguida:

Edital do centro de eventos sai em 2 meses

DENISE ZANDONADI
dzandonadi@redegazeta.com.br

Em 60 dias, o governo estadual deverá divulgar o edital para a construção do centro de eventos na área do Aeroporto de Vitória. Antes disso, no entanto, o governo terá um encontro entre empresários interessados em investir na obra e a Prefeitura de Vitória para explicar o projeto e o investimento.

O anúncio foi feito ontem pelo secretário de Desenvolvimento Econômico, Guilherme Dias, que esteve na semana passada em Portugal, acompanhando o governador Paulo Hartung. Eles foram ao país a convite da Câmara de Comércio Luso-Brasileira e

da Câmara de Comércio Brasil Portugal.

O projeto do centro chamado de multieventos foi mostrado aos empresários portugueses que manifestaram interesse em investir no Espírito Santo. "Temos 50 empresas que já manifestaram interesse em participar do centro de eventos, que terá teatro, centro de convenção, restaurante, shopping center, prédio comercial e residencial", explicou Dias.

A obra está orçada em R\$ 100 milhões e deverá estar concluída no final de 2009. A expectativa é de que o atraso nas obras de ampliação da pista do aeroporto não prejudique a construção do centro de eventos.

Figura 37. Edital do centro II – A Gazeta – Vitória (ES), 29/05/2007

Consulta ao segundo lote do IR sai na 2ª

A Receita Federal deve liberar até segunda-feira a consulta ao segundo lote de restituição do Imposto de Renda da Pessoa Física 2007, ano-base 2006.

O dinheiro estará nos bancos a partir do dia 16 de julho, conforme calendário divulgado pela Receita Federal. A consulta poderá ser feita pela página da Receita na internet (www.receita.fazenda.gov.br) ou pelo telefone 0300-789-0300. Basta informar o número do CPF.

O valor da restituição será corrigido pela Taxa Selic. O contribuinte que não informou a

conta para crédito da restituição deverá se dirigir a uma das agências do Banco do Brasil ou ligar para 4004-0001 nas capitais ou 0800-729-0001 nas demais cidades e pedir a transferência do dinheiro para qualquer banco do qual seja correntista.

No primeiro lote, liberado em junho, apenas os contribuintes com mais de 60 anos receberam restituição de imposto. Foram processadas naquele lote 14,12 milhões de declarações, das quais 932,7 mil tiveram dinheiro a receber.

Figura 38. Lote do IR – A Tribuna – Vitória (ES), 05/07/2007

É curioso observar que, mesmo que os SNs sujeitos acima sejam [+pesados], aspecto que já foi demonstrado em outro momento deste trabalho, eles aparecem antes do verbo. Normalmente, nessas condições, sintagmas-sujeitos formados por *mais de três palavras*, e por isso [+pesados], costumam colocar-se à direita do verbo, conforme exemplos seguintes, entre tantos outros apresentados no grupo (5):

Saem regras de isenção da taxa do Cefet

As inscrições para isenção de taxa do processo seletivo acontecem nos próximos dias 12 e 13. Serão 700 candidatos beneficiados

O Centro Federal de Educação Tecnológica do Espírito Santo (Cefet-ES) divulgou as regras para isenção do pagamento da taxa de inscrição do seu processo seletivo.

Os interessados devem procurar as unidades do Cefet de Vitória, Cachoeiro, Colatina e São Mateus nos próximos dias 12 e 13, de 9 às 17 horas. Serão beneficiados com a isenção 700 candidatos.

Eles deverão obedecer os seguintes critérios: não ter curso superior; não estar matriculado em qualquer instituição de nível superior; ter cursado todo o

ensino fundamental e/ou ensino médio unicamente em instituições públicas; ter renda familiar de até R\$ 525,00 mensais; não estar matriculado em cursos técnicos ou superiores do sistema Cefet-ES.

O processo seletivo vai oferecer vagas para os cursos técnicos integrados com ensino médio, técnicos subsequentes, superiores de tecnologia e Engenharia.

A relação dos candidatos isentos será afixada nos murais do Cefet-ES no dia 2 de maio. Após o resultado, o estudante deverá se apresentar até o dia 4 de maio para retirar e devolver o material referente à inscrição.

Sai resultado final da seleção da Cesan

A Companhia Espírito-Santense de Saneamento (Cesan) divulgou ontem o resultado final do concurso público para o preenchimento de 16 vagas, das quais 10 para engenheiro civil e seis para analista de sistemas.

Segundo informações divulgadas pela companhia, os candidatos aprovados dentro do número de vagas previsto no edital de abertura do concurso

devem comparecer na Cesan, no próximo dia 20, das 9 às 12 horas, munidos de toda a documentação exigida no edital e na forma por eles indicada.

Os candidatos devem se apresentar na Rua do Rosário, nº 150, Edifício Telomar, 2º andar, em Vitória. As vagas são para trabalhar na Grande Vitória e no interior do Estado. O salário é de R\$ 2.626,47.

Figura 39. Cefet. A Tribuna – Vitória (ES), 02/04/2007

Figura 40. Cesan – A Tribuna – Vitória (ES), 10/04/2007

Se ocorressem nas manchetes acima adjuntos *adverbiais*, por exemplo, é provável que se instalasse a ordem SV, como se se pudesse dizer: ***Regras de isenção da taxa do Cefet saem amanhã/no sábado/no próximo mês...; Resultado final da seleção da Cesan sai amanhã/na sexta/no próximo mês...*** É como se a presença de apenas um *elemento* selecionado pelo verbo inibisse a ordem SV, sobretudo quando *sair* tem caráter [+abstrato], pois não se detectou ocorrência de SV com *sair* [+abstrato] sem a presença de um *adjunto*, o que parece indicar que sentenças como estas contrariam a índole da língua: ****Regras de isenção da taxa do Cefet saem; *Resultado final da seleção da Cesan sai.***

Ou seja, quando há apenas sujeito, a posposição desse elemento com o verbo *sair* parece mais favorável, pois das 60 (sessenta) manchetes apresentadas no grupo (5), em que esse verbo é usado com sentido [+abstrato], em apenas 08 (oito) o sujeito aparece anteposto, enquanto aparece posposto em 52 (cinquenta e duas) ocorrências. Ou seja, enquanto a anteposição do sujeito se dá numa ordem de 13,4% apenas, a posposição tem incidência de 86,6%.

No sentido de mostrar como a posposição do sujeito com o verbo *sair* também está fortemente vinculada à presença de *adjunto adverbial de tempo* na sentença, observem-se as matérias seguintes, cujas manchetes se organizam, respectivamente, em SV e VS:

Calendário do PIS sai até sexta-feira

O calendário de pagamento do PIS/Pasep 2007 deverá ser divulgado até o final desta semana, de acordo com informações do Ministério do Trabalho.

As novas datas são referentes ao ano-base 2006 para trabalhadores da iniciativa privada e servidores públicos. Um cronograma foi divulgado ontem por um jornal do Rio de Janeiro, mas a Caixa informou que os dados não estão corretos.

Até o dia 30 deste mês, a Caixa Econômica Federal e o Banco do Brasil vão pagar os abonos relativos a 2006 (ano-base 2005) para aqueles que ainda não fizeram o saque do calendário do ano passado.

No Espírito Santo, 90,1% dos beneficiados pelo Pasep já retiraram o abono no Banco do Brasil e 90,53% dos cadastrados no PIS fizeram seu saque na Caixa, conforme informaram as instituições.

Figura 41. Calendário do PIS I – A Tribuna – Vitória (ES), 06/06/2007

Sai o calendário do PIS

O pagamento do abono começa no dia 8 de agosto. O dinheiro é liberado de acordo com a data de nascimento

ANOTE
Todos os beneficiados receberão o abono até 30 de junho de 2006

Nascidos em	Recebem em
Julho	08/08
Agosto	15/08
Setembro	22/08
Outubro	12/09
Novembro	19/09
Dezembro	25/09
Janeiro	05/10
Fevereiro	17/10
Março	24/10
Abril	09/11
Maio	13/11
Junho	21/11

Final de inscrição

Final de inscrição	Início de pagamento
0 e 1	08/08
2 e 3	15/08
4 e 5	22/08
6 e 7	29/08
8 e 9	12/09

Começa a partir do dia 8 de agosto o pagamento do abono e dos rendimentos para os 12 milhões de trabalhadores inscritos no Programa de Formação do Patrimônio do Servidor Público (Pasep) e Programa de Integração Social (PIS) referentes ao ano-base 2005. No Estado, a estimativa é de que sejam beneficiados 250 mil trabalhadores.

O Conselho Deliberativo do Fundo de Amparo ao Trabalhador (Codelat) aprovou ontem o calendário de pagamento do benefício do abono salarial para o exercício 2006/2007. O saque inicia em agosto e termina no fim de 2008.

O abono de um salário mínimo anual é devido ao trabalhador e servidor que receberam, em média, até dois salários mínimos reais no ano-base (2005), estavam cadastrados no PIS/Pasep em 2006 há, no mínimo, cinco anos e que tenham trabalhado, pelo menos, 30 dias naquele ano.

Os trabalhadores cadastrados no PIS recebem o abono salarial nas agências beneficiárias da Caixa Econômica Federal. Já os inscritos no Pasep, são pa-

gos pelo Banco do Brasil.

De acordo com o Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), R\$ 4,75 bilhões serão repassados pelo Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT) aos beneficiados.

O número de pessoas que têm direito a receber o benefício aumentou cerca de 10% do que trabalhadores identificados no exercício anterior.

Na opinião do ministro do Trabalho, Carlos Lupi, o número recorde de beneficiários do abono demonstra a tendência de crescimento de postos de trabalho formais em 2007.

Para efetuar o saque, os trabalhadores terão que apresentar o número do PIS ou do Pasep e a carteira de identidade. O beneficiado também pode sacar o abono em qualquer cidade do País.

Do calendário do ano passado, cerca de 1,1 milhão de trabalhadores e servidores ainda não sacaram o abono salarial, ano-base 2005. O pagamento deste calendário se encerra no próximo dia 29 de junho.

O MTE envia, na próxima semana, uma carta para alertar sobre o encerramento do calendário do último abono.

Figura 42. Calendário do PIS II – A Tribuna – Vitória (ES), 07/06/2007

É de se notar que a posposição do sujeito, em relação ao mesmo conteúdo veiculado pelas matérias jornalísticas, cumpriu-se num momento em que o sintagma [*calendário do PIS*] já não constituía necessariamente informação nova, fato que vem relativizar o argumento de que a ordem VS costuma funcionar como uma estratégia apresentativa.

Parece que o apagamento do SPrep. *adjunto adverbial de tempo [até sexta-feira]*, no segundo texto anterior, contribui sobremodo para que o sujeito se apresente posposto na manchete, ficando assim impedida a seqüência “O calendário do PIS sai”, construção que

parece não se cumprir (ou pelo menos efetivar-se com frequência ínfima), quando o verbo *sair* apresenta conotação [+abstrata].

Voltando às manchetes anteriores, reitera-se que não parece natural a anteposição do sintagma-sujeito sem que também se manifeste na sentença o SPrep-adjunto adverbial, conforme pode ser constatado em seguida:

* **Edital de concurso sai**

* **Edital do concurso da PRF sai**

Sem o adjunto adverbial de tempo, parecem mais favoráveis à índole da língua as seguintes sentenças:

Sai edital de concurso

Sai edital do concurso da PRF

Observe-se a anteposição do sujeito com o verbo *sair* nas oito situações encontradas em nosso *corpus*:

1. [Gabarito do Prominp] **sai** [hoje] (A Tribuna – 16/04/2007)
2. [Relatório] **sai** [em 10 dias] (A Tribuna – 17/04/2007)
3. [Primeiro relatório sobre acidente] **sai** [esta semana] (A Tribuna – 23/04/2007)
4. [Aumento de salário] **sai** [após o feriado] (A Tribuna – 29/04/2007)
5. [Sentença] **sai** [em 90 dias] (A Tribuna – 19/05/2007)
6. [Edital do centro de eventos] **sai** [em 2 meses] (A Gazeta – 29/05/2007)
7. [Calendário do PIS] **sai** [até sexta-feira] (A Tribuna – 06/06/2007)
8. [Consulta ao segundo lote do IR] **sai** [na 2ª] (A Tribuna – 05/07/2007)

É possível verificar-se com mais clareza como a presença dos SPreps-adjuntos adverbiais de tempo se dá em todas as sentenças acima, justamente aquelas em que se favorece a anteposição do sujeito. Se esses sintagmas se apagassem, a ordem licenciada certamente seria a VS, conforme já advertimos anteriormente.

Não basta somente levantar o fato de que a posposição do sujeito costuma ocorrer com verbos mono-argumentais, em português, até porque com *sair*, que é um verbo tipicamente intransitivo, ora fica licenciada a ordem SV, ora fica licenciada a ordem VS.

Há que se observar que analisar o comportamento dos verbos intransitivos, que não é homogêneo, conforme já expusemos por meio de estudos de Pezatti (1993) e Ciríaco e Cançado (2004), é tarefa fundamental para se entender tanto a ordem SV quanto a ordem VS.

Em outro momento, neste trabalho, já expusemos o caráter inergativo e inacusativo dos verbos mono-argumentais. Resta, porém, observar em que categoria desta encaixa-se o verbo *sair*, que para nós, por ser um verbo polissêmico, não é necessariamente o mesmo verbo quando aparece com valor [+concreto] e/ou [+abstrato], pois:

SAIR parece sinalizar *inergatividade* quando:

- a) seleciona SN-sujeito que costuma ser *desencadeador* de um processo/uma ação verbal e ter mais controle sobre esse(a) processo/ação;
- b) aceita mais facilmente *expressão durativa*;
- c) não aceita facilmente *posposição do SN-sujeito*;
- d) aceita *indeterminação do SN-sujeito*;
- e) não aceita *particípio absoluto*.

No sentido de ilustrar os parâmetros apontados acima, adaptados da obra de Ciríaco e Cançado (2004), considere-se o exemplo a seguir:

Preso sai da cadeia e assalta estudante

Detento da Penitenciária Agrícola rendeu universitária na Praia do Suá. Ele foi perseguido e acabou preso

Uma representante de medicamentos e universitária, de 45 anos, foi assaltada por um preso da Penitenciária Agrícola de Viana, que cumpre pena em regime semi-aberto. O acusado Eliezer Pereira de Souza, 31, rendeu a mulher quando ela tinha acabado de entrar em seu carro - um Gol prata - na praça Demóstenes Filho, na avenida César Hilal, Praia do Suá, em Vitória.

A vítima foi libertada 100 metros depois e Eliezer fugiu com o carro da vítima. Ele chegou a ser perseguido pela universitária até a Praia do Canto, na Reta da Penha, depois que ela conseguiu ajuda de um motorista.

Eliezer escapou no meio do trânsito e só foi preso em Jardim

Limoeiro, na Serra, na Rodovia Norte-Sul, num cerco da polícia. Com ele, os policiais apreenderam um revólver calibre 32, com sete projéteis intactos.

O crime aconteceu às 17 horas de quinta-feira. A universitária, que faz o curso Tecnologia de Petróleo e Gás e também é representante de remédios, tinha ido fazer uma visita a um cliente e foi rendida quando voltou do encontro. O acusado esperou a vítima entrar no carro para abrir a mesma porta.

Ele disse que a universitária tinha "perdido" e a obrigou a passar para o banco do carona. Então, assumiu a direção do carro, saindo em alta velocidade. Desesperada, a vítima pediu para o acusado não levá-la refém e o

pedido foi aceito pelo preso, que acabou abandonando a estudante na mesma rua.

Ela correu e pediu ajuda a alguns motoristas que passavam no local. Como teve seu celular roubado, usou um telefone emprestado para acionar a Polícia Militar.

Um dos motoristas aceitou sair em perseguição ao acusado e foi com a universitária, mas o perdeu de vista na Praia do Canto, perto da Igreja Santa Rita.

Policiais do Grupo de Apoio Operacional (GAO), na radiopatrulha 1485, foram avisados sobre o assalto e 40 minutos depois do crime viram o Gol da universitária passar em Jardim Limoeiro. O trânsito de veículos estava intenso, mas o acusado foi cercado e preso no carro.

Eliezer confessou o crime e disse que é interno da Penitenciária Agrícola, de onde saiu sem autorização para procurar um irmão. O crime pelo qual ele responde não foi informado.

Ele foi autuado em flagrante por assalto no DPJ de Vitória, pelo delegado Mário Brocco Filho.

Figura 43. Preso assalta estudante II – A Tribuna – Vitória (ES), 12/05/2007

Na manchete do texto supramencionado, é possível detectar-se que:

- a) o SN *preso* parece desencadear a ação verbal (ele “fugiu” e não “foi liberado”);
- b) é possível acrescentar-se à sentença uma expressão durativa, como, por exemplo, “Preso sai da cadeia [por duas horas] e assalta estudante”;
- c) a posposição do sujeito, aqui, até mesmo pelo fato de termos um período composto, parece contrariar a índole da língua: “*Da cadeia sai preso e assalta estudante”; seria possível a posposição, porém, desde que se subordinasse ao sintagma *preso* uma *oração atributiva* – “Da cadeia sai preso que assaltou estudante”, por exemplo;
- d) é possível indeterminar-se o sujeito – “Saíram da cadeia...”, por exemplo;
- e) não é possível usar-se particípio absoluto – “*Saído da cadeia, preso assalta estudante”.

Todavia, em contextos nos quais o verbo *sair* tem caráter [+abstrato], as possibilidades acima parecem anular-se, de tal forma que:

SAIR parece sinalizar *inacusatividade* quando:

- a) seleciona SN-sujeito que costuma ser *afetado* pelo processo verbal e não ter controle sobre esse processo;
- b) não aceita *expressão durativa*;
- c) favorece a *posposição do sujeito*;
- d) não aceita *indeterminação do sujeito*;
- e) aceita *particípio absoluto*.

É possível testar os parâmetros acima, embora nem todos se cumpram com exatidão – estamos lidando com prototypicalidade - a partir do seguinte exemplo:

Sai o edital do concurso para o TRF

As inscrições vão começar
no dia 2 de maio. As taxas
são de R\$ 40, R\$ 60 ou R\$ 70,
de acordo com o cargo

O Tribunal Regional Federal da 2ª Região, que abrange os estados do Espírito Santo e Rio de Janeiro, publicou ontem as regras do concurso que será promovido pelo órgão. A maior parte das oportunidades é para cadastro de reserva.

As inscrições para o processo seletivo terão início no dia 2 de maio e poderão ser feitas via internet (www.concursosfcc.com.br) até às 20h30 do dia 10 do mesmo mês.

E quem optar por se inscrever nas agências credenciadas da Caixa Econômica Federal terá mais um dia de prazo, ou seja, até 11 de maio.

As taxas custam: R\$ 40,00 (nível fundamental), R\$ 60,00 (nível médio) e R\$ 70,00 (nível superior). O candidato que realizar sua inscrição via internet poderá efetuar o pagamento do valor da inscrição por meio de boleto bancário, pagável em qualquer banco.

Segundo o edital do concurso, o candidato deverá optar, no ato da inscrição, por vaga no

Rio de Janeiro ou no Espírito Santo, indicando o código de opção de cargo/área/especialidade/estado de classificação.

Ainda conforme o documento, o candidato que optar por vaga no Espírito Santo poderá ser lotado na capital ou municípios onde existam ou venham a existir varas federais.

As remunerações iniciais são: R\$ 1.599,95 (auxiliar), R\$ 2.855,13 (técnico) e R\$ 4.736,60 (analista). Estes valores a partir de dezembro de 2008 chegarão a R\$ 1.988,18, R\$ 3.993,09 e R\$ 6.551,52, respectivamente.

PROVAS

A aplicação das provas objetivas e de redação está prevista para o dia 1º de julho. No período da manhã haverá provas para os candidatos aos cargos de técnico judiciário. Na parte da tarde, por sua vez, serão realizados os exames para aqueles que disputam cargos de analista judiciário e auxiliar judiciário.

E, por fim, as provas práticas estão previstas para os dias 27 e 28 de novembro.

Figura 44. TRF – A Tribuna – Vitória (ES), 29/03/2007

Em *Sai o Edital do concurso do TRF*:

- o SN-sujeito *não* desencadeia o processo verbal, até porque o item lexical núcleo do sujeito [edital], por ser [-animado], contribui para isso;
- não parece muito viável, no contexto pragmático em que se insere este texto, o acréscimo de *expressão durativa* – “*Sai [por duas horas] edital do concurso do TRF”;
- a posposição do sujeito é favorecida;
- a indeterminação do sujeito não parece possível – “*Saíram edital do concurso do TRF”;
- o particípio absoluto parece mais possível do que no exemplo anterior – “Saído (publicado/divulgado) o edital do concurso do TRF...”

Acreditamos que o comportamento do verbo *sair*, na língua portuguesa, deve ser avaliado, prioritariamente, em função de motivações semânticas, pois julgamos que há “mais de um verbo *sair*”, assim:

SAIR:

- a) [+concreto];
- b) selecionador de argumento externo [+animado], [+agente], [+volitivo], [+desencadeador] de processo/ação verbal e, portanto, [+favorável à anteposição do sujeito];
- c) [+inergativo].

SAIR:

- a) [+abstrato];
- b) selecionador de argumento externo [-animado], [-agente], [-volitivo], [+afetado] pelo processo verbal e, portanto, [+favorável à posposição do sujeito];
- c) [+inacusativo].

É importante registrar que os SNs pospostos com o verbo *sair* [+abstrato] costumam ser apresentados *pela primeira vez*, no corpo do texto, na posição de SNs *objetos*, o que parece confirmar que os sintagmas que se posicionam à direita dos verbos, sobretudo quando são SNs [-animados], funcionalmente tendem a ocorrer mais como *argumentos internos*, no discurso.

Para exemplificação do que expusemos no parágrafo anterior, observem-se as seguintes manchetes, acompanhadas do primeiro período de seus respectivos textos:

1. **Sai resultado da prova de Guarapari** (*A Tribuna* – 27/03/2007)

A Prefeitura de Guarapari liberou [o resultado da prova objetiva do magistério aplicada no último dia 11].

2. **Sai lista de aprovados para agente penitenciário** (*A Gazeta* – 28/03/2007)

A Secretaria de Estado da Justiça (Sejus) divulgou ontem [a relação provisória dos candidatos aprovados no processo seletivo], que visa ao preenchimento de 345 vagas para o cargo de agente penitenciário – designação temporária.

3. **Sai resultado de exames para a PM** (*A Tribuna* – 30/03/2007)

A Polícia Militar divulgou [o resultado provisório da avaliação psicossomática do concurso para admissão do Curso de Formação de Soldados.]

4. **Saem regras de isenção da taxa do Cefet** (*A Tribuna* – 02/04/2007)

O Centro Federal de Educação Tecnológica do Espírito Santo (Cefet-ES) divulgou [as regras para isenção do pagamento da taxa de inscrição do seu processo seletivo.]

5. **Sai lista de aprovados na Prefeitura** (*A Tribuna* – 07/04/2007)

A Prefeitura Municipal de Vitória está publicando hoje, no Classifácil de A Tribuna, [a lista dos 1.267 aprovados no processo seletivo simplificado destinado à contratação de auxiliar de vigilância ambiental.]

6. **Sai reajuste para servidor de Vitória** (*A Gazeta* – 11/04/2007)

Foi aprovada, na sessão de ontem à noite da Câmara de Vereadores, a mensagem do prefeito João Coser com o projeto que autoriza [a concessão de um aumento de 5% para os servidores do quadro geral da Prefeitura de Vitória], com exceção dos profissionais da saúde, que já tiveram aumento diferenciado.

Em todos os exemplos acima, os SNs em destaque manifestam-se, inicialmente, como argumentos internos, ou seja, objetos. E os SNs pospostos que aparecem nas manchetes apresentam traços que os identificam mais como complementos do que como sujeitos, tais como:

- a) são [-animados];
- b) são [-volitivos];
- c) são [+afetados] pelo processo verbal e, portanto, têm característica [+passiva].
- d) são instrumentos lingüísticos que introduzem objetos de discurso.

Logo, mesmo que, nas manchetes VS examinadas neste estudo, não seja possível *cliticizar* os sintagmas pós-verbais, conforme argumentos de Kato (1981), em contraposição a Pontes (1986), a fim de que eles possam ser tomados como *objetos* (estes, normalmente, são comutados por um *clítico* - Encontrei **o livro** = Encontrei-**o**), nós concordamos com a última autora, pois a posposição do sujeito em português não tem tornado obrigatória a concordância verbal, aspecto que contribui para caracterizar um SN como objeto, já que este não desencadeia tal fenômeno.

Além disso, a possibilidade de utilização de um *clítico* em lugar de um sintagma-objeto tem sido, no português atual, um procedimento praticamente nulo, pois cada vez mais essas construções com clíticos de 3º pessoa (Encontrei **o livro** = Encontrei-**o**) têm desaparecido, ocorrência que em pouco tempo, provavelmente, constitua um “arcaísmo” na língua.

Pode-se dizer, também, que as manchetes que apresentam o verbo *sair* com características [+abstratas] configuram sentenças com uma única unidade informacional, no dizer de Pezatti (1993, p. 163), de tal forma que, nestes casos, é possível que se diluam as estruturas tópico *versus* comentário: quando o falante coloca o SN em posição pós-verbal,

“descaracteriza-o, então, como sujeito e tópico da sentença, de modo que a sentença toda é a expressão do estado de coisas” (Pezatti, 1993, p. 162).

Finalmente, retomando-se estudos de Ciríaco e Cançado (2004), reiteramos que a natureza semântica de *sair* em contextos em que tal verbo tem caráter [+abstrato] colabora para que se instale favoravelmente a ordem VS. Até porque, nestes casos, a identidade [+inacusativa] desse verbo também estimula que os SNs por ele selecionados sejam elementos [+afetados] e, por isso, num universo de prototipicalidade, adquiram mais características de *objeto* do que de *sujeito*.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho, inicialmente, propunha-se analisar o papel discursivo da ordem VS (verbo + sujeito) nas manchetes jornalísticas. Para isso, partimos de estudos canônicos como os de Pontes (1986, 1987), para os quais o SN pós-verbal (sujeito) tem comportamento muito semelhante aos argumentos internos. Ou seja, SN pós-verbal, embora nem sempre o faça, costuma carregar informações novas no discurso, papel que na maioria das vezes se reserva aos objetos, e não aos sujeitos. Por isso, a autora defende que o sujeito posposto, embora represente essa função sintaticamente, tem mais traços que o identificam como argumento interno do que externo.

No decorrer de nosso estudo, empreendemos também uma releitura da estrutura funcional da sentença do português. Ou seja, é comum, nas sentenças da língua, que uma parte constitua *informação conhecida* (dada) entre interlocutores; outra parte, por sua vez, costuma apresentar *informação nova*. Para as duas, respectivamente, são usados os emblemas *tema-rema*, *tópico-comentário*, *dado-novo*, e até mesmo *sujeito-predicado*, elementos sintáticos presentes na maioria dos enunciados da língua e que parecem coincidir grandemente com *tópico-comentário*.

Como nosso estudo apoiou-se em pressupostos funcionalistas, para os quais as categorias lingüísticas não devem ser tomadas de modo discreto, avaliamos que essa articulação *tópico-comentário* não deve ser estudada axiomáticamente, uma vez que também podem ser encontradas no *rema* informações conhecidas, conforme afirma Ilari (1992). Além disso, os SNs pospostos nem sempre informam conteúdos novos.

Essas observações levaram-nos a estabelecer um confronto entre a ordem VS e a ordem SV: muitas vezes, identificamos traços comuns tanto à primeira quanto à última, fato que nos impediu de fazer afirmações categóricas que privilegiassem uma ordem em detrimento da outra.

Em vista disso, verificamos que a ordenação sintagmática das sentenças do português, especificamente a das manchetes jornalísticas, deve ser examinada não apenas à luz da *sintaxe*, mas também à luz da *semântica* e da *pragmática*. Também não parece produtivo categorizar que na articulação *tema-rema* o primeiro elemento diz respeito a uma informação partilhada, enquanto o segundo corresponde a uma informação nova. Ademais, as informações contidas no tópico das sentenças também podem estar vinculadas à memória discursiva do interlocutor.

Não tivemos a pretensão de esgotar qualquer discussão aqui empreendida. Até porque, ciência não se faz com dogma. Buscamos uma releitura do papel discursivo da ordem VS em português, e concluímos que tanto esta quanto a ordem SV devem ser analisadas num *continuum*. Nem sempre onde uma ocorre pode ocorrer a outra. Ou seja, dizer ***Nair Bello morre aos 75 anos*** (*A Tribuna*, 18/04/2007) pode não ser adequado num ambiente discursivo cuja *finalidade* seja dizer ***Aos 75 anos, morre Nair Bello***, se se quiser, por exemplo, topicalizar a idade da atriz e/ou lamentar sua morte ainda precoce.

Certamente ficam abertas outras observações como, por exemplo, a possibilidade de o verbo *sair* estar em processo de *gramaticalização*, no português, especificamente nos contextos em que tal verbo expressa conteúdo [+abstrato] e ocupa posição [+fixa] nas sentenças, conforme já expusemos no último capítulo desta dissertação.

Defendemos, basicamente, o seguinte:

1. As sentenças VS e SV, nas manchetes jornalísticas, devem ser analisadas, *simultaneamente*, sob a tutela da *sintaxe*, da *semântica* e da *pragmática*;
2. Nas manchetes jornalísticas, as sentenças VS nem sempre são utilizadas como *estratégia de apresentação* de uma notícia;
3. SNs pós-verbais, nas manchetes jornalísticas, mesmo que funcionem, sintaticamente, como *sujeitos*, costumam ser introduzidos, no discurso, como *objetos*, o que confirma a hipótese de que, nessa condição pós-verbal, SNs podem até ser sujeitos do ponto de vista sintático, mas não o são nem semântica nem pragmaticamente;
4. O verbo *sair*, quando ocorre na ordem VS, nas manchetes jornalísticas, tem exibido caráter [+abstrato], aspecto que favorece sua posição [+fixa] na sentença;
5. O verbo *sair*, quando ocorre com caráter [+abstrato], costuma selecionar, além de sujeito, adjunto adverbial.

6. REFERÊNCIAS

A Gazeta, Vitória (ES), mar. a jul. de 2007.

A Tribuna, Vitória (ES), mar. a jul. de 2007.

ABRAÇADO, J. **Ordem de palavras**: da linguagem infantil ao português coloquial. Niterói: EdUFF, 2003.

ABREU, A. S. **Gramática mínima** para o domínio da língua padrão. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003. Vol. 1.

ANTUNES, I. **Muito além da gramática**: por um ensino de línguas sem pedras no caminho. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

AZEREDO, J. C. de. **Fundamentos de gramática do português**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

BAGNO, M. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação lingüística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2000.

BERLINCK, R. de A. **A ordem VS no português do Brasil**: sincronia e diacronia. Dissertação de mestrado. Campinas, UNICAMP, 1988.

_____. A construção V + SN no português do Brasil: uma visão diacrônica do fenômeno da ordem. In: TARALLO, F. (org.). **Fotografias sociolingüísticas**. Campinas: Pontes, 1989.

_____. Nem tudo que é posposto é novo: estatuto informacional do SN e posição do sujeito em português. **Alfa**. São Paulo, v. 41, 1997, p. 57-78.

BITTENCOURT, V. O. **A posposição do sujeito em português**. Dissertação de mestrado. Belo Horizonte, UFMG, 1979.

BORBA, F. da S. **Organização de dicionário**: uma introdução à lexicografia. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

CÂMARA JR. J. M. **História e estrutura da língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1976.

_____. **Princípios de lingüística geral**. 6. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1980.

CARONE, F. **Morfossintaxe**. 8. ed. São Paulo: Ática, 1999.

CIRÍACO, L.; CANÇADO, M. Inacusatividade e inergatividade no PB. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, vol. 46(2), p. 207-225, 2004.

CEGALLA, D. P. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. 38 ed. São Paulo: Editora Nacional, 1995.

COELHO, I. **A ordem V-DP em construções monoargumentais**: uma restrição sintático-semântica. Tese de doutorado. UFSC, 2000.

_____. **Ordem VS e Sujeito Nulo em PB e PE**. Trabalho apresentado no colóquio “Português Europeu-Português Brasileiro: Unidade e Diversidade na Passagem do Milênio”, XVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Lingüística. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2001.

CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

CUNHA, M. A. F. da. **et al.** Pressupostos teóricos fundamentais. In: CUNHA, M. A. F. da; OLIVEIRA, M. R. de.; MARTELOTTA, M. E. (orgs.). **Lingüística funcional**: teoria e prática. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

ELICHIRIGOITY, M. T. P. **Estruturas sintáticas marcadas por reordenação em dissertação de vestibulandos**. Dissertação de mestrado. Santa Catarina, UFSC, 1997.

GIVON, T. **On understanding Grammar**. New York: Academic Press, 1979.

_____. Topic continuity in discourse: the functional domain of switch reference. In: HAIMAN, J. (org.). **Switch reference, typological studies in language**. Amsterdam, J. Benjamins's, vol. 2, 1981.

_____. Iconicity, isomorphism and non-arbitrary coding in syntax. In: HAIMAN, J. **Iconicity in syntax**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamin's Publishing Company, p. 187-219, 1985.

_____. The pragmatics of word order: predictability, importance and attention. In: HAMMOND, Michael; MORAVICSIK, Edith; WIRTH, Jessica R. **Studies in syntactic typology**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, p. 244-84, 1988.

_____. **A functional-typological introduction**. Amsterdam: John Benjamin's Publishing Company, 1990.

ILARI, R. **Perspectiva funcional da frase portuguesa**. 2 ed. rev. São Paulo: Editora da UNICAMP, 1992.

KATO, M. A.; NASCIMENTO, M. Preenchedores aspectuais e o fenômeno da flutuação dos quantificadores. In: CASTILHO & BASÍLIO (orgs.). **Gramática do português falado**. Vol. IV, Campinas, SP. Ed. da UNICAMP, FAPESP, 1996.

LIRA, S. A. **Nominal, pronominal and zero subject in Brazilian Portuguese**. Tese de doutorado. Philadelphia, University of Pennsylvania, 1982.

LUCCHESI, D. **Sistema, mudança e linguagem**: um percurso na história da lingüística moderna. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

LYONS, J. **Semantics**. Cambridge. Cambridge University Press, vol. 2, 1977.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. 3. ed. revista e ampliada. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2005a.

_____. O barco textual e suas âncoras. In: KOCH, I. V.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. (orgs.). **Referenciação e discurso**. São Paulo: Contexto, 2005b.

_____. Referenciação e progressão tópica: aspectos cognitivos e textuais. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, v. 48 (1), p. 7-22, 2006.

MARTELOTTA, M. E.; AREAS, E. K. A visão funcionalista da linguagem no século **XX**. In: CUNHA, M. A. F. da.; OLIVEIRA, M. R. de.; MARTELOTTA, M. E. (Orgs.). **Lingüística funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

MARTINET, A. **Elementos de lingüística geral**. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1964.

MATEUS, M. H. M. *et al.* **Gramática da língua portuguesa: elementos para a descrição da estrutura, funcionamento e uso do português actual**. Coimbra: Almedina, 1983.

_____. **Gramática da língua portuguesa**. 5. ed. revista e aumentada. Lisboa: Caminho, 2003.

MELO, G. C. de. **Gramática fundamental da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1968.

NARO, S.; VOTRE, A. **Emergência da sintaxe como efeito discursivo**. Rio de Janeiro, 1986. (Relatório final de subsídios sociolingüísticos do Projeto Censo à Educação – FINEP).

_____. **A base discursiva da ordem verbo-sujeito em português**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1991.

_____. **Discourse Motivations for Linguistic Regularities: verb/subject order in spoken Brazilian Portuguese**. *PROBUS*, **11, 1**: 76-100, 1999.

NEVES, M. H. M. A gramática de usos é uma gramática funcional. **Alfa**, v. 41, p. 15-24, 1997.

_____. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. **Texto e gramática**. São Paulo: Contexto, 2006.

PERINI, M. A. Um aspecto da interpretação do tópico em português. Série Estudos. 7. Uberaba: FIU, 1981.

_____. **Gramática descritiva do português**. 2 ed. São Paulo: Ática, 1996.

_____. **Princípios de lingüística descritiva: introdução ao pensamento gramatical**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

PERLMUTTER, D. Evidence for subject downgrading in Portuguese. In: SCHMIDT-RADEFELDT, J. (org.). **Reading in Portuguese linguistics**. Amsterdam, Academic Press, 1976.

PEZATTI, E. G. A ordem de palavras e o caráter nominativo/ergativo do português falado. **Alfa**, vol. 37, p. 159-178, 1993.

_____; CAMACHO, R. G. Ordenação de constituintes na sentença: uma interpretação funcional. **Alfa**, v. 41, p. 99-126, 1997.

PEZATTI, E. G. O funcionalismo em lingüística. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (orgs.). **Introdução à lingüística: domínios e fronteiras**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 3 v. p. 165-218, 2005.

PILATI, E. **Aspectos sintáticos e semânticos das orações com verbo-sujeito no português do Brasil**. Tese de doutorado, UnB, 2006.

PINTO, M. **Licensing and Interpretation of Inverted Subjects in Italian**. Tese de doutorado. LED, Utrecht, 1997.

PONTES, E. **Sujeito: da sintaxe ao discurso**. São Paulo: Ática, 1986.

_____. **O tópic**o no português do Brasil. Campinas, SP: Pontes, 1987.

ROCHA LIMA, C. H. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 38. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.

SAID ALI, M. **Gramática secundária da língua portuguesa**. 3. ed. São Paulo: Melhoramentos.

SOUSA DA SILVEIRA. **Lições de português**. 6. ed. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1960.

VILELA, M.; KOCH, I. V. **Gramática da língua portuguesa**: gramática da palavra, gramática da frase, gramática do texto/discurso. Coimbra: Almedina, 2001.

ZILLES, A. M. S. A posposição do sujeito na fala de Porto Alegre e São Borja. In: INDURSKY, F.; CAMPOS, M. do C. **Discurso, memória, identidade**. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 2000.